Marquez de Pombal

O CENTENARIO
E VIDA
DO
MARQUEZ DE POMBAL

ESTUDO BIOGRAPHICO SOBRE A VIDA DO PRIMEIRO
GENIO POLITICO DE PORTUGAL,
ADORNADO DE UM NOVO RETRATO, ALGUMAS NOTAS CRITICAS E MUITOS
DOCUMENTOS INTERESSANTES, QUE MUITO HONRAM
A MEMORIA DO IMMORTAL AVÔ DO DUQUE DE SALDANHA

POR

JOSÉ PALMELLA

4ª Edição, Augmentada

RIO DE JANEIRO
Editor, O COMMENDADOR F. A. FERREIRA DE MELLO
—
1883

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

BARÃO DE WILDICK

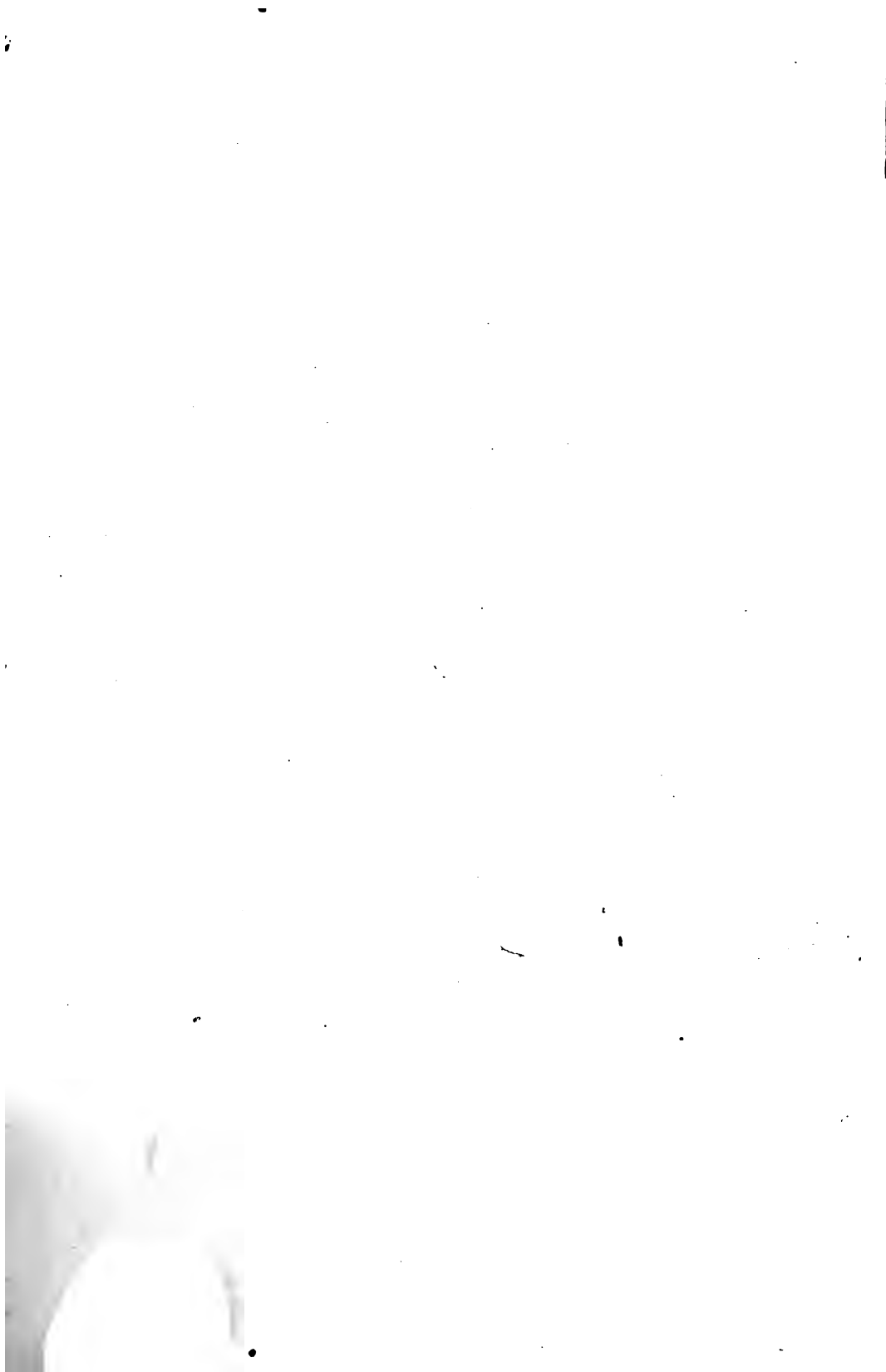
Permitta-me V. Exª. que eu tenha a honra de lhe dedicar a 4.ª edição d'esta obra consagrada ao illustre patriota, o immortal Marquez de Pombal, em testemunho do muito que devo, preso e considero o alto espirito, e as nobres qualidades que illuminam o honrado caracter de V. Exª.

Cumprindo este dever, que a minha gratidão ordena, rogo a V. Exª. se digne relevar-me a humildade deste meu tributo, pela sincera expontaneidade que o anima.

Rio, 20 de Abril de 1883.

De V. Exª.

Muito affectuoso amigo, humilde criado e obrigado

José Palmella.

Ao Leitor

Achando-se esgotadas as tres edições, que foram publicadas com a data de 1881 e 1882, sobre a vida do illustre Marquez de Pombal, cedemos ao desejo, que nos manifestáram alguns amigos, publicando esta 4.ª edição, no momento em que se aproxima o 101.º anniversario em que tão distincto e preclaro estadista abandonou a esphera terrestre para voar ao mundo dos immortaes.

— Apparece esta 4.ª edição accréscentada com diversas notas, que tendem, não só a esclarecer muitos pontos duvidosos, mas a refutar numerosos erros commettidos pelos distinctos escriptores:—Pinheiro Chagas, Innocencio da Silva, Ramalho Ortigão e outros, não menos notaveis na esphera litteraria e scientifica.

— Alguns periodos foram modificados e retocados; outros, em geral, conservam a mesma feição das edições anteriores.

Coube-nos a honra de sermos o primeiro, aqui no Brazil, a escrever e a fallar em publico sobre os festejos, que, mais tarde, se consagráram ao centenario de Pombal. Começámos a propaganda um anno antes no Rio, S. Paulo, e em Minas, fazendo tudo que estava ao nosso alcance, afim de que a idéa triumphasse, e fosse coroada pelo enthusiasmo popular.

Depois dos trabalhos de gabinete, e publicada a obra, subimos á tribuna popular, afim de tornar bem patente e conhecido o espirito politico das grandes reformas operadas pelo glorioso Pombal.

Offertámos aos jornaes, bibliothecas, particulares amigos, conhecidos, e a estranhos, uns mil volumes, com o seu competente retrato. Perto de 600 volumes desappareceram contra a nossa vontade; não importa....

Obtivemos das conferencias publicas, que fizemos, uma pequena somma para auxilio da instrucção do sexo feminino, que frequenta o *Lyceo de Artes e Officios*, a favor do qual pugnaremos sempre, como o temos feito ha 16 annos, por meio dos nossos escriptos, e da palavra em dezenas de conferencias publicas, porque estâmos convencidos ha muito tempo, desde que alçámos o nosso espirito para

o mundo social, de que: *Sem a educação e a instrucção da mulher, jamais poderá haver verdadeira civilisação.*

Esta admiração pelo grande Pombal, acarretou-nos algumas dezenas de iras tolas e aparvalhadas, lançadas por uns impertigados lunaticos, que nunca estudáram o que foi o Marquez de Pombal, nem podem estudar, porque da-lhes trabalho, e *isso é tarefa de mau gosto* para quem deseja sempre apresentar-se com o seu brilhante diploma de bacharel pela *academia da occiosidade.*

Em compensação d'estes despeitos, temos obtido muitas sympathias, e o prazer de ver triumphar a verdade e a justiça, pela glorificação do grande genio de Pombal.

Na verdade, esta glorificação não podia ser, nem mais significativa, nem mais eloquente, nem mais brilhante do que foi: tanto aqui, no vasto imperio Brazileiro, como lá, entre as margens do aurifero Tejo e Douro.

Em ambos os mundos, a flôr da mocidade academica accorreo pressurosa, irradiante de enthusiasmo para corôar de viridantes louros, a fronte immortal do insigne Marquez.

Aqui, todos os corpos academicos, associações litterarias, artisticas, industriaes, commerciaes, etc, apresentáram-se com um deslumbramento singular para festejar o primeiro centenario do grande ministro de D. José I.

Entre os clubs da côrte, que promoveram festejos em honra de Pombal, o *Guanabarense* foi o que mais se distinguio, seguindo-se depois o *Club Gymnastico Portuguez*, *Congresso* e outros muitos, que se formáram, sob os auspicios de tão laureado nome, como: a S.S. Mutuos *Centenario do Marquez de Pombal*, *Memoria a Pombal*, etc.

As festas tornaram-se populares e com tanto brilho, variedade e explendor, que deixaram a perder de vista tudo que mais fulgurante se apresentou no tricentenario do immortal epico Luiz de Camões.

A illuminação da bahia de Botafogo foi d'um effeito e deslumbramento babylonico.

O jardim do campo da Acclamação apresentou-se com uma sumptuosidade—verdadeiramente oriental.

A illuminação, que ali brilhava artisticamente atravêz dos frondosos arvoredos, contornava os serenos lagos, doirava a sussurrante cascata, circumdava os magnificos pavilhões e illuminava a magestosa estatua do Mar-

quez de Pombal, era d'um aspecto fascinador, ethereo, e maravilhoso.

Estas sumptuosas festas provocaram a ira dos reaccionarios, do carolismo hypocrita, e dos ultramontanos; ellas fizeram com que elles rugissem, blasphemassem, adulterassem os factos historicos, commettessem anachronismos, citassem authoridades francezas sem criterio, de tudo lançaram mão; mas, a final tremeram, recuáram e foram-se em sobresaltos rastejando para a tisnada necropole de suas mortuarias idéas, e alr esperarem pela ressurreição do Lazaro Inquisitorial, que é a negação de todas as evoluções progressivas, que podem conduzir o espirito humano para as luminosas espheras da civilisação.

Baldadas reacções e tresloucados sonhos!...

A humanidade caminha e aspira subir para o Sinai da Luz e não descer para o fundo abysmo das trevas.

O tempo dos Neros e dos Caligulas; dos Borgias e Urbanos; dos Innocencios sem *innocencia,* e dos Pios *sem piedade*—foi-se!

Essa espessa noite de crimes e torpesas, que se estendera do throno Olympico dos Cesares até á sumptuosa cupula do Vaticano desappareceo, ao surgir da avermelhada aurora da Revolução franceza; e hoje, em frente da phalange luminósa do positivismo, pode dizer-se, que está completamente extincta.

E' tempo de erguer a cabeça para o ceo das novas idéas e saber — que,o firmamento de Moysés e Josué, não tem mais realidade no mundo da sciencia astronomica, proclamada por Copernico, Galileo e Newton.

Assim no mundo politico e social: os deoses pagãos e as castas indianas desappareceram para darem entrada á humanidade e ao progresso almejado por todas as classes, que aspiram a perfeição moral, a belleza artistica e o esplendor scientifico.

E' para a realisação d'esta trindade que apparecem os novos Pombaes, os Cavours, os Bismarks, os Thiers, os Gambetas, os Hugos, os Saldanhas, os Paranhos, os Dantas, e os Andradas, que ambicionam o consorcio da liberdade, bem entendida, com o brilho da sciencia e o desenvolvimento das Artes.

Lá chegaremos.

Aproveitamo-nos d'este ensejo para manifestar o nosso profundo reconhecimento, tanto á imprensa da côrte, como das provincias do Rio, S. Paulo, e Minas, que, em geral, se dignáram fallar da nossa obra em termos dignos, animadores e lisongeiros.

Aos jornaes reaccionarios e ultramontanos, perdoamos-lhes a ignorancia e as injurias: e d'esta forma, mostramos, que comprehendemos melhor o espirito da religião proclamada por Jesus, do que elles, que se apresentam, como seus apostolos.

Temos a vista muito larga, e o coração mui grande, para limitarmo-nos ao acanhado horisonte d'uma seita, e dar guarida aos pequenos odios.

Ao *Real Club Gymnastico Portuguez* agradecemos a delicadesa e o interesse, que tomou, em a noite de 3 de setembro de 1881, proporcionando-nos o seu vasto salão, e um numeroso, digno, e illustrado auditorio, abrilhantado pela presença do Exm. Sr. Barão de Wildick, muito digno Consul Geral de Portugal, para assistir á nossa conferencia sobre: *O espirito politico e humanitario do Marquez de Pombal*, como se poderá ver pelos respectivos artigos, que vêm no fim do volume, a pag. 105.

Aos numerosos amigos e dedicados cavalheiros, que se interessáram pela divulgação da obra, subscrevendo aos 20, 30, 50, e 100 exemplares; outros offertando, por um só exemplar, quantias principescas,—aqui lhes apresentamos o nosso eterno reconhecimento.

Não citaremos os seus nomes, porque seria preciso apresentar uma longa lista dos que têm direito á nossa gratidão, e que tanto influiram, na longa área que tivemos de percorrer, para o triumpho, não só da palavra, pelas conferencias, como do livro, e dos festejos consagrados ao centenario do popular estadista, que o Pantheon da historia universal recebeo em seu gremio immortal, e fez tomar assento, ao lado dos sublimes humanitarios, conquistando um altar eterno no coração do povo, um tropheo de honra por toda a terra, e uma corôa de glorias—no vasto azul dos ceos.

Rio, 18 de Abril de 1883.

José Palmella

Prologo da 3ª Edição

No ligeiro escripto biographico e politico, que hoje apresentamos á luz publica, sobre o inclyto marquez de Pombal, não temos a insolita pretenção de dar um estudo completo, com quanto tivessemos reunido e accumulado sufficientes materiaes para isso, nem esculpturar o seu grandioso vulto com aquelle primor e finos lavores, que a alteza de seu immenso genio politico, e acrysolado amor patrio requerem; não. O que ahi vai é apenas um ensaio, uma promessa; é apenas uma escassa aurora do brilhante sol, que desejaramos fazer surgir sobre o esplendido horisonte de sua heroica vida, que irá de dia para dia crescendo e avultando desmesuradamente atravéz dos seculos até transpôr o magestoso portico dos semi-deuses, onde descançam, em olympicos assentos, os genios, que na terra se chamavam Lycurgos, Solons, Pericles e todos esses collossaes espiritos reformadores, que desde a mais alta e nebulosa antiguidade Indiana, sob Rama, cantada por Valmiky, no seu Ramayana, até aos nossos dias, sob Thiers, decantados por Victor Hugo, formam essa deslumbrante constellação de luz, que tem guiado a humanidade no oceano de sua tenebrosa e encapellada existencia.

O que ahi vai é pouco para o grande vulto, bem sabemos; mas é sincero, e isto basta, para os que assim pensam. Achar-se-hão defeitos de estylo, e de forma, e as idéas hão de resentir-se do acanhado horisonte que lhes fora traçado; ainda assim, haverá alguma cousa digna e aproveitavel para os que sabem apreciar os estudos historicos e podem erguer-se com sereno desprendimento á altura da verdadeira critica, para formular com imparcialidade e justeza de vistas, os seus luminosos juizos.

Para esses, aparte a sua extrema bondade, alguma coisa acharão de bom e novo, que até hoje ainda não foi directamente apresentado por nenhum biographo do marquez de Pombal; para esses, nutrimos a esperança de que saberão reconhecer quanto trabalho e paciencia nos fôra necessario despender para confrontar datas e corrigir muitos erros chronologicos, historicos, biographicos, até aqui firmados, e sanccionados por notaveis escriptores estrangeiros e nacionaes, como o duque de Chatêlet, John. Smith, Larousse, Bouillet, Vapereau. Luiz Gomes, Pinheiro Chagas, Dr. Fontes, senador Candido Mendes e outros distinctos escriptores.— Para esses, o nosso modesto escripto terá algum valor litterario ; para outros, é-nos indifferente seu juizo, por que não é juizo, mas um mixto, de veneno e lôdo:—esses são os abelhões de rasteiro vôo sempre promptos a esvoaçarem contra todos, que não têm nos grossos labios, o riso alvar de suas impertinentes e estouvadas pretenções, chancelladas pela sua burlesca occiosidade. Para esses, só podem ser applaudidos e coroados os que vivem no reino da orgia, e frequentam, assiduamente, o templo de Baccho. Para esses, nós somos completamente antipodas e acroáticos, não importa ;—para esses, ha na terra muito espaço verdejante e alimento vasto para seus bojudos corpos, como acima do ether, ha ainda ampla luz e vida para os os que rendem culto ao espirito humano, e não apagaram de sua mente a scentelha sagrada, que é sol universal, que illumina e doira eternamente todas as grandes civilisações, como o sol de Copernico illumina e esmalta todas as flores do mundo cosmico.

Eis, a nossa consolação e o grande premio, que nos fará dormir tranquillos á sombra dos loureiros-rosas, que embalsamam e adornam o Jardim da Gloria, no paraiso da civilisação.

Rio de Janeiro 16 de Agosto de 1881

José Palmella

O CENTENARIO
DO
Marquez de Pombal

O ESPIRITO novo, que no seu arrojado vôo illumina o nosso grandioso seculo, e abre suas azas de ouro para animar todas as espheras da actividade humana, conquistando de um a outro hemispherio sempre aureos fructos nas sciencias, nas artes, nas lettras, em todos os ramos da actividade humana, não se olvida, no meio de seus titanicos e vertiginosos commettimentos das suas glorias passadas, dos dignos coripheus de todas as idéas sublimes, dos seus heróes, dos seus genios nacionaes, que promoveram assignalados beneficios, legando, não só á sua patria, mas á humanidade os louros inalteraveis de seus gloriosos feitos.

D'ahi provém essas sumptuosas festas commemorativas dos centenarios, que todas as nações cultas vão hoje solemnisando ao som de enthusiasticos hymnos em honra das suas glorias nacionaes.

E' d'ahi que vemos :—a Allemanha celebrando o centenario do seu immortal Schiller, em 10 de novembro de 1859; a Inglaterra, a Shakspeare, em 1864; a Italia, a Dante e Petrarcha, em 1865 e 1874 ; a França ao seu titanico Voltaire, em 30 de maio de 1878; Portugal, ao seu devino epico Luiz de Camões, em 10 de Junho de 1880; e a Hes-

panha, que até aqui parecia estar adormecida, lá se desperta ao sussurro poetico do seu Manzanares para festejar o seu grandiloco dramaturgo Calderon de la Barca a 25 de maio do corrente anno.

E' justa e gloriosa essa admiração pelos grandes homens, que dominaram e engrandeceram a esphera da arte e do Bello, legando á sua patria, e ao mundo, poemas de idéas, que hão de fulgurar eternamente no céo da civilisação.

E' porém não menos justo e honroso que essa admiração se estenda tambem áquelles illustres varões, que mergulhando no oceano da sciencia social foram através de immensas fadigas e incalculáveis perigos buscar leis, que melhor podessem reger o mundo civil, economico, politico e religioso, e assim garantir a liberdade de consciencia dos repetidos ataques forjados pela implacavel inquisição, e libertar o sacrario social dos pantericos assaltos dos indomaveis jesuitas.

A essa immortal phalange pertence Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras, hoje universalmente conhecido pelo honroso titulo de marquez de Pombal.

Sim, Pombal tem direito e justos titulos á nossa grata admiração, e nenhum filho do nosso seculo, que sinta no craneo um raio de luz, poderá deixar de lhe tecer aureas corôas para cingir-lhe a athletica fronte pelo ardente amor que consagrára á sua patria, pelo engrandecimento da qual consumira e despendera toda a sua herculea actividade e vasto saber administrativo.

Elle symbolisa uma das mais brilhantes e gloriosas épocas da nossa grandeza politica, scientifica, litteraria e economica dos tempos modernos.

Elle representa no meiado do seculo XVIII o renascimento da patria, a resurreição de Portugal erguendo-se da escuridão tumular em que o lançaram, tanto os inquisidores do seculo XVI, como os insaciaveis devoradores da Patriarchal de Lisboa, que lhe sugavam o ultimo alento ao

som fradesco e musical do carrilhão de Mafra, em o fastoso reinado de D. João V.

Elle symbolisa um estadio glorioso na historia do progresso patrio, e sob a apparencia do despotismo, é um dos maiores liberaes e revolucionarios do seculo XVIII, consebendo o projecto de preparar a educação do povo pela instrucção, pelo trabalho livre e pela moralidade, a entrar na fruição dos grandes direitos politicos, que pouco depois foram proclamados pela Revolução franceza e pelo seculo XIX; mas ao som infernal do *Terror* e do sangrento despotismo de Napoleão I.

Pombal é, pois, uma gloria patria e universal; patria, pelo que fez e promoveu a favor do engrandecimento nacional, sustentando e resguardando sempre os brios de sua patria das affrontas estrangeiras; — universal, pelo que soube promulgar a favor da liberdade dos indios, Africanos e Asiaticos, pela expulsão dos jesuitas, não só de Portugal, mas de toda Europa e Novo-mundo.

Elle é para o mundo politico, o que Vasco da Gama e Cabral são para o mundo maritimo, e Camões para o mundo poetico:

Astro de primeira grandeza, que um seculo apresenta para illuminar outros astros a distancias enormes, atravéz do espaço historico.

Ninguem, ao pronunciar o reino de Portugal, desconhece estes tres immortaes nomes:

Vasco da Gama,
Luiz de Camões,
e Pombal.

E porque?

Porque o primeiro descobrio novos mares e horisontes lá pelas doiradas regiões, onde nasce a rubicunda aurora e trouxe, sob seu o opulento manto de vice-rei e almirante das indias, preciosas perolas do antigo paraizo de Ceylão (1) para

(1) Segundo a Biblia Indiana é nesta ilha que Bralma fez apparecer o primeiro homem Adima e Eva. E' ali o paraizo terrael, segundo as Vedas.

adornar com mais esplendor a corôa deslumbrante de sua patria, e alargar os elementos do commercio e civilisação universal.

O segundo, isto é, Camões subio ao setimo céo da Arte e do Bello, e apresentou aos tempos modernos um novo thesouro, um novo mundo de poesia epica para deslumbrar os Homeros, os Virgilios e os Tassos, e transpondo as raias dos feitos patrios, interessar e influir soberamente sobre o espirito de outros povos, que têm vida e assento honroso na galeria da historia.

O terceiro, isto é, Pombal, soube esmagar o passado com o flammigero lúbaro das novas idéas, e quando viu sua patria fulminada pelo rubro fogo dos vulcões, abalado e revolvido o solo de seus antepassados, como transformado n'um oceano de ruinas, disse, n'um tom homerico, á formosa rainha do Tejo:

—Resurgi, ó bella filha de Ulysses, do grande Affonso e de Albuquerque!

E a bella rainha da antiga Lusitania resurgiu, não mais em seu throno acanhado e tortuoso; mas n'um mais espaçoso, elegante, e esplendido com a sua fronte circumdada de uma nova luz diamantina como quem tinha de tomar um assento mais condigno no regio banquete da liberdade e da civilisação moderna.

Eis a sua Iliada, eis o seu grandioso poema aureolado pelo diadema de novas instituições civis, pelo seu amor á orphandade, dando-lhe asylos; pelo seu amor ao povo, dando-lhe escolas praticas para receber o alimento da instrucção propria a tornal-o apto para a vida social, e assim concorrer, com suas robustas forças, para o engrandecimento da Patria.

Publicando, pois, este modesto trabalho sobre o eminente estadista, que tanta gloria dera a Portugal, temos em vista apontar quão merecedor elle é, apezar dos alliados das trevas, de que se lhe promovam enthusiasticas festas por occasião do seu centenario, que está mui proximo, justificando

por este meio, que somos verdadeiros filhos de um seculo, que tem em vista, não só progredir e avançar para as eminencias esplendorosas da mais alta civilisação; mas tambem reparar as injustiças, faltas e erros, que nos foram legados pelos que nos precederam na vida historica.

Estamos convencidos de que esta commemoração vem mui a proposito para repellir os assaltos, que neste momento lá estão dando em Portugal os ferrenhos jesuitas, batidos desabridamente pelo azorrague de Grevy, Gambetta (1) e Victor Hugo, e que ha de encontrar um brilhante écho, tanto lá no patrio solo de Herculano, Garrett e Latino Coelho, como aqui no joven imperio de José Bonifacio, Alencar e Castro Alves; aqui onde o grande Pombal promoveu tantos beneficios sob o regimen colonial, e onde, como demonstraremos, se firma um dos frondosos troncos de seus avós, que despontára lá pelas alturas da antiga Marim dos Tobayaras, na poetica Olinda, a Venesa americana, onde se deslisam os crystallinos Biberine e Capibaribe atravez da encantadora cidade do Recife, outr'ora dominio e vivenda de alguns decendentes do immortal Affonso de Albuquerque, e do nobre florentino Filippe Cavalcanti, troncos de numerosas familias, que ainda hoje brilham e florescem, não só em Pernambuco; mas em outras provincias do vasto imperio brasileiro.

Aqui registramos, pois, rapidamente, a luminosa vida do grande Pombal, sob quatro faces distintas:

A primeira, comprehendendo desde os seus ascendentes e nascimento até a sua vida academica;

A segunda, desde a sua vida academica até á sua carreira diplomatica;

A terceira comprehenderá, mui de relance, a sua brilhante carreira politica e administrativa até á morte de D. José I.

(1) Acaba de fallecer no dia, 31 de Dezembro pp. Este jovem glorioso genio politico da França. É uma perda irreparavel.

A quarta, apontará o seu exilio em a villa de Pombal, onde findou seus amargurados dias, torturado pelos odios e calumnias das negras sotainas jesuiticas, e arrogantes nobres que o seu omnipotente genio humilhara: mas abençoado pelo povo, e pela classe media, que nelle encontrava o seu poderoso escudo contra todos os tyrannetes da jerarchia nobiliaria e clerical.

Por essas diversas faces de sua vida conhecer-se-ha, ainda que de leve, o direito que elle tem á glorificação dos modernos tempos, como um dos maiores vultos nacionaes, que tanto brilho dardejára sobre o moderno Portugal, n'um tempo em que as rivalidades nacionaes erão tão patentes, e em que as revoluções politicas e scientificas desdobravam os seus estandartes de fogo ao som do clarim revolucionario, desde o inculto povo moscovita lá pelo norte da velha Europa até ás perfumadas regiões da Virgina e Philadelphia, em o novo mundo.

Render, pois, culto a um vulto d'esta ordem, é render culto á patria e á civilisação.

Quem não sentir este amor sublime, e não comprehender esta santa idéa, escusa de ler este modesto escripto que, na sua essencia, é uma homenagem ao grande genio de Pombal, e um reverente culto á Patria, que lhe dera a vida—templo augusto, onde se ajoelham todos os seus benemeritos filhos para entoarem mysticas harmonias em honra dessa trindade divina, que tando brilho e magestade dá ao nosso seculo, isto é.—Amor á Liberdade, á Justiça e á Humanidade.

I

Sobre a esplendida galeria dos imponentes vultos politicos, que tomam principesco assento, no seculo XVIII, apparece sobranceiro e nobremente o magestoso busto do marquez de Pombal, com sua espaçosa fronte coroada de luz e o seu olhar aquilino para fulminar os prejuizos e fanatismos seculares, que em Portugal se abrigavam sob as doiradas cupulas da nobresa e resvalavam com assombrosa hypocrisia atravez dos luxuosos claustros e abbadias clericaes.

Como D. João II, no seculo XV, ao conter os assomos conspiradores da insolente nobreza, fez cahir e rolar a seus pés as altivas cabeças dos duques de Bragança e de Viseu; como Carlos VII, Luiz XI, e o indomavel Rechelieu, sob Luiz XIII, em os seculos XV e XVII, em França; como Henrique VIII e Cromwell na Inglaterra, em os seculos XVI e XVII; como o conde de Lefort, sob Pedro Grande da Russia, e o principe de Salm, sob o imperador José I da Allemanha, entre os fins do seculo XVII, e começo do seculo XVIII; assim o grande Pombal nos apparece, em o meiado do seculo XVIII, para abater as duas monstruosas hydras— o clero e a nobreza, — as quaes devoravam a vida do colossal imperio portuguez, que desde as encantadoras margens do Tejo estendia seus gigantescos braços para cingir: de um lado as mais bellas regiões do pomposo oriente indiano, do outro, um novo mundo rico de maravilhas naturaes fluctuando sobre um oceano de esmeraldas e saphiras, tendo por docel um céo coroado de novos e scintillantes astros.

Animado de portentosas e salutares idéas, emprehendeu chegado á sumidade do poder politico, afastar todos os

obstaculos, que se oppunham á elevação da soberania nácional, e ambicionando tornal-a nobre e livre de todas as pressões aristocraticas e clericaes, que até ali erguiam-se como uma muralha chineza para deter as ondas flammejantes do progresso, tractou de dar á sua patria toda aluz de seu espirito para acompanhar o movimento da civilisação, que do centro da Europa surgia em luminosas constellações para adornar o céo da sciencia e da politica; a força e a energia de sua vontade para tornal-a heiroica e magestosa aos olhos dos estranhos, e assim percorrendo os differentes circulos de ouro, que havia concebido e traçado em seu vasto espirito, fazel-a chegar ao apogeu da grandeza, e merecer os applausos da prosteridade, que é o premio reservado aos povos, que sabem destruir o frio gladio da morte.

Antes de folhearmos a sua vida publica, relanciemos um momento pela época em que nascera, quaes os seus ascendentes, o verdadeiro logar do seu torrão natal, que influencia moral e politica teria sobre seu espirito o seculo em que se educara e vivera para tornal-o tão notavel entre os estadistas do seu tempo, e conquistar essa admiração postera, que ha perto de um seculo o envolve cheio de respeitoso acatamento em o seu manto de purpura, como um dos seus mais predilectos filhos da gloria.

II

Pombal nasceu no seculo XVII, no momento em que a Europa era agitada, e se debatia,—em geral, pelas guerras politicas, despertadas pela ambiciosas supremacias dynasticas entre a casa borbonica e o oppulenta casa d'Austria, atravéz das quaes, entretanto, a sciencia caminhava e progredia em differentes pavilhões de luz, para no seculo seguinte dar, com prodiga exhuberancia, toda a excellencia de seus doirados fructos.

Era o seculo em que, ao lado das soberanias reaes, surgiam os soberaneos da sciencia e da litteratura.

Era o seculo em que a grande Izabel, soberana de Inglaterra, depois de ter feito decepar a graciosa cabeça da formosa Maria Stuart, rainha da Escossia; de ter visto com riso satanico despedaçar-se a celebre *Armada Invencivel* de Felippe II de Hespanha, sobre os seus tisnados rochedos da Escossia e da Irlanda;—depois de levar ao cadafalso o seu favorito o famoso Conde de Essex, desce repentinamente ao sepulchro com o rosto ainda avermelhado do sangue de suas victimas, parecendo incumbir ao sombrio Cromwell de revolucionar o mundo politico e abater, no cinzento pó, a cabeça do teimoso Carlos I. E' então que apparece o grande genio de Milton para defendel-o e legar á Inglaterra o seu immortal *Paraiso Perdido.* Depois, Bacon, para revolucionar o mundo phylosophico com o seu *Navum Organum;* Shakspeiare, o mundo da arte dramatica, legando á litteratura, entre mil primores, o seu mui deslumbrante *Hambet*; Loke, o velho direito divino do rei Jacques,—pelo novo direito da realeza humana e progressiva; — Newton, o mundo astronomico—pelas leis da attracção universal.

E' o seculo em que Henrique IV, depois de regenerar a França com seu amigo o duque Sully, cae com toda a sua realeza e popularidade sobre o relusente punhal do fanatico padre Ravallac, talvez por ter a generosa idéa liberal de conceder doze annos antes o *Edito de Nantes,* que oitentà e sete annos depois fora revogado pela magestosa impolitica de Luiz XIV sobre a inspiração da beata Maintenou e do seu orgulhoso e sanguinario ministro, o marquez de Lovois.

E' o seculo em que foi proclamado o tratado de Westphalia, depois de 30 annos de sangrentas lutas.

E' o seculo em que apparece o grande duque de Rechelieu, o magestoso Luiz XIV Mazarin, e Colbert para abrilhantarem a politica; Bossuet, Fenelon e Massillon, a religião; Corneille, Molière e Racine, o theatro; Descartes e Pascal, a philosophia; Mme. de Rambonillet, a litteratura.

E' o seculo de Calderon, de Cervantes e Lopes da Veiga para abrilhantarem a Hespanha.

E' o seculo do universal Leibenitz e Kepler para a Allemanha; de Tornicelle, o discipulo do Galileo, para Italia.

E' o seculo em que Portugal sacode o despotico jugo inquisitorial dos Filippes de Hespanha, sellando a sua heroica independencia na celebre batalha de Montijo em 1644, conseguida pelo glorioso Mathias de Albuquerque, como em 1385, já o havia feito na batalha de Aljubarrota pelo indomavel Achilles portuguez, o immortal D. Nuno Alvares Pereira, contra o poderoso rei D. João de Castella.

E' o seculo em que o feliz D. João IV tem a gloria de possuir um padre Macedo, que além de grande diplomata para advogar em França os interesses politicos de Portugal, sabia sustentar theses scientificas em Roma sobre todos os conhecimentos humanos, como um Pico de Mirandola, esse prodigio, que havia espantado os sabios romanos no seculo XV, e compor versos em latim e dramas, que tiveram a honra de serem representados na côrte do immortal Luiz XIV, a mais erudita e orgulhosa do seculo XVII.

E' o seculo em que apparece um assombroso padre Antonio Vieira, que depois de tantos serviços diplomaticos e religiosos prestados em Portugal e no Brazil, terminou alfim seus gloriosos dias na Bahia, dous annos antes do nascimento do grande Pombal, o amigo e protector dos indios brasileiros.

E' o seculo em que o immortal Galileo bate o pé em Roma contra o pensar dos infernaes inquisidores e brada aos quatro ventos do globo:

A terra gira! E os echos da santa verdade proclamada, vibrando sonoramente no espaço, foram repercutindo até á esphera universal: *A terra gira! a terra gira!*

E d'ahi em diante, não só a terra girou em torno do astro-rei, para obedecer a lei da attracção universal dos corpos; mas parece ter roubado mais um raio de luz ao sol para

abrilhantar a mecanica celeste, e enriquecer a mechanica industrial no mundo economico e social, concorrendo para a gloriosa transformação da sciencia moderna, que auxiliando o administrador politico, ha de encaminhar a humanidade para a sua desejada Promissão.

E' o seculo, emfim, em que todas as nações da Europa têm ao lado da sombria effigie da guerra, um raio purpurino de gloria para illuminal-as no aureo templo da civilisação.

Pombal nasceu, pois, como dissemos, em o ultimo anno do seculo XVII, em 1699, sob o reinado de D. Pedro II, e depois de atravessar gloriosamente os dous reinados de D. João V e D. José I, veio a findar os seus ultimos dias, em o reinado de D. Maria I, esposa de Pedro III.

No mesmo anno do seu nascimento deu-se a coincidencia de terminar sua vida em Moscow, o celebre almirante Lefort ministro reformador e intimo amigo do imperador Pedro Grande da Russia; em França, o illustre cardeal de Retz e o immortal autor da Athalia, Rocine.

Em Hespanha falleceu a esposa de Carlos II, o qual tambem no anno subsequente baixou á região das sombras, em o 1º de novembro de 1700, fazendo com que por seu testamento subisse ao throno hespanhol um filho da casa de Bourbon, D. Felippe duque d'Anjou, neto de Luiz XIV, conhecido na galeria historica por Felippe V de Hespanha, legando, por este motivo mais uma calamidade para a Europa, pois deu logar a uma guerra de treze annos, guerra sangrenta, que só veio terminar pela paz de Utrechet, Rastadt, representada pela França, Inglaterra, Allemanha, Portugal, etc.

Foi nesta guerra chamada da *Successão,* que o pae de Pombal servio como capitão de cavallaria, e que Portugal soffreu mais uma decepção com a sua *alliada* Inglaterra, que egoisticamente a abandonou em 1711, por occasião da morte do imperador José I da Allemanha.

Foi mais um doloroso encargo do triste reinado de D. Pedro II transmittido a seu filho D. João V para augmentar aos que elle, pelo seu mau governo e má politica, havia de aggravar consideravelmente, durante o seu longo e fastoso reinado de quarenta e quatro annos, infelizmente para Portugal.

Nascido no ultimo anno desse seculo, todo enrubescido de sanguinarias guerras religiosas, politicas e scientificas, Sebastião de Carvalho, recebia em sua ardente natureza os ultimos raios desse rubro sol, que illuminara a heiroca independencia de Portugal, desse sol, que illuminara a fronte de um Cromwell, de um Rechelieu, de um Lefort e Vieira, e, na primeira aurora da vida, vinha saudar a primeira aurora, que despontava no vasto horisonte do seculo XVIII, crescendo com elle em forças physicas e intellectuaes, para, chegado ao zenith de grande vida politica, tornar-se, um dos seus brilhantes astros, e depois voar triumphante para a doirada constellação, que gira pelo azul ethereo a zombar da eternidade.

Filho de um seculo revolucionario, educado n'outro não menos revolucionario e essencialmiente reformista, o illustre Carvalho tinha portanto, de obedecer a lei do meio civilisador, apontado por H. Taine, e tornar-se um dos mais activos collaboradores desse grande Sinai de luz, que o seculo XVIII apresentou ao mundo das idéas.

E' tempo de entrarmos no portico genealogico do grande, homem e vermos d'onde brotou este Carvalho, que mais tarde tornou-se tão frondoso, ensombrando outros Carvalhos, e derrubando os mais altivos cedros, que até ahi pareciam ameaçar e escalar o proprio céo da realeza.

III

Sebastião José de Carvalho e Mello vio o primeiro raio da sua vida em a magnifica cidade de Lisboa, a soberana rainha do magestoso Tejo, outr'ora a metropole do commercio universal.

Foi ali, que a 13 de Maio de 1699, em casa de seus paes, na rua Formosa, madrugou este grande genio, ao som das harmonias, que entoava a primavera, embalsamando-lhe a vida as primeiras rosas de Maio, que adornavam o jardim dessa bella e encantadora estação.

Era filho legitimo de Manoel Carvalho de Athayde, moço fidalgo da Casa Real, commendador da ordem de Christo e capitão de cavallaria em *a guerra da Successão* de Hespanha, em 1706, como já dissemos, senhor, da quinta da Granja e de D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, filha dos morgados dos Olivaes e Souto d'El-Rei

Recebeu o baptismo na freguezia das Mercês, sendo seu padrinho, Sebastião de Carvalho e Mello, seu avô paterno.

Dos seus irmãos e irmãs são bem conhecidos:

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que exerceu o logar de governador do Pará e Maranhão e diversas missões diplomaticas para a execução do tratado de limites de 13 de Janeiro de 1750, entre Portugal e a Hespanha, celebrado em Madrid, tanto ao norte como ao sul do Brazil.

Paulo de Carvalho, que fôra monsenhor da Patriarchal de Lisbôa, commissario Geral da Cruzada, inquisidor geral do Santo-officio e Dom prior de Guimarães, e teria disfructado o barrete de cardeal, que o Papa Ganganelli lhe concedeu, se a morte o não tivesse arrebatado da esphera dos vivos, no momento em que lh'o enviava a Lisbôa; e José Joaquim de Carvalho, que morreu na India combatendo pela patria.

Das suas duas irmãs, que ambas se tornaram religiosas, chamava-se a primeira D. Maria Magdalena de Mendonça, a segunda D. Mayor Luiza de Mendonça.

E' mui curiosa a ascendencia deste illustre homem, dando logar a que uns biographos o julgassem filho do Pará, outros de Pernambuco ou Bahia, e outros em fim, ou nada diziam ou davam-n'o como nascido em Soure, em Coimbra, Pombal, etc.

A verdade é que, ainda hoje, a maioria das obras estrangeiras e algumas nacionaes, que tratam da vida de Pombal, dam-n'o como nascido em Soure, ou Coimbra, como fez o duque de Châtelet, em sua obra sobre Portugal, apezar de ha muitas annos estar sufficientemente averiguado que fora em Lisboa, designando-se bem claramente a casa em que vira o primeiro raiar da existencia.

O fallecido Senador Candido Mendes, compartilhando tambem desta erronea opinião, levado talvez, pelo odio que votava ao grande Pombal, diz na sua obra: — *Direito Civil e Ecclesiastico Brazileiro,* que elle era de Soure; mas que os lisongeiros fizeram-n'o mais tarde filho de Lisboa, para não dar essa honra aquelle insignificante logar.

Parece-nos que a razão destes erros, em Portugal, está: em aquelle illustre ministro ter possuido algumas propriedades, herdadas de seus avós, em Soure, Redinha, etc; e no Brazil, por que alguns dos seus ascendentes e parentes viveram e outros nasceram e cazaram-se em Pernambuco; d'ahi provêm a illusão de que Pombal era nascido no Brazil, como por muito tempo passou um seu contemporaneo, o illustre poeta Gonzaga, que hoje está reconhecido ter nascido em Portugal, na cidade do Porto.

Reservando para adiante explicar, n'uma nota especial e ascendencia de Pombal, conforme averiguações feitas entre os mais abalisados historiadores, chronistas e biographicos, diremos apenas, de passagem, que a sua ascendencia, pelo lado materno, remonta-se a um frondoso tronco da mais opulenta e forte raça dos Tupis; soberana dominadora das outras tribus, como a dos Cahetés, que habitavam no principio do seculo XVI, as florestas virginaes, que luxosamente coroavam a fronte da antiga Merim, hoje, a poetica Olinda, em Pernambuco.

Esta raça é a dos Tobayras, que segundo nos assevera o chronista Frei Antonio Jaboatão, tinha por chefe, nesse tempo, o famoso morubixába ou chefe dos Tabayarás (1)

---

(1) Veja a nota A...

Arco-Verde, pae da princeza D. Maria, á qual se ligara Jeronymo d'Albuquerque, vindo a ser, por este motivo, sexta avó do Marquez de Pombal, como adiante demonstraremos (1).

Pelo lado paterno, quer o senador Candido Mendes presumir que Pombal descenda da raça dos principes idomens, ou Herodianos da Judéa, por causa de um filho de Herodes que veio á Lusitania atravéz das Gallias e da Hespanha habitar perto de Pombal ou Redinha; mas como este assumpto se prende a outras proposições avançadas pelo erudito senador, em tempo opportuno daremos a publico uma memoria, afim de refutar tudo que ha de apaixonado, calumnioso, inexacto e affrontoso á memoria gloriosa do illustre Pombal.

Passando agora a tratar de sua infancia e educação litteraria, diremos que pouco se sabe, havendo muitas divergencias, entre os auctores sobre a carreira das armas, que muitos affirmam ter seguido em sua mocidade,

Os ultimos trabalhos, que conhecemos, são: o de Luiz Gomes, em francez:—*Le Marquis de Pombal,* publicado em 1869, em Lisboa; e de Pinheiro Chagas uma biographia com o mesmo titulo, que é quasi uma cópia de Luiz Gomes, com insignificantes variantes.—Diz o primeiro que é falso ter elle seguido a carreira militar, baseando-se n'uma carta escripta em Lisboa, no tempo em que vivia Pombal, a qual refuta completamente essa asserção formulada no Jornal de Bruxellas. (2) O segundo, isto é, Pinheiro Chagas, confessa que ha divergencias entre os biographos, e passando de largo, diz:—seja como for, o que é verdade, é que elle figurou em sua mocidade na roda dos fidalgos turbulentos e desordeiros, que pertubavam altamente a cidade de Lisboa com suas rixas e dissoluções: é o que assevera o duque de Châtelet e outros biographos, que se têm occupado de Pombal.

Sobre sua carreira scientifica em Coimbra, tambem asse-

(1(Vide a nota B...
(2) Vid. *Le Marquez de Pombal,* pag. 30—Nota.

vera Luiz Gomes, que não ha razões para tal affirmação, presumindo que elle estudasse em casa de seus paes, mesmo o direito civil, sob a sábia direcção de seu tio Paulo de Carvalho, arcipreste do bispado.

Nesse ponto estamos de accordo, porque se tivesse seguido algum curso scientifico em Coimbra, ou frequentado a Universidade, mui facil seria obter-se uma informação irrecusavel.

O que não resta duvida é que o joven Carvalho estudava, e não perdia seu tempo loucamente, porque foi apparecendo a publico por seus escriptos, dando occasião a que seu tio Paulo de Carvalho o apresentasse ao Cardeal da Motta, então ministro e valido de D. João V, que, fazendo-o conhecer ao Rei, teve em breve a honra de ser nomeado socio da *Academia Real de Historia,* em 1733, onde figuravam os principaes talentos daquelle tempo, como: Alexandre de Gusmão, Rocha Pitta, D. Antonio Caetano de Souza, auctor da *Historia Geneologica da Casa Real Portugueza,* e outros cavalheiros notaveis pelos seus trabalhos litterarios e scientificos.

Foi nesta academia que o illustre Carvalho recitou um discurso ou *Pratica,* que se acha na collecção do Diccionario pelo qual mais se recommendou ao espirito de João V, a ponto deste monarcha mostrar o vivo desejo que tinha de ver o joven academico occupar-se de algum ponto historico ou vida de algum dos Reis portuguezes, que mais tinham abrilhantado com seus gloriosos feitos o pantheon historico de Portugal.

Infelizmente, por motivos, que nos são desconhecidos, não pôde o brilhante talento de Carvalho satisfazer a regia aspiração do ostentoso monarcha.

Entretanto, se notarmos n'um acontecimento, que se dera no mesmo anno, em que entrára para a *Academia Real,* talvez se encontre a razão porque Carvalho não realisou o nobre desejo do Rei: este acontecimento foi o brilhante consorcio do illustre academico com a distincta fidalga D. Thereza de Mendonça e Almada, joven viuva de D. Antonio de Men-

donça, sobrinha do Conde dos Arcos, e aparentada por affinidade com o illustre marquez de Minas, que tão celebre se tornára na guerra da *Successão* de Hespanha, em 1706, como general do exercito portuguez.

Este facto, portanto, sendo um dos mais importantes da sua vida social, e aggravado pela opposição da orgulhosa familia de D. Theresa, não lhe podiam dar o repouso de espirito necessario para occupar-se de theses litterarias ou scientificas, que dependiam de eruditas investigações historicas, e por conseguinte, da indispensavel calma e serenidade de espirito, afim, de bem descriminar os factos reaes dos erroneos; provaveis, elevando-os, á esphera de uma critica esclarecida, imparcial e animal-os, emfim, daquelle colorido e esplendor, que o bom gosto requer para tão magnificos assumptos.

Carvalho teve, pois, de ceder aos impulsos do seu coração e afastar-se, por algum tempo, das lides litterarias.

Dotado de uma presença physica e imponente, associado a uma certa elegancia; de estatura alta, robusto, regular e proporcionado; olhar rasgado e brilhante; intelligencia vigorosa, maneiras agradaveis e sympathicas; com uma linguagem fluente, correcta e voz extremamente sonora, parecia talhado para brilhar na eloquencia parlamentar, se ella existisse então, como mais tarde veio a existir no tempo de Mousinho da Silveira, Almeida Garrett, duque de Palmella, José Estevão, Casal Ribeiro, Mendes Leal e Latino Coelho.

Com tão brilhantes predicados physicos e intellectuaes, Carvalho não podia deixar de ser agradavel aos homens e despertar bellos sentimentos ás aristocraticas damas lisbonenses, que por um dom que lhes é peculiar, parecem advinhar aonde está o diamante mais gracioso para adornarlhes a sua corôa de noiva, como as abelhas, aonde melhor estão as mais bellas flôres de larangeira para formarem o seu delicioso mel.

Entre as jovens damas, que, em gracioso torneio de espirro, adornavam os aristocraticos salões da belleza femi-

nil, em Lisboa, sobresahia a bella sobrinha do opulento conde dos Arcos, que apaixonando-se pelos recommendaveis dotes de Carvalho, e pela sua brilhante figura não trepidou em saltar por cima de todos os brasões das conviniencias e prejuizos de sua familia, para, em certa noute, ir lançar-se-lhe em seus robustos braços e offertar-lhe o seu amor, a sua vida e o seu futuro. Depois, lá se foram ambos, embalados em deliciosos sonhos, fruir sua estrella de nectar em os risonhos campos de Soure, proximo de Coimbra, onde os amorosos idylios se elevam pelas roseas alvoradas e se deslisam em estrophes de harmonia anachreontica, por entre os crystalinos arroyos, esmaltados de açucenas e frondosos loureiros-rosas.

E quem é que despedaçava os grilhões da velha aristocracia e dava mais uma vez o exemplo ao mundo de que elle é o verdadeiro brasão das almas nobres, o unico poder soberano, que domina, desde as altas regiões sideraes até a esphera do poetico Nazareno, que pelos azues da judaica galliléa embalçamava o ar, a vida, e a flôr das novas gerações com o seu divino verbo, a traduzir a essencia etherea, o brilho desse sol que anima todos os seres do universo?—o amor:— santa aspiração das almas puras, enlace purpurino da vida, estrella do nosso porvir, céo da nossa immortalidade.

IV

Terminada ou acalmada esta phase idylica dos seus aureos sonhos de moço; aplacados os odios da fidalguia contra a audacia de Carvalho, em alliar-se a uma das principaes familias da nobresa, tractou Sebastião de Carvalho de encetar uma carreira, que lhe désse nome, e não tardou em fazer sua entrada na diplomacia, graças aos bons desejos de seu tio Paulo de Carvalho e á protecção, que lhe dispensou o Cardeal da Motta, que o nomeou logo ministro plenipotenciario para Londres em Agosto de 1738, em logar de Marco

Antonio de Azeredo, que, por decreto de 7 de agosto do referido anno, fora nomeado ministro de Estado.

E' d'aqui em diante que vamos ver como o genio do futuro marquez de Pombal começa a manifestar-se todo cheio de brilho e vigor.

E' na côrte de Londres, sob Jorge II, que vamos apreciar os primeiros actos publicos, inspirados pelo patriotico diplomata.

E' uma estréa audaciosa, que faria recuar a outro qualquer que não tivesse as proporções aquillinas de Sebastião de Carvalho.

Na verdade, ir para Londres, não era ir para Napoles ; ou para outra capital de mera formalidade diplomatica.

Ir embaixador para Londres, queria dizer que ia para uma nação, onde se debatiam, a cada momento, as questões mais delicadas do direito internacional e de interesses milindrosos, que se tornavam um verdadeiro duelo de vida ou morte para a manutenção da paz, que era indispensavel existir entre ambas as nações, sem quebra da sua dignidade.

Era nescessario, pois, muito tino e sagacidade para conservar a harmonia entre um gabinete tão orgulhoso, como o de D. Jayme, e presidido por ministros eminentes, como Walpole, Newcastle, e mais tarde, o grande Pitt.

Chegado a Londres, foi recebido na qualidade de ministro plenipotenciario de Portugal, em o dia 29 (1) de novembro, em que teve sua primeira audiencia com o rei Jorge II, sendo o seu primeiro ministro lord Walpole.

Ahi teve logo ensejo de realisar uma negociação vantajosa e justa com o governo britanico, a favor dos subditos portuguezes, que eram ali vexados com excessivos impostos e multas, que não só eram injustas, mas offensivas ao tratado que existia entre ambas as nações, em virtude do qual os negociantes inglezes gosavam em Portugal de privilegios e isenções especiaes.

---

(1) Vid. *Quadro Politico Diplomatico, etc,* pelo visconde de Santarem.

Carvalho dirigio, por este motivo, uma reclamação, em setembro de 1739, ao ministro inglez Lord Walpole fazendo-lhe sciente do que havia, e lembrando-lhe o gráo de justiça, que lhe era devida, em consequencia dos tratados em vigor entre as duas potencias. (1)

Emfim, as considerações apresentadas pelo ministro portuguez foram tão convincentes, que lord Walpole, que então era o verdadeiro rei da Inglaterra pela sua atilada politica corruptora, passou a responder em seu officio de 20 de novembro do referido anno;—que Sua Magestade Britanica em attenção ás relações intimas que ligavam os dous gabinetes, houvera por bem, apezar de ir contra o já votado no parlamento inglez sobre os impostos, attender as reclamações do ministro portuguez, e dado as necessarias ordens, afim de que os subditos de Sua Magestade Fidelissima, não fossem mais encommodados em suas pessoas e seus interesses commerciaes.

Este triumpho obtido pelo energico embaixador portuguez, logo á sua chegada em Londres, despertou uma certa admiração e alegria aos portuguezes ali residentes e principalmente a Bento de Magalhães, que havia sido uma das victimas do injusto imposto, exigido pelos inglezes, que entretanto queriam que os seus compatriotas desfructassem em Portugal de regalias, que estavam bem longe de gosa-las na Inglaterra.

Entre os actos de energia de Carvalho, nesta missão diplomatica, cita-se tambem uma reclamação feita por este tempo ao governo inglez, por causa da prisão feita a um cavalheiro, que era medico de Carvalho, o qual foi posto logo em liberdade, attendendo ás regalias inherentes aos embaixadores, e pessoas que fazem parte das embaixadas,

Depois destes expedientes, puramente diplomaticos, tractou o illustre Carvalho de alimentar o seu vasto espirito e

(1) Alguns autores dizem que foi o lord Newcastle, entre elles apparece Pinheiro Chagas; Mas Newcastle só foi ministro annos depois, logo é erro do Snr. Chagas.

actividade com aquelles estudos, que estavam mais em harmonia com as tendencias de seu genio.

Ahi tratou de familiarizar-se com as altas concepções dos grandes ministros historicos, que o haviam precedido na vida, como: Sully, Rechelieu, Mazarin, Colbert, Tracy, Lovois, Straftort, Clarendon, duque de Serme, Olivares, Lionni, Araux, Lefort e o marquez de Ensenada, seu contemporaneo, como presentindo o alto destino, que lhe estava aguardado a desempenhar na historia politica do seu paiz e do mundo civilisado.

Ahi, durante o tempo, que lhe restava da sua missão diplomatica, procurava estudar, atravéz da historia ingleza, a legislação civil e politica desse paiz, e os seus progressos industriaes.

Ahi, teve occasião de meditar sobre esses quadros sangrentos de lutas politicas e religiosas que se lhe desdobravam aos olhos do espirito, desde a *guerra dos cem annos*, começada sob o reinado de Eduardo III, até Henríque VI, que findára seus dias na *Torre de Londres* pela ambição do duque de York, que mais tarde assumira na galeria da historia real de Inglaterra, o nome de Eduardo IV; —até a sangrenta tragedia das *Duas Rozas*, symbolo das duas casas rivaes de York e Lencastre, que afinal terminaram com o regio consorcio da bella filha de Eduardo IV. D. Izabel, com o avarento Henrique VII, o rival de Ricardo III, e seu venceder na batalha de Boswerth, em fins do seculo XV; até Henrique VIII o Luthero regio, contra a Sé Romana; até Izabel e Maria Stuart, as rivaes pelo poder e pela belleza; até Carlos I, e Cromwell, os inimigos politicos, e ambos inimigos do parlamento inglez; — até á Revolução de 1688, produzida pelo espirito fradesco de Jacques II, que afinal teve n'uma certa manhã do frigido dezembro de abandonar o seu palacio de Whit-Ilall, entregar o throno a seu genro Guilherme de Orange, e refugiar-se em França, sob a protecção e hospitalidade de Luiz XIV; até ao glorioso triumpho de unir a Escossia á Inglaterra, formando em

1807, um só parlamento, e na da litteratura um dos movimentos mais brilhantes do começo do seculo XVIII.

Ahi teve occasião de considerar e reflectir profundamente sobre as causas dessas luctas entre a realeza e os parlamentos, isto é, entre o rei e o povo; como o astuto ministro Walpole procedia na sua politica machavelica para corromper o parlamento e ampliar as prerogativas regias, exercendo um verdadeiro despotismo sob o manto da pseudo liberdade parlamentar, em os reinados de Jorge I e Jorge II.

Ahi vio e observou o que havia de real e apparente sobre as chamadas liberdades civis e politicas, e como lord Walpole, o corrector das consciencias parlamentares tinha uma tarifa para cada deputado, como elle mesmo dizia, e por que preço comprava os votos, que lhe convinham para manter-se no poder, e attingir os seus fins politicos.

Depois de ter estudado os vultos celebres atravéz da historia e da experiencia, passou a estudar os monumentos, aos quaes se associavam um raio de luz, que pudesse interessar e enriquecer o seu curioso espirito.

Dirigindo seus olhos para a margem esquerda do Tamisa, ahi devia ver soberbamente erguida a *Torre de Londres* em uma pequena eminencia, cercada por um fosso regado de agua com seus oito torreões, entre os quaes sobresaem seis— pelas rubras tragedias de sangue principesco ali derramado, e muitas doloridas lagrimas, não só de reis e rainhas; mas de principes, duques, e outros personagens de sangue real, entre os quaes se contam os filhos de Eduardo IV, assassinados por seu tio Ricardo de Glocester, em 1483, no mesmo anno em qne D. João II, em Portugal, fazia subir ao cadafalso, em Evora, o duque de Bragança e no anno seguinte o conspirador duque de Viseu, seu primo e cunhado, cahia por terra apunhalado, pelas suas proprias mãos.

Ahi, na Torre de Londres, teve Carvalho de ver ainda o logar em que foi assassinado Henrique VI, o duque de Clarance, o conde Straffort e outros personagens celebres, em que a historia de Inglaterra abunda extraordinariamente.

Ahi estiveram presos e derramaram abundantes lagrimas, a rainha Izabel e sua irmã Maria, em a chamada *Torre dos Sinos*.

Ali, emfim, era de estylo que os reis passassem um dia, antes da sua sagração, para meditarem profundamente sobre o fim que os aguardava, quando por capricho, desvarios ou loucas ambições qnizessem ferir a liberdade dos seus povos, e calcar aos pés os seus direitos sagrados.

Infelizmente, os reis pouco aprendem com as lições dadas a Carlos I e Luiz XVI. Os reis são como os ebrios de profissão, quanto mais promettem e juram em certo dia de não mais beberem, quanto mais embriagados se apresentam no dia seguinte.

O remedio, nesta hypothese, quando elles se mostram tão reluctantes contra a liberdade bem entendida, a liberdade justa, é atiral-os para um tunel e ali afogal-os em vinho de Malvasia, como os inglez fizeram ao duque de Clarençe, em 1478, em Londres na torre de Bowyer.

Carvalho devia ter visitado tambem um monumento muito antigo e riquissimo de funebres recordações historicas: é a Abbadía de Westminster, que se eleva sobre a margem direita do Tamisa, reconstruida por Henrique III e seu filho Eduardo I, em princípios do seculo XIII.

Westminster é o Panteon dos reis e dos homens celebres de Inglaterra.

Ali teria contemplado, o illustre embaixador portuguez, ao lado dos sumptuosos tumultos de Henrique VII, de Maria Stuart e Izabel, a *virgem,* os mausoleos de um Talbot e do immortal Shakspeare.

E' para ali que mais tarde haviam de ir repousar os dous grandes oradores e estadistas inglezes: Fox e William Pitt.

Ali devia ter visitado tambem todos esses monumentos historicos, como:— a *Columna de Londres ou Monument,* que se acha levantada proximo da ponte do Tamisa, com seus 345 degraus, coroada por um globo doirado com brilhantes raios similhando um grande facho, em memoria do terrivel

incendio, que se dera em Londres em 1666, dovorando no espaço de 460 ruas, oitenta e nove igrejas e treze mil casas!..

E' d'ali que o expectador pode alongar a vista e avaliar o movimento daquella Babylonia moderna.

E' d'ali, que depois de apreciar e conhecer, pelos seus proprios olhos, o que era aproveitavel para alimentar o seus vigoroso espirito, podia fazer idéa do estado commercial, industrial, agricola, artistico, scientifico, politico e religioso.

E' ali que devia ter assistido a esplendida festa de inauguração á estatua de Shakspeare, em janeiro de 1741, na Abbadia de Westminster, sob a direcção do conde de Burlington, Pope e outros cavalheiros.

Ali devia ter conhecido as principaes celebridades politicas, scientificas e litterarias, e de ouvir ainda os commentarios e narrações, que se faziam sobre um personagem, que mais tarde havia de tornnar-se o grande soberano da litteratura de França,—Voltaire, que sahido da Bastilha, ali fora permanecer alguns annos, bem como Montesquieu e mais tarde Mirabeau, o soberano da eloquencia, e Rosseau o soberano do *Contracto social.*

No meio destes estudos e observações, proprias de um espirito positivista como era o do illustre embaixador portuguez, um successo extraordinario veio affastal-o destas preoccupações; era a questão dos direitos de *nomina* que em 1742 se agitava, entre a côrte de Vienna e a séde pontifical.

El-rei D. João V, que achava-se em plena harmonia com ambas as cortes, e desejando evitar grande effusão de sangue, offereceu-se como medianeiro nesta magna questão entre o poder temporal e espiritual, e sendo aceito com extrema satisfação por ambas as partes, ordenou immediatamente ao seu embaixador em Londres, Sebastião de Carvalho, que então se achava em Hanover com a côrte do Rei Jorge II, que seguisse para Vienna, segundo as instrucções remettidas, afim de pôr termo a aquella milindrosa negociação, o que assim fez, partindo para aquella côrte em 7 de julho de 1745, e obtendo, em breve tempo, a desejada conciliação entre a imperatriz

Maria Thereza e o papa Benedicto XIV, que havia subido ao throno pontificio, em 1740.

Decorrido algum tempo, despertou-se outra desharmonia entre o papa Benedicto e o imperador Francisco I. em consequencia da opposição, que a Santa-Sé apresentou contra a confirmação dos innumeraveis beneficios e bispados concedidos pelo imperador, ao eleitor de Mayença.

Ahi teve de intervir de novo o diplomata portuguez, em nome d'El-Rei D. João V, e com tanta circumspecção e lucidez se houve neste negocio, que afinal conseguio vencer a resistencia, que offereçia o papado, e portanto a confirmação do eleitor de Mayença.

Foi, pois, mais um triumpho, que o habil diplomata obteve para coroar a sua privilegiada intelligencia.

Deixando de parte as minudencias sobre este assumpto, pelos limites que nos são impostos, diremos sómente, de passagem, que aqui neste novo paiz, neste novo theatro de variados costumes e civilisação, o illustre embaixador não perdeu o seu tempo, como não o perdera em Londres,

Ali o ilustre embaixador Sebastião de Carvalho, vendo crescer de dia para dia o seu prestigio diplomatico, sendo distinctamente recebido e bem considerado na corte de Vienna pela mui illustre e virtuosissima imperatriz D. Maria Thereza, sobrinha e amiga da soberana de Portugal D. Marianna, filha do imperador Leopoldo I, tratou de passar a segundas nupcias com uma illustre fidalga austriaca, por ter enviuvado, segundo alguns autores em 1739; segundo outros, em 1745. (1)

(1) Entre os numerosos autores, que seguem a primeira data. a de 1739, acham-se Luiz Gomes e Pinheiro Chagas; entre os segundos, está John Smith, antigo secretario em Londres do duque de Saldanha, então marquez.

No primeiro caso, estava em Londres Sebastião de Carvalho; no segundo em Vienna. Não tendo tempo para verificar aonde está a verdade, peço ao illustre mestre Latino Coelho, que decida a questão.

Foi no mesmo anno da sua embaixada em Vienna, a 18 de dezembro 1745, e portanto no começo das suas negociações com aquella côrte e a de Roma, que, depois de alguns obstaculos em relação á geneologia de sua familia, que o illustre embaixador portuguez recebeu a mão da joven condessa Leonor Ernestina Daun, filha do general conde Henrique Ricardo Daun, e sobrinha do mui celebre feld-marechal-Daun, mui conhecido na historia d'Austria pelos seus triumphos contra o grande Frederico da Prussia, e extrenuo defensor do brilhante throno de Maria Thereza, a quem ella, n'uma carta dirigida a senhora do grande marquez de Pombal, como adiante veremos, confessa dever o seu throno. (1)

Ao realisar este brilhante consorcio, achava-se o illustre Carvalho em plena vida physica e intellectual, e passados alguns annos em a bella cidade de Vienna d'Austria, e ter conquistado as suas mais brilhantes relações sociaes e politicas, foi obrigado a regressar para Portugal, não só, porque o estado de sua saude assim o exigia, segundo a autorisada opinião e conselho do illustre medico Van-Switen, como porque achando-se gravemente doente El-Rei D. João V, e presentindo-se mudança ministerial, pela sua morte, era de suppor que viesse a encarregar-se d'alguma pasta, graças a protecção da rainha D. Marianna, que agora muito mais se devia interessar pelo engrandecimento de Carvalho, em vista das relações intimas com a familia Daun, a qual se achava ligado Sebastião de Carvalho, e pela influencia tambem da imperatriz Maria Thereza, sobrinha da rainha de Portugal.

---

(1) O Sr. Pinheiro Chagas, com a leviandade que lhe é caracteristica, diz, erradamente nos seus *Portuguezes. Illustres,* pag. 119, que Pombal casára com a filha do Feld-marechal Daun!....

Este Sr. Pinheiro Chagas é uma *chaga* enorme de erros palmares. Podia-se escrever uma obra em dez volumes dos seus erros e ignorancias.

Regressou, pois, o illustre embaixador Carvalho á Lisboa em os primeiros mezes do anno de 1750, pouco antes da morte de D. João V, e não a 1 de Dezembro de 1750, como assevera Luiz de Camões, em sua obra: *Le Marquiz de Pombal*, e o seu traductor o Sr. Dr. Fontes, aqui no Rio de Janeiro, bem como o Sr. Pinheiro Chagas, em seu opusculo, já citado. (1)

Contra esta irreflectida e estouvada asserção do Sr. Pinheiro Chagas, Luiz Gomes, e outros autores, que seguem tão erronea opinião, basta para destruil-a, invocarmos a autoridade official do ministro francez Mr. Blondel, então residente em Vienna, no tempo em que ali se achava o illustre diplomata Carvalho, que é citado por John Smith, em sua obra: *As Memorias do Marquez de Pombal.*

N'esse documento, que é uma nota dirigida pelo ministro frandez ao seu governo, em janeiro de 1750, depois de retratar physica, moral e scientificamente o distincto embaixador portuguez, e de lhe prodigalisar os mais honrosos elogios pelas suas distinctas maneiras e altas qualidades moraes, conclue dizendo: que Sebastião de Carvalho estava prestes a regressar a Lisboa para tomar posse da pasta dos estrangeiros para que fora chamado pela rainha regente D. Marianna, ainda em vida de D. João V.

Portanto, não podia *ter chegado* a Portugal, *nos ultimos annos da morte de D. João V,* como levianamente affirma o Pinheiro Chagas. nem podia ser esquecido pelo governo, quando elle tinha uma tão alta proteção da regente D. Marianna.

Se o Sr. Pinheiro Chagas. em logar de copiar tão cegamente o que dizem os outros autores, tivesse estudado melhor o *seu marquez*, não repetira este disparate, echo de mui-

---

(1) O Sr. Pinheiro, no seu opusculo *O Marquez de Pombal,* diz que Pombal voltou a Lisboa «*nos ultimos annos do reinado de D. João V, onde viveu csquecido pelo governo, que não quiz approveitar sua alta capacidade. Isto é um disparate e um absurdo, que só a leviandade e o affan de querer escrever muito, produz.*

tos outros autores, que seguem o mesmo trilho, sem criterio, nem amor ao estudo; mas só com o fito de passarem aos olhos da multidão inconsciente, por grandes e fecundissimos talentos!..

Um dos autores, que servio de guia ao Sr. Pinheiro Chagas, na sua já citada publicação, Luiz Gomes, tambem, apezar do merecimento que tem a sua obra, sob alguns pontos de vista, não escapou de asseverar um disparate, quando affirmou na sua já citada obra: *Le Marquis de Pombal,* que o illustre Carvalho havia, quando embaixador em Vienna, pedido a sua dimissão, e que chegara em Lisboa em 1 de dezembro de 1750, e apresentado ao rei, fora mal seccedido ou sem resultado!...

Isto, além de anachronico, é absurdo e inverosimil.

O anachronismo está: que em 1º de dezembro de 1750 já não existia sobre o throno de Portugal D. João V, porque tinha sido arrebatado da esphera dos vivos, em 31 de julho do referido anno, por uma especie de lepra, que o contaminava, desde 1742, em que nas Caldas da Rainha, fizera seu testamento e recommendava á frei Gaspar da Encarnação os seus filhos bastardos, que depois tiveram as honras de principe, quando deviam ficar na escuridão em que tinham sido forjados para não virem affrontar a moral publica, e obrigar uma nação inteira a render honras e homenagens a uns productos infesados e gerados pelos dilatados serralhos do Sr. D. João V.

E' absurdo e inverosimil, o dizer-se que fora mal acolhido pelo rei; porque, além de outros motivos, que mais tarde faremos publico, estão: os seus relevantes serviços diplomaticos e excepcionaes, que tanta gloria e prazer deram ao rei; está a protecção da rainha; que era regente, está a influencia e intimidade de sua esposa para com a familia reinante de ambas as côrtes de Portugal e Vienna, portanto; nem podia ser mal recebido pelo rei, porque não existia, no tempo alludido, já porque, dada a hypcthese contraria, não havia razão,

que podesse justificar esse mau recebimento por parte d'El rei. (1)

Fica pois exhuberantemente provado que o illustre Carvalho só podia ter chegado a Lisbôa entre os mezes de fevereiro e junho de 1750, isto é, antes da morte de D. João V, que já repetimos, fora em 31 de julho do referido anno. O que é de suppor é que Carvalho viesse já preparado para entrar no ministerio e influir nos altos destinos administrativos do paiz, attendendo ás reclamações de familia, e á manifesta protecção que lhe dispensava a rainha.

Percorrera, pois, a carreira diplomatica por espaço de doze annos, desempenhando brilhantemente essa alta missão em Londres e Vienna, com uma superioridade de intelligencia, que muita honra e gloria conquistou para a sua patria, e que seu neto, mais tarde, o duque de Saldanha, não desmentio, pelo contrario ergueu, e muito honrou Portugal nessas mesmas cortes, com o brilho de seus talentos militares, e de seu privilegiado genio encyclopedico.

Regressando á sua patria, depois de tão longa ausencia, cercado de immenso prestigio pelo seu atilado genio diplomatico; casado com uma joven fidalga pertencente a uma das mais altas aristocracias da Austria; abençoada esta illustre união com dois filhos e tres formosas filhas, que depois foram-se aliar á mais alta nobreza de Portugal, como florentes vergonteas deste robusto Carvalho, enriquecido pela experiencia dos mais altos negocios politicos, enrobustecido pelo estudo das obras mais profundas sobre a sciencia social e politica do seu tempo; conhe-

---

(1) O Sr Dr. Fontes, que foi o traductor da obra: *Le Marquis de Pombal,* e publicada pelo *Diario do Rio de Janeiro,* além da omissão que commetteu no anno de 1750, data que vem no original francez tambem commetteu o mesmo erro do auctor, dizende que Carvalho chegara no 1º. de dezembro de 1750 sem se lembrar o distincto traductor que o pobre rei já não existia nem animava mais com seu amoroso e regio olhar o convento de Odivellas.

cimento e convivencia com os homens mais sabios e instruidos da sua epocha; orientado do estado, e movimento scientifico, economico e litterario do seu seculo, favorecido pela regia protecção das duas cortes e de suas brilhantes relações e sympathias:—eis as condições vantajosas em que se achava Sebastião de Carvalho, quando terminou a sua missão diplomatica e chegara a Portugal, em 1750.

Agora vamos vel-o assumir as redeas do governo. e estrear-se na espinhosa carreira politica, elevando-se nesta esphera ao gráo de primeiro estadista, não só de Portugal, mas da Europa, onde brilhavam nas differentes nações os mais eminentes estadistas, como:—na Inglaterra, depois de Walpole,—Carteret, Newcastle e mais tarde Pitt; em França, depois de Fleury, um Choisuel e, d'Aiguillon; em Hespanha, um Arauda; na Italia, um Tanuci; na Prussia um Frederico II; na Austria, um Kaunitz, sob o sabio reinado da virtuosa imperatriz Maria Thereza, verdadeiro modelo das soberanas, que desejarem conquistar o amor de seus povos.

Agora vamos ver como este assombroso genio arrancou, não só Portugal do abysmo em que estava para ser tragado pela fradaria de que nos falla Alexandre de Gusmão, e imprevidencia de D. João V; mas como fez recuar espantada a Europa, por mais de uma vez, pelo arrojo da sua imperiosa politica e ardente patriotismo.

Para que mais imparcialmente se possa avaliar o grande alcance e merito das reformas operadas por este grande homem de Estado, seja-nos permittido apresentar um resumido e ligeiro quadro sobre o estado de Portugal, no momento em que elle teve de subir ao poder, em companhia do novo ministerio e novo Rei.

V

Tendo fallecido o sumptuoso Rei D, João V, em 31 de julho de 1750, n'uma sexta-feira, estando com a regencia do reino, a intelligente rainha D. Marianna, subio ao

throno seu filho D. José I, que, segundo as inspirações e conselhos de sua mãi, chamou para fazer parte do novo ministerio, e ooccupar a pasta dos estrangeiros e da guerra, o ex-embaixador de Portugal, em Vienna d'Austria, Sebastião de Carvalho e Mello, por decreto de 2 de Agosto de 1750, e não em 3 como erradamente diz o illustre erudito Innocencio da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, (1)

Para a pasta da Marinha e ultramar Diogo de Mendonça Corte Real, e Pedro da Motta, que fazia parte do antigo ministerio, com a pasta do reino.

Constituido o ministerio, pela ascenção do novo Rei, Portugal ia passar por uma grande transformação em suas leis economicas, civis, politicas e religiosas, que haviam de abalar os alicerces de todas as classes, apresentar a Nação verdadeiramente restaurada e digna de apparecer aos olhos da Europa civilisada.

Vejamos o seu estado.

O estado de Portugal, na occasião em que o illustre Carvalho entrava para o ministerio, era desconsolador e sombrio, sob o ponto de vista religioso, politico, e scientifico, litterario, economico, commercial, industrial, agricola, bem como no exercito de terra e mar.

O numero da população, segundo uma estatistica apresentada pelo duque de Châtelet, em 1777, era de dous milhões e tanta mil almas.

Lisboa devia contar umas cento e cincoenta a cento e sessenta mil almas, entre mouros, judeus, argelinos, marroquinos, negros, indianos, malaios, americanos, inglezes, francezes, italianos, hespanhóes, emfiim gente de quasi todas as raças, que desde o tempo de D. Manoel e D. João III ali haviam affluido pelo seu grande emporio commercial.

---

(1) Quem quizer verificar, veja *Supplemento á Collecção de Legislação Portugueza* pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva, e *Quadro Elementar, Politico e Diplomatico* pelo Visconde de Santarem.

O elemento religioso era vastissimo, em relação a sua população, pois contava mais de oitocentos estabelecimentos religiosos entre conventos e mais casas, que animavam a vida religiosa, calculando-se entre frades, padres e freiras mais de duzentas mil, que devoravam e consumiam parte dos rendimentos do Estado, sem nada produzirem de util, bom e nobre a não ser a enfumaçada superstição; as infructiferas resas, o fanatismo brutal, a crassa ignorancia, porque a instrucção primaria era quasi banida do espirito do povo (1) e a secundaria e superior era dada segundo as conveniencias jesuiticas, e não segundo as necessidades do espirito adiantado entre as outras nações da Europa.

O elemento religioso era pois, em geral, ignorante, immoral, ocioso, libertino, falso e impio, porque em nome de Deus sustentava a inquisição armada a ferro e fogo contra todo o espirito nobre e elevado, que quizesse ter a liberdade de expender as suas opiniões, conforme os ditames de sua consciencia.

O cidadão não tinha a certeza, ao recolher-se á noite para sua casa de amanhecer lá, ou ir parar em alguma fogueira ou jazer na escuridão de um carcere, aonde a tortura, o ferro em braza e mil outros diabolicos instrumentos, inventados por aquelles satanicos espiritos, o aguardavam para torturar-lhe as carnes.

Do medonho tribunal da Inquisição partiam todo os raios, que aprovesse ás negras paixões dos *Santos* inquisidores. (2)

---

(1) Vid— *Historia da Instrucção em Portugal*, por D. Antonio da Costa.

(2) A inquisição foi creada no principio do seculo XIII por Innocencio III contra os Albigenses, passando depois á Hespanha e Portugal sob D. João III, por bulla do Papa Paulo III, datada de 23 de março de 1536. Este tribunal não conhecia outro supe. rior além do Papa; o Rei era apenas protector. Sua jurisdicção era immensa. Tinha quatro tribunaes, sendo um em Evora, e outros em Lisbôa, Coimbra e Gôa, todos subordinados ao Conselho Geral pre-

Da sua persiguição e furor não poderam escapar os mais nobres espiritos do padre Vieira, no seculo anterior á epocha que tratamos, e Philinto Elysio, em 1778, que, para fugir das garras dos ferozes inquisidores, foi necessario exilar-se para a frança, aonde morreu em pariz, em 25 Fevereiro de 1819.

Este tribunal religioso influia, pois, em todas as espheras da sociedade e portanto, na politica, derrubava ou sustentava, quem muito bem lhe aprasia.

A politica era disputada pelas duas grandes potencias, que mais influencia tinham pelas suas riquezas materiaes, brasões e prestigio religioso:—

Era o clero e a nobreza, que associados pelos interesses, ambos caminhavam para o mesmo fim, que era a posse do poder politico e das riquezas pecuniarias.

Frei Gaspar da Encarnação, como o cardeal da Motta, era quem dispunha ás mãos largas dos thesouros, titulos, mercês e empregos do Reino.

Delle se podia obter tudo, logo que se mostrasse fanatico e hypocrita beato de rosario nas mãos.

Era o reinado das contas, das bruchas, das feiticeiras, das missas e confições, da fogueira e dos milagres.

Eram esses assumptos, que preoccupavam o espirito do Rei, dos cardeaes, ministros, e Jesuitas, que cercavam o throno do senhor D. João V.

Até no momento em que se achava reunido o concelho d'Estado, os jesuitas desandavam por estes pueris assumptos e acabavam pela desconpostura bravia e chula: tal era o estado de anarchia e insolencia. que lavrava no seio daquelle reinado, apparentemente magestoso. E para que se não diga que exageramos, aqui transcrevemos um trecho escripto por uma testemunha occular, espirito eminente, e

sidido pelo inquisidor-mór, qve residia em Lisbôa, d'onde como ponto central partiam todos os poderes e ordens para os inquisidores respectivos.

secretario intimo de D. João V· : é Alexandre de Gusmão. Eis o que elle diz n'uma carta a D. Luiz da Cunha, embaixador portuguez em Pariz:

«Como V. Ex. me pede novidades ahi vão finalmente.

«Devemos a S. Rev. o haver proposto a El-rei, que conseguisse do Papa o livrar-nos dos espiritos malignos e de feitiços que causavam neste reino tanto damno, e não ouvia os sentisse as outras nações.»

Os padres tristes deram conta a El-rei da confissão prodigiosa de uma feiticeira que cahiu em seu poder. E creio que será este negocio o maior d'estado deste governo. Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da Motta e na pessoa deste ao nosso amo, (Rei),—O desembargador Francisco Galvão da Fonseca disse a Pedro da Motta —*qae os diabos o levassem*;—o conde de Villa-Nova disse aos criados de um e de outro ministro em presença de muita gente que fossem ambos... o Encerrabodes não sabendo a quem havia pedir a sua carta credencial pelo jogo de empurra em que se viu, disse: *que o nosso governo era hermophrodito.*»

«Isto não são contos arabicos, mas factos certos acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Ex. que Deus guarde—Lisboa, 11 de fevereiro de 1743.—Alexandre de Gusmão.»

Eis, pois, um docomento eloquente do estado de anarchia e desmoralisação em que se achava aquelle fradesco reinado, dominado pela ignorancia e superstição, como o referido Alexandre de Gusmão allude n'uma outra carta, dirigida ao Encerrabodes, quando, ministro de Portugal em Londres, em logar de Sebastião de Carvalho, que havia passado para Vienna d'Austria, como já notamos, quando tratamos da sua vida diplomatica.

O estado da politica era uma luta constante de mesquinhas ambições entre a fradaria, representada por frei Gaspar, valido de João V, Motta e outros, e o jesuitismo associado á principal nobreza, como o duque de Aveiro, mar-

quez de Tavora, e outros. O estado da politica externa estava,por assim dizer,toda entregue ás inspirações do gabinte inglez,—declarando-se *guerra com todo o mundo, mas paz com a Inglaterra cuja santa alliança era muito conveniente.»* (1) Eis o que diziam em conselho de ministros os jesuitas, perante El-rei D. João V, em fevereiro de 1748, segundo nos refeoe o secretario intimo de D. João, na citada carta a D. Luiz da Cunha.

O estado litterarario resentia-se do marasmo e languidez impressas pelo jesuitismo e atrophiamento inquisitorial, a ponto de lançar na fogueira um Antonio José e perseguir outros espiritos distinctos, que abrilhantavam a litteratura como Philinto Elysio, e mais tarde, Bocage, que á protecção do marquez de Pombal, Vianna e outros deveu não ter o mesmo fim do distincto dramaturgo Antonio José.

A litteratura, pois, apezar da creação da *Academia Real de Historia*, em 1720, que tinha em vista animar as lettras, comtudo os seus trabalhos, segundo o dizer do nosso illustre mestre padre Borges de Figueredo, fatigavam mais do que instruiam, foram por isso, quasi sem utilidade:—»tão profundas eram as raizes do mau gosto! (2)

E o illustre visconde de Almeida Garrett, para dar uma idéa da influencia deleteria da litteratura, neste reinado, eis como elle se exprime:

«As academias de historia de litteratura do tempo de D. João V, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se formavam, a mais e mais empeioravam o mal que progressivamente cresceu até o ministerio do marquez de Pombal.» (3)

---

(1) Alexandre de Gusmão, carta a D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal em pariz, em 1748.

(2) *Bosquejo Historico da Litteratura Classica, Grega Latina e Portugueza.*

(3) *Historia da poesia e lingua portugueza* pelo visconde de Almeida Garrett, tit. XXI.

Vê-se, portanto, que a influencia jesuitica, confessada pelos proprios padres illustrados, foi mui fatal e desastrosa para as lettras portuguezas.

Na verdade, os jesuitas por convicção ou arrastados pela machiavelica politica, mostravam-se espantados pelos erros espalhados pelo protestantismo, que altivamente arvorava o seu estandarte de livre exame de consciencia lá por entre os povos do norte, como Allemanha, Suecia, Noruega, Hollanda, Prussia, Suissa e outras nações, e com tão negras côres souberam pintar as consequencias desses erros, se elles tivessem livre entrado em Portugal, que afinal, conseguiram assustar a côrte e a nação, apontando-lhes como perigosa qualquer obra scientifica ou litteraria, importada dessas nações.

D'ahi nasceram os *Indices expurgatorios* de livros, que declaravam criminosas todas as pessoas que tivessem o arrojo de ler taes obras, permittimdo-lhes apenas a leitura das que estavam de accordo com as suas *beatificas* doutrinas.

D'ahi nasceu essa deleteria influencia litteraria, que se nota neste periodo, e que só foi desapparecendo a proporção, que o novo governo illuminado e poderoso do grande Pombal lhe deu uma nova feição, coarctando as amplas e illimitadas attribuições da terrivel—Inquisição, que até ali era o cabo Tormentorio de todos os talentos e grandes espiritos, que desejassem illuminar a fronte aos raios beneficos da liberdade de cansciencia.

A sciencia, em Coimbra, estava completamente suffocada pelas garras jesuiticas e inquisitoriaes, e decahida do seu antigo brilho e esplendor, jazia envolta e arrastada pela negra sotaina, sem poder acompanhar o movimento dos grandes idéas, que illuminavam as universidades das outras nações europeas.

Os estatutos velhos tinham mais em vista guiar o elemento administrativo e economico do que o litterario.

Animavam-se as arguicias theologicas e absurdas pelo

methodo analytico e trucidavam-se os arrojos de uma investigação franca e conscienciosa, enrobestecida pelo methodo synthetico para chegar á posse da verdade scientifiica, segundo o espirito de Bacon, Descartes e Leibnitz.

Era ainda o reinado caduco do *Magister dixit,* apezar de Bacon e Descartes terem proclamado o contrario nas mais altas regiões da civilisação Européa. (1)

O estado economico, podendo ser um dos mais lisongeiros, era desgraçadissimo, porque o governo de D. João V. legou a seu filho D. José, além de uma divida á Inglaterra de muitos milhões de crusados (2), os cofres completamente exhaustos, não obstante ter abertas as ricas minas de ouro do Brasil e dellas haver sahido para Portugal, segundo o visconde de Santarem affirma, de 1714 a 1746, isto é, em trinta e dois annos, a insignificante somma de uns 96,044,628$415 rs, não calculando outras especies de ouro.

Os diamantes, na mesma epocha, foram avaliados em 12,000:000$!! (3) Mas tudo isto era devorado, porque, mais de duzentos milhões de cruzados, foram remettidos para Roma.

Com a Patriarchal, igrejas, e conventos de frades e freiras, dotações ao clero, os valores foram incalculaveis; emfim, os gastos foram de tal natureza, eram tão assustadores, segundo o dizer de um historiador portuguez (4) que o illustre Alexandre de Gusmão, espantado destes desperdicios, apertava um dia a cabeça com ambas as mãos e exclamava:

«A padraria absorve-nos, a padraria suga tudo, a padraria arruina-nos.»

---

(1) Vid.—*Estudo do Direito Patrio* por Coelho da Rocha e Almeida Garrett na obra já citada.

(2) Correspondente a tres milhões de libras esterlinas.

(3) vide. *Quadro Politico e Diplomatico,* etc., pelo viscode de Santarem.

(4) *Historia de Portugal* Oiiveira Martins.

Por aqui se vê, pois, que as finanças eram precarias e revolviam-se no cahos de um *deficit* assombroso.

Se considerar-mos o elemento commercial, vemos que tanto o interno como externo, estava nas mãos dos inglezes, que pelo fatal tratado de Methwen, celebrado entre Portugal e a Inglaterra, sob o reinado de D. Pedro II, 1703, concedia-lhe todas as vantagens, em detrimento do commercio e industia portugueza.

O commercio nacional, portanto, estava sob as garras oppressoras das especulações inglezas, e tão falto de instrncção que nem havia uma aula de commercio, sendo preciso mendigar guarda-livros na Inglaterra, ou mandal-os vir de Genova ou Veneza.

Era, pois, a *amiga* Inglaterra, com a sua politica leonina, a verdadeira senhora de Portugal, pelas suas inspirações na politica, e pelos seus vantajosos tractados a favor do seu commercio e da sua industria, passando-lhe para sua ilha todas as riquezas, que vinham do Brazil e das mais possessões, que Portugal tinha em Africa, na India e China.

O estado da agricultura era desanimador e atrasadissimo pela desattenção e completo despreso da parte do rei, da fidalguia e clero, esquecendo-se do prospero e feliz tempo d'El-rei D. Diniz, no seculo XIV.

Imbuidos do grande luxo da côrte, que D. Duarte tanto condemnára em seu tempo, os fidalgos deste reinado desejosos de acompanharem o fasto asiatico de D. João V, engolphavam-se pelo oceano de todos os prazeres, e nenhuma importancia davam á agricultura, esta verdadeira fonte de riqueza nacional, e deixando tudo a mercê de seus empregados e rendeiros, contentavam-se em receber algumas libras esterlinas para sacrificarem no altar de Venus e de Baccho, e passarem as noutes pela *opera italiana*, ou pelos theatros do *Bairro-Alto* e da *Mouraria*, onde Antonio José regalava o povo com a opera *D. Quixote e as Guerras do Alecrim e Manjerona*, e outras comedias impregnadas

de um riso aristophanico, que era o seu genio, e que fora talves a causa da sua morte, porque a *santa* inquisição não podia comprehender que alguem pudesse rir neste mundo, *senão* ella...

Não havia, pois, nenhum progresso agricola; tudo dormia o somno da inercia, empregando os mesmos instrumentos rotineiros, sem se lembrarem dos progressos immensos, que a agricultura estava fazendo em os paizes civilisados.

O estado do exercito, que no reinado de D. João V, não passava de 10 a 12 mil homens eflectivos e mal disciplinados, foi elevado, no reinado de D. José, de 40 a 55 mil, sob a disciplina de um conde de Lippe. A marinha tambem havia cahido em um estado decadente, e esperava por uma nova reforma, que veio a tel-a com o grande Pombal.

O estado moral do paiz era morphetico, desde as classes mais elevadas até as ultimas camadas sociaes.

A corrupção e a immoralidade campeavam altivas, começando pelo proprio Rei D. João V, e seu irmão D. Francisco, e d'ahi descia a torrente caudelosa de corrupção até a esphera de nobreza,— da fradaria, clero e povo.

Para se fazer uma idéa da dissolução e tendencias voluptuosas do rei, diz um historiador contemporaneo, basta citar-se que, no Convento de Odivellas, Elle aprasenta-se muitas vezes, andrajosamente vestido, fingindo-se de pobre para de vespora de Passos ir ajoelhar-se junto ao andor do Senhor, e ali espreitar a belleza das fidalgas, que iam beijar o pé da imagem. E os seus excessos na vida dissoluta chegaram a ponto, que o senador Candido Mendes, affirma, n'uma obra mui conhecida do clero (1), que tendo o sangue mui corrompido pelas desvairadas excursões nocturnas, chegára a mandar vir princezas africanas, ou filhas

(1) *Direito Civil e Eclesiastico Brazileiro* etc., pelo senador Candido Mendes.

de regulos do Congo ou Benguela, para purificar-se de certas molestias que a medicina classifica, dando-lhe um nome mui conhecido; mas que eu me abstenho de escrevel-o aqui, porque não quero fazer corar o leitor. (2)

Por aqui se vé, que D. João V, se chegasse á velhice teria, talvez, de usar tambem da receita, que o rei David usou; mandando procurar a mais formosa filha de Israel Abisag Sunanita para lhe aquecer o peito, segundo nos assegura a Biblia Sagrada, no primeiro livro dos *Reis*.

O seu irmão. o infamante D. Francisco, como o rei D. Affonso VI, procurava devertir-se pelas ruas de Lisbôa, em aventurosos assaltos ao pudor das donzellas, e em provocar desordens em companhia dos bandos de fidalgotes perdidos, onde figuravam, como principaes: o duque de Cadaval, marqez de Marialva, Cascaes, condes d'Aveiros e Obidos, resultando, quasi sempre, destes disturbios insolentes: ferimentos graves, aleijões e mortes, que punham a capital n'um sobresalto e terror indiscreptiveis.

Em Coimbra, as desordens subiam a um auge, que causa arrepio e espanto, a quem estuda e comtempla por um momento, aquella desmoralisada epocha.

Neste estado não havia segurança individual.

O terror imperava por toda a cidade, principalmente depois do sol posto, ninguem mais tinha coragem de sahir á rua, a não ser bem armado, porque o celebre bando, chamado da *Carqueja*, infestava não só a cidade, mas os arredores, assacinando, roubando, assaltando os conventos das freiras, onde tripudiava a orgia do baixo imperio oriental, acobertado pela falsa devoção.

Entre os escandalos immoraes dessa epoca, em relação ás freiras, cita-se a fugida d'Abbadessa do convento de Sant'Anna

---

(2) Quem tiver muita curiosidade de saber, poderá consultar a referida obra: *Direito civil e Eclesiasticos Brazileiro,* pelo senador Candido Mendes de Almeida.

de Lisbôa para a Holanda em companhia de um frade capucho, que teve a habilidade, em nome da religião de Jesus, de sedusir aquella incauta freira, como ha cinco annos, aqui no Brazil, em S. Paulo o celebre frei Eugenio reitor do Seminario d'aquella cidade, teve a habilidade de seduzir uma moça filha de um brigadeiro e escriptor illustre, mui conhecido naquella provincia e aqui na côrte, e lá se foi com ella para a Europa.....

Vê-se, pois, que o throno, a nobreza, e o clero respiravam os ares da mais desabrida e requintada desmoralisação, saltando por cima da dignidade, do respeito e amor aos santos principios, que devem reger um paiz civilisado, que se inspira nas verdadeiras fontes do direito, da justiça e da verdade.

E' nestas condições anómalas, no meio deste desmoronamento de principios e de crenças, que Sebastião José de Carvalho teve de empunhar as redeas do governo politico e administrativo de Portugal.

Foi neste estado de aviltamento religioso e politico. de relaxamento e abuso administrativo, de enfraquecimento moral, em quasi todas as classes da sociedade, que o apparecimento deste grande homem foi providencial, e sem o qual, póde dizer-se afoutamente, que Portugal teria resvalado de todo em todo para o abysmo da perdição.

Agora vejamos o espirito politico e social, que dominava a cabeça de Sebastião de Carvalho, para melhor comprehendermos o alcance superior das suas reformas politicas e administrativas.

E' a chave criteriosa. sem a qual mal se póde conhecer os beneficios da sua vasta adiministração.

VI

O espirito politico do eminemte estadista era externo e inteiro.

O espirito da sua politica externa, tinha em vista, não só abater e destruir toda a influencia da Inglaterra, que, por um

descuramento dos governos anteriores, havia adquirido assenhorear-se do commercio, da industria e da agricultura, fazendo predominar a sua ambição nas relações internacionaes, mas libertar Portugal do jugo papal ou theocratico e de todo e qualquer poder estranho, tornando-o respeitavel e poderoso aos olhos de toda a Europa.

O espirito da sua politica interna, tinha por alvo combater e destruir a acção malefica dos dous poderosos elementos reaccionarios, que se deviam oppôr necessariamente ás suas reformas, isto é:— o elemento jesuitico e nobiliario, sem o que jámais libertaria o povo da durissima oppressão que soffria, nem poderia conduzil-o ás eminencias dos direitos e regalias, que deviam tornal-o um povo industrioso e civilisado.

D'ahi provém essa immensa cadêa de reformas em harmonia com os altos fins, que tinha em vistas attingir, — tanto no pequeno continente portuguez— como nas suas vastissimas possessões ultramarinas.

Mas, para chegar, a esse fim, precisava de certas condições ou meios indispensaveis.

A principal condição era revestir-se de um escudo inviolavel, do escudo real e absoluto, contra o qual, como um imponente rochedo no oceano, viessem cahir e rastejar submissas todas as revóltas e alterosas ondas das paixões fanaticas e oppressoras.

Alcançar a confiança plena do Rei, eis o que desejava Carvalho, eis o primeiro baluarte, o seu Monte Sinai para d'ali poder fulminar, com os raios providenciaes das suas reformas, a nobreza e o jesuitismo, e dar o novo decalogo dos novos direitos ao povo, que até ali jasia sepultado em aviltada oppressão, e tratado á maneira dos pariás indianos.

Comquanto dotado de idéas liberaes e animado do espirito reformador do seu seculo, Carvalho entendeu, e entendeu bem, que no estado em que se achava o decahido Portugal, segundo já fizemos ver, só havia um systema de

governo para salval-o:— era o absolutismo esclarecido, idoneo, firme e patriotico.

Não lhe podia convir o systema parlamentar á semelhança da Inglaterra, porque as condições eram mui differentes.

A convocação do parlamento, ou côrtes, seria, para a realisação do seu plano social, civil e politico, a convocação da morte:— seria a destruição do seu ideal reformador.

Seria convocar a sombra para dar a luz; a inercia para dar o movimento,— a morte para dar a vida: mais facil lhe seria fazer mover as pyramides do Egypto, ou as suas mumias seculares,

Carvalho tinha amplo conhecimento da historia e especialmente dos ministros celebres, para não cometter um tal erro. Elle devia ter bem presente, qual o fim do conde de Straffort, de Carlos I; de Mazarin com a Fronde, sob a minoridade de Luiz XIV, em 1647: por tanto, ou havia de fazer dos parlamentos o que Richelieu fez em França, dominando-os e reduzindo-os á impotencia, ou vir a ter a sorte de um Straffor, ou cahir do poder em pouco tempo, como aconteceu a Turgot, sob Luiz XVI, em 1776 (1), quando quiz operar suas reformas financeiras, civis e politicas. Não foi convocando o parlamento francez, destruido pelo chanceller Maupou em tempo de Luiz XV, que elle pôde reorganisar as finanças. como desejava, nem estabelecer a egualdade de impostos territorial, nem a egualdade civil e politicas e outras reformas, que Sebastião de Carvalho, muito antes que a França, soube realisar em Portugal, sem produzir a revolução, e a morte de Luiz XVI e o sanguinario *Terror*.

Uma dictadura, á semelhança de Carvalho, ou de Richelieu, teriam salvado a França desse oceano de sangue;

Ramalho Ortigão, diz erradamente, que Turgot *decretou a liberdade da razão* em 1777, mais se elle cahio do poder em 12 de Maio de 1776, como podia elle ter decretado nesse tempo a liberdade ?! (Farpas, 1882 pag. 92).

mas Luiz XVI não soube dar força a Turgot, como Luix XIII deu a Richelieu, e D. José a Pombal: d'ahi veio o grande escolho, que inutilisara todos os ministros reformadores, que seguiram-se a Turgot, como: Neker, Calonne e o proprio arce-bispo Brienne, que afinal fez com que Luiz XVI convocasse os Estados geraes em o 1º de Maio de 1789. Era convocar a Revolução pela bocca de Mirabeau, dizendo: « *Le droit est le souverain du monde.* » (1)

Era despertar o leão do seu longo adormecimento.

Era chamar á vida o terceiro estado.

Era convocar o tribunal que devia julgar e condemnar toda a oppressão da nobreza e do clero, até ali exercida, contra os direitos populares.

Era fazer seguir após a *Assembléa geral constituinte,— a Assembléa legislativa,— A Convenção,— O Terror,— O Directorio,—* O *Consulado*, e o Primeiro imperio napolionico, que desapparecera a 18 de junho de 1815, em os sangrentos campos do Waterloo.

Nesta hypothese, pois, só uma dictadura, esclarecida e benefica, podia salvar o paiz, abatendo a acção reaccionaria do clero politico, e da nobreza facciosa, inimiga de todas as reformas liberaes. que podessem perturbar o seu adormecimento secular.

Carvalho tinha a vista mui larga, e cabal conhecimento das leis do progresso social e politico, para reconhecer que uma nação não póde erguer-se para o Sinai civilisador e

---

(1) O grande Loke na Inglaterra, em 1690 já na sua obra: *Ensaio sobre a verdadeira origem do governo*, pugnava por essas idéas sublimes, que a França, só mui tarde, veio a adotal-as. Nesta obra, Loke fez a apologia da revolução ingleza de 1688, e sustentou vigorosamente o dogma da soberania do povo. Foi o percursor de Rousseau, que depois sustentara o principio do sufragio universal, como base indispensavel para constituir qualquer sociedade politica. Rousseau, com quanto não tivesse a profundeza, nem o bom senso do philosopho inglez, tinha entretanto, sobre elle uma grande superioridade: era o brilho do seu eloquente estylo,

realisar as suas altas aspirações, sem que um novo elemento venha dar-lhe uma nova vida.

E' uma lei fatal: quando os elementos velhos têm realisado ou prehenchido a sua alta missão, é necessario destruil-os, ou que desappareçam para dar lugar as novas forças regeneradoras.

E' uma lei fatal do progresso humano, diz Lamartine, o não poder avançar para o futuro sem destruir os elementos do passado, que se lhe oppõem em sua passagem, no oceano das idéas.

Compenetrado deste facto historico, que se verifica a cada momento na vida dos povos, Carvalho entendeu formar sobre as ruinas da velha aristocracia, uma outra nova formada da classe media, para imprimir uma nova vitalidade ao novo Portugal, e encaminhal-o para o Himalaya da prosperidade e da civilisação.

Conscio deste ideal, vamos ver como o grande estadista procurou desempenhar a sua ardua e espinhosa missão, que causa assombro a todos os ministros e altas intelligencias, que sabem comprehender aquella difficillima situação, cercada de tantos elementos conspiradores.

Sendo-nos impossivel dar aqui, no restricto horisonte de um opusculo, as innumeraveis e assombrosas reformas, operadas por este genio extraordinario, em o dilatado espaço de vinte e sete annos de sua brilhante e florescente administração, desde 1750 a 1777,— por isso, apontaremos não só as mais capitaes, que são sufficientes para collocal-o na galeria dos estadistas immortaes.

Para mais facil comprehensão, dividil-as-emos em tres periodos.

O primeiro comprehende o decennio, que vae de 1750 a 1760;— o segundo, abrange o espaço de 1760 a 1770; o terceiro, o que decorre desta épocha até 1777, anno em que pelo fallecimento d'El-rei D. José, Pombal teve de abandonar o poder 8 dias depois, e ir expiar no exilio a *loucura* do seu patriotismo, elevando a sua patria a altu-

ra das principaes nações da Europa, e de tornal-a superior em luzes a muitas daquelle tempo, como dizem os immortaes Cuvier e Almeida Garrett.

VII

Empunhando as redeas do governo, uma das primeiras medidas economicas, depois de tratar com todos os gabinetes e soberanos da Europa, annunciando-lhes a ascenção do novo ministerio, e da sua nova politica, foi fazer baixar uma lei em relação á sahida do ouro para o estrangeiro, convencido como o duque de Sully e outros estadistas do seculo posterior, que na concentração do ouro estava o augmento da riqueza nacional, e assim cortaria os altos interesses dos inglezes, a quem elle mais de perto queria abater pelo seu orgulho e avidez nos interreses commerciaes.

Esta lei, que fora promulgada em 1750, provocou muitas reclamações da parte dos inglezes, dando logar, pelas prisões, que se deram contra os infractores, que em geral eram inglezes, a que viesse um embaxador da Inglaterra em 1752, que foi lord Tyrawley, afim de tractar com o grande ministro; porém elle foi inflexivel, e só em 1754, em cnosequencia da grande necessidade que Portugal teve de ir buscar cereaes, á Inglaterra, vio-se obrigado a modificar aquella lei, por um imposto de 2 °]o sobre a sua exportação, deixando-a mais tarde cahir em esquecimento.

Pondo de parte os bons e maus effeitos economicos d'esta lei, vê-se que pelo lado moral, ella colloca Pombal a cima do duque de Sully, pois emquanto este, em França, tomava posse dos metaes confiscados por uma lei identica, e empregava-os no augmento de sua fortuna particular e em regalar o seu amigo Henrique IV, rei da França; Pombal, pelo contrario, fazia reverter as sommas confiscadas em augmento do Erario Regio, que D. João V com o seu luxo e com o seu exercito de frades, deixára completamente exhausto.

Após esta lei, passou a olhar para o commercio, e, tendo em vista beneficial-o, fez baixar dous decretos datados de 6 e 27 de Janeiro de 1751, reduzindo os diretos sobre o tabaco e o assucar, com o que muito lucrou o commercio, os consumidores, e com a facilidade de sua cobrança, o augmento de recursos para o Erario do Real.

Emquanto tratava de promover o augmento material, forjando recursos para equilibrar o desconcerto financeiro, Pombal (1) não perdia de vista o lado moral, religioso e politico.

De conformidade com o seu plano de politica interna e externa, lançou logo seus olhos de aguia sobre a Malakoft religiosa, chamada o *tribunal da Inquisição* ou do *Santo Officio,* onde se abrigava o despotismo feróz, barbaro e deshumano, deshonra da igreja, e mancha negra desse Papa, chamado Paulo III e mais ainda desse Rei, que a historia denomina D. João III, o *piedoso,*— mas que os historiadores independentes e amigos da verdade, chamal-o-hão sempre D. João o fanatico,— o barbaro inquisidor— o jesuita-mór.

Pombal vendo a perigosa acção dos illimitados poderes da *Inquisição,* tratou, neste mesmo anno, de reduzil-a a um tribunal regio, tornando-o um verdadeiro instrumento real.

Fez acabar com os flammejantes e barbaros *Autos da Fé*; com a tortura, que a França, só d'ahi a um quarto de seculo acabou; fez dar liberdade a centenares de desgraçados, que se achavam encarcerados nos sombrios e horrendos carceres inquisitoriaes. Emfim tirou-lhe todo esse tenebroso poder, que elle exercia desde Lisbôa até á India.

Em seguida tratou de expulsar os jesuitas do Paço real, que sob o pretexto de confessores, influiam no animo do rei, da rainha e de toda familia real. As difficuldades

---

(1) Com quanto ainda não tivesse o titulo de marquez de Pombal que só obteve em 13 de Setembro de 1770, comtudo d'aqui em diante, assim o denominaremos.

que elles oppunham na America, despertando a insobordinação no espirito dos indios e de outras classes, obstando á realisação do *tratado de limites,* celebrado em Madrid, em 1750, sob o reinado de D. João V e Fernando IV de Hespanha, servio-lhe de base para esta expulsão, substituido-os pelos padres da congregação da ordem de S. Filippe Nery, que eram adversos nas doutrinas, e apologistas do espirito reformador de Pombal.

Com o espirito de combater a influencia dos jesuitas no Brazil e o commercio inglez, tratou o grande ministro de fundar, em 1753, a companhia do Grão-Pará e Maranhão, concedendo-lhe muitos privilegios e isenções, que os economistas reprovam, mas que eram nessesarias qara attengir os fins politicos e commerciaes, que o illustre ministro queria fazer triumphar. (1)

Com as mesmas vistas concede Pombal em 1775, privilegio do commercio entre a India e a China a favor de Feliciano Velho Oldembourg, e por outro lado, quebra o privilegio até ali só reservado á corôa, e proclama o commercio livre de todos os embaraços entre Gôa e Moçambique.

No mesmo anno organisou-se no Brazil mais a companhia geral do commercio de Pernambuco e Parahyba, (2) que produzio optimos resultados em favor do commercio.

Ha muitos authores, que segundo as suas vistas, consideram essas concessões e privilegios como um erro administrativo, porque formam seus juizos, segundo as luzes da economia politica avançada do seculo; porém para os que apreciam essas disposições. em relação ás luzes do seculo XVIII, e ás circunstancias peculiares em que se achava o grande ministro D. José I, só ha motivos para applaudil-o.

---

(1) Esta companhia foi extinta em 1778, sob Maria I; por carta Regia de 25 de Fevereiro.

(2) Alvará de 13 de Agosto de 1755.

e confirmar o que elle proprio dizia e confessava, como prevendo as objecções contrarias;— *era um mal menor que elle queria oppor a outro maior*, e assim obedecer ao systema de suas reformas politicas. (1)

Tendo em 1754 sido obrigado a recorrer á Inglaterra para importar cereaes, e portanto, a depender della, o patriotico ministro entendeu d'ali em diante, fazer promover em alta escala, a cultura do trigo e de mais cereaes, afim de haver sempre o necessario para o consumo, e fazer assim voltar Portugal aos bons tempos de D. Diniz, em que a agricultura florescia a par das letras e da sciencia, e Portugal exportava para a Inglaterra e outros paizes grande abundancia de cereaes. Adiante veremos a providencia que elle tomou para remediar este mal agricola, que subio ao seu auge com o terremoto de 1755.

Voltando de novo os seus olhos para o Brazil, de uma maneira paternal, procurou combater os prejuizo, que havia contra os indios, julgando-os inferiores pelo sangue, entendiam que se deshonravam ou se rebaixavam todos os individuos europeus, que contrahissem relações com aquella raça, e por isso, o grande ministro, zombando destes preceitos, e inspirando-se dos sublimes e santos principios proclamado pelo christianismo, declarou (2) que os vassalos de Portugal podiam dar sua mão ás donzellas indias sem por isso ficarem infamados, como até ali suppunham, pelo contrario, tornar-se-hiam dignos da regia attenção e aptos para

(1) Luiz Gomes, com seu livro *Le Marquis de Pombal* censurando Pombal sob suas vistas economicas, diz que eram mais de espantar, porque Turgot proclamava em França idéas avançadas.

Mas Turgot, que procurava conciliar a sua economia politica com as doutrinas de Qousnay e Gournay, quando pubicou as suas ***Reflexions** sur la formation et la distribuition des richesses,* foi em 1766, por tanto parece-nos, que não tem logar a censura a não ser nas reformas posteriores a esta data, mas ainda assim devemos attender ao seu fim politico. (Vid.— a nota no fim *R. Ortigão.*)

(2) Carta Regia de 4 de Abril de 1755.

entrarem nos empregos publicos, e poderem subir a todas as honras e dignidades do Estado e isentos de despezas.

Dous mezes depois, no mesmo anno, pelo anniversario natalicio de D. José, (1) proclamou por uma lei fraternal, a inviolavel liberdade dos indios do Pará e Maranhão, cingindo-lhes em suas bronzeadas frontes, o brilhante diadema de todos os direitos naturaes, civis e politicos e portanto, verdadeiros soberanos de suas pessoas, bens moveis e immoveis, apontando severissimas penas contra todos os infractores, que ousassem violar, aquelles sagrados direitos, direitos estes que mais tarde, pelo alvará de 8 de Maio de 1758, foram extensivos a todos os indios do Brazil.

Estas leis tão liberaes a favor daquelles homens, que a ambição e a avareza queriam reduzir á escravidão, despertaram novos odios contra o energico ministro; mas afinal todos tinham de cair no pó porque a sua omnipotente vontade, escudada no direito e na supremacia real, tudo vencia e dominava.

Era a luz vencendo as trevas.

Emquanto estas sabias leis promulgadas, a favor da liberdade dos indios e do seu bem estar, no Novo-Mundo, em Portugal, o grande ministro continuava a desenvolver e a pôr em pratica as suas idéas economicas para restaurar as finanças do estado, e animava o commercio, reduzia os impostos, punia os desordeiros, limitava o poder inquisitorial, acabava com a fogueira e a tortura, expulsava os confessores jesuitas da casa real, projectava companhias para reanimar a agricultura, mantinha a ordem e moralidade, publicando severos decretos contra os ladrões, que infestavam a capital; fazia punir com rigor os diffamadores contra as donzellas, dava sabios regulamentos ao exercito; orde-

(1) Lei de 6 e 7 de Junho de 1755.

nava energica repressão contra os piratas argelinos, que assaltavam as costas de Portugal, e no meio de todo este movimento de idéas, desta suprema energia e profunda attenção, para tão variados assumptos, lá volta de novo os olhos para America, áfim de providenciar contra as dificuldades que os jesuitas oppunham no Paraguay, impedindo a posse dos portuguezes naquella região, segundo o tratado de limites, celebrado em Madrid, sob o reinado de João V, pelo que teve de ordenar a seu irmão Furtado de Mendonça que, em companhia de Gomes Freire, capitão general do Rio de Janeiro, para ali marcharam afim de combaterem os rebeldes jesuitas.

VII

No meio destas variadas preoccupações, em que a sua attenção tinha de voltar-se para as quatros partes do mundo, nas quaes dominava o vasto imperio portuguez; em quanto com infatigavel ardor procurava restaurar e chamar á vida nova— o velho Portugal theocratico, um medonho abysmo de fogo abre-se-lhe aos pés; um horrendo cataclysmo assalta e desce sobre as sete colinas da formosa rainha de Tejo em uma bella manhã de inverno, em que o céo se colora do mais vivo azul, e lança a consternação, a dor e a morte por toda a parte.

Foi o terremoto de 1º de novembro de 1755, que pelas 9 horas e 4 minutos da manhã desmoronou a velha capital de Aflonso Henriques e a reduzio a um oceano de fogo e cinzas.

E' então que o illustre Pombal ergue-se á esphera dos grandes genios historicos, mostra a vastidão dos seus recursos providenciaes, toma sobre aquelle pedestal de ruinas e ardentes lavaredas o assento de um semi-deos, e, com a serenidade olympica, contempla por um momento aquelle desmoronamento pompeano, aquella ardencia troyana, aquelle furioso encapellamento do Tejo, erguendo-se bruscamente

em montanhas de revolto liquido, para arrojal-as de encontro ás pyramides de fogo, que brotam do seio ardente da terra para tragar n'um minuto os sumptuosos templos, os monumentos, (1) os luxuosos palacios dos Aveiros, dos Tavoras, dos Lafões, dos Cadavaes, dos Marialvas, Louriçaes, Fronteiras e Valenças e devorar n'um minuto, as mais preciosas vidas, que em horridos lamentos, e sentidos ais vão perder-se confusamente por entre aquelle rouco estridor da terra e as rajadas ventanias de fumo e cinza ardente, que voam para a rubra e fumegante atmosphera.

E' então, que o illustre Pombal faz sahir: daquelle cahos a forma; d'aquellas trevas de fumo aluz;— daquella confusão e horror, a ordem e a consolação;— daquella cidade acanhada e tortuosa, uma mais ampla, espaçosa e bella;— daquella antiga Babylonia de immoralidades, luxo e occiosidade fradesca, uma Sparta moral, sabia, activa e industriosa; daquella Roma fanatica, ignorante e beata, uma Athenas de luz e bom senso;—daquella Palmiro de ruinas, de miserias e mortes uma nova Lisboa radiante de vida, força e magestade.

E' neste momento que Pombal pôde fazer ver a originalidade de seu genio e conquistar a confiança do soberano, tornando-se um verdadeiro rei e Senhor absoluto de tão excepcional situação.

Para se avaliar a sua pasmosa actividade basta citar, que em menos de oito dias, segundo nota o duque de Châtelet, elle fez sahir de seu vasto cerebro 230 ordens para conter os desordeiros, punir os ladrões, curar os feridos, alimentar os esfaimados, agasalhar os desgraçados que ficaram sem habitação, animar os vivos e enterrar os mortos (2), que

(1) Entre os monumentos consumidos pelo fogo e abatidos pelo terremoto, conta-se a Patriarchal, Basilica de Santa Maria, o Palacio Real, etc.

(2) Em geral costuma-se por ahi contar, que naquella horrivel situação; perguntando El-rei D, José a Pombal o que se devia fa-

uns calculam em dez mil, segundo Luiz Gomes, outros em trinta mil, segundo Châtelet, os quaes não podendo ter sepultura em terra, eram metidos em saccos de cal e conduzidos em lanchas e navios para receberem a sepultura no alto mar.

Naquelle estado de miseria, de sobresaltos e horrores, o proprio Rei chegou a offerecer-se para ajudar a carregar os mortos para a sepultura; mas não lh'o consentiram.

Muitos padres e nobres praticaram este piedoso dever e trabalho, e os que, em logar de seguirem tão bellos exemplos, iam para o templo pregar contra o Rei e seu ministro, querendo desvairar o espirito popular para lhe fazer acreditar de que aquella calamidade era devida aos peccados do Rei, pelo que devia fazer penitencia, Pombal mandou castigal-os e prendel-os para não andarem, em nome de Deos, ameaçando o Rei e o seu governo, confiados na ignorancia e fanatismo do povo.

O Rei e a familia real, salvaram-se milagrosamente, porque, na occasião do terremoto, iam para Belém com sua côrte, e quando regressaram, já não acharam mais o seu palacio, nem as suas riquezas, que foram todas devoradas pelo terrivel desastre. Durante 8 dias alojou-se sob as barracas d'Ajuda, e ali passou a vida bem amargurada, pensando na desgraça inaudita, que accommettera o seu reinado.

Pombal foi, naquella horrenda situação, um verdadeiro salvador de sua patria, e desde aquelle momento ficou considerado pelos recursos do seu fecundo genio, como um homem extraordinario, a quem debalde se lhe opporia resistencia, pois elle tinha dado provas de que podia dominar até a propria natureza.

---

zer, que elle respondera: Enterrar os mortos e cuidar dos vivos. Está hoje averiguado, que esta resposta foi dada pelo marquez de Alorna e não Pombal, como por ahi falsamente se atribue. Veja-se a *Historia de Portugal* por Pinheiro Chagas, em o reinado de D. José, e lá se verá o desmentido.

D'ahi em diante, os proprios santos cahiram dos seus altares, como Ignacio de Loyola, Gregorio VII e outros; o papa. tornou-se docil e humilde; os reis sobresaltaram-se em seus thronos; os principes, curvaram-se e foram expiar nas prisões do poetico Bussaco, a sua imprudente altivez; os duques, marquezes, condes, e toda a fidalguia rebelde e hostil, ás idéas do patriotico reformador, tiveram de rolar do cadafalso em baixo, jazer em negro carcere, ou seguir o caminho do exilio. A fradaria e o jesuitismo conspirador foram lançados á fogueira pelo seu mais devotado representante Malagrida, e expulsos do solo sagrado de Portugal, para não mais terem a ousadia de levantar a sobrancelha contra o Rei, e o seu fiel ministro, que symbolisava a grandeza de Portugal pela sua actividade, pelos seus arrojados commettimentos, pela suprema abnegação de sua vida em frente dos maiores perigos, e pela honradez do seu caracter no meio de immensas riquezas, que o oceano submissamente lhe enviava das quatro partes do mundo para o Erario de Portugal.

Desde aquelle momento, o engenhoso ministro sahia da esphera acanhada dos ministros ordinarios e limitados aos meros expedientes, para entrar de fronte erguida no templo aureo da gloria immortal, onde brilham os Richelieus os Sullys, os Pitts e os Arandas.

XI

Enquanto aos raios do seu poderoso genio, Pombal fazia resurgir das cinzas do terremoto uma nova e imponente cidade, não deixava de promover os meios para levantar novos recursos pecuniarios, indispensaveis para affrontar tantas calamidades, e sem aceitar os soccorros que lhes mandaram offerecer a França e a Hespanha, apenas aceitou da Inglaterra as cem mil esterlinas, que o parlamento inglez votara a favor das victimas, do terremoto de Lisboa, porque, além da expontaneidade, houve a deliberação de dirigil-as

directectamente ao grande ministro, e não a El-rei D. José. Este acto tão lisongeiro da parte de uma nação tão orgulhosa, desarmou a altivez de Pombal, e por isso foi-lhe mister aceitar tão delicada offerta.

Para augmentar os recursos financeiros lançou um imposto de 4 °|o sobre todas as mercadorias importadas: d'ahi lhe proveio uma grande fonte de receita, que foi crescendo com os que lançara sobre a população da America.

Ao mesmo tempo que procura fontes de receita, não se descuida de lançar suas vistas sobre a esphera industrial, e para animal-a, faz com que o proprio Rei appareça com seus vestimentos de briche nacional, para assim mostrar que desejava o seu desenvolvimento, e não andar a mendigar entre as outras nações, aquillo que podia ter em sua patria. Por este meio respondia o patriotico ministro, ás importunas reclamações dos inglezes, contra o imposto votado ás manufacturas importadas do estrangeiro.

Da industria manufactureira, passou a fazer prosperar o commercio e a industria agricola, que se achava mui decahida. Os vinhos do Porto, que depois do celebre tratado de Methwen, em 1703, (I) chegaram a um estado de inaudito descredito pelas falsificações; rebaixaram de tal fórma o seu preço que de 60$ baixaram a 10$ e a 6$ a pipa e ainda neste caso, o consumo era mui raro. Os lavradores estavam perdidos, e para salval-os creou o benemerito Pombal a *Companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto Douro* estabelecida no Porto, dando-lhe muitas regalias, que eram necessarias para o fim, que tinha em vista remediar, concorrendo por este meio, para a prosperidade e grandeza

---

(I) «Por este celebre tratado eram admittidos os lanificios dos inglezes, com a condição destes receberem os vinhos de Portugal com o abatimento da terça parte des direitos, que pagavam os vinhos da França nas alfandegas britanicas» Vid, Coelho da Rocha *Direito Patrio.*

do Porto e mais provincias do norte, apesar da sedição de 23 de fevereiro de 1757, que foi punida energicamente.

Para beneficiar a agricultura sobre os cereaes, entendeu mandar arrancar as vinhas dos campos do Tejo, Mondego e Vouga e das ribeiras da Estremadura e Bairrada, e plantar cereaes.

Deu uma nova forma ao Terreiro publico de Lisboa, já estabelecido no reinado de D. Manoel, afim de prover ao abastecimento da capital, e animar a agricultura.

Para levantar o commercio do estado de abatimento, em que se achava escravisado pelos inglezes, e erguel-o a uma altura condigna do seculo XVIII, e dar-lhe a importancia, que até ali não tinha, pois era considerado como uma classe baixa, que os nobres olhavam sempre com despreso, o grande ministro de D. José, com aquella vastidão de luzes, que o caracterisa, tratou logo de fundar uma *Aula de Commercio*, para ali aprenderem a escripturação por partidas dobradas, e receberem os conhecimentos precisos sobre cambios, pesos, medidas, e variedade de moedas estrangeiras.

Estabelecendo este curso regular de estudos mercantis, tinha o grande Pombal em vista particularmente habilitar e libertar o commercio portuguez e colonial, da independencia em que se achava pela ignorancia do pessoal, a ponto de mandar buscar guarda-livros de Genova e da Inglaterra.

Para despertar o enthusiasmo por esta classe, e dar-lhe consideração e prestigio, o grande Pombal fez com que El-rei D. José fosse algumas vezes assistir aos seus exames e elle, Pombal, frequentemente fazia as suas visitas para assistir aos cursos, e prodigalisar-lhe todas as altas considerações de que ella era merecedora. E neste sentido, depois de crear a *Junta de commercio*, afim de promover todos os melhoramentos necessarios ao progresso mercantil, fez publicar uma lei declarando que esta profissão era NOBRE,

NECESSARIA E UTIL, e compátivel de chegar á esphera da mais alta nobreza. (I)

Esta lei foi um raio fulminador contra a grande nobreza e clero, que até ali olhavam com o entono do mais alto desdem para esta classe.

O ministro abrio, pois, novos horisontes ao commercio e apontou, aos que desejassem distinguir-se e tornarem-se titulares, aonde estava o paraizo das glorias e das recompensas reaes, (2)

Iguaes horisontes abrio para os industriaes, agricultores e todos, emfim, que se tornassem dignos pelas suas virtudes e altos merecimentos individuaes, independentes dos escudos dos seus antepassados.

Eram as idéas da nova propaganda philosophica feita pela *Encyclopedica,* dirigida por Diderot e d'Alembert, onde affirmava-se como principio: *que nãa se pode dar nobreza, onde faltam virtudes proprias.* Por este motivo foram cahindo aos pedaços os mantos doirados da antiga fidalguia, que apenas estribava os seus altos merecimentos no sangue de seu carcomido tronco genealogico. (3)

Estas ideas tão avançadas do marquez de Pombal, confirmam o juizo do sabio Cuvier, a respeito da reforma da universidade de Coimbra;—que Pombal havia-se adiantado muito em idéas ao seu seculo.

Com effeito, observando-se a theoria da sciencia social, proclamada por S. Simon no seculo XIX, vê-se que ha ali muita affinidade. por que, em definitiva, o que elle quer? é a elevação de todas as classes sociaes, segundo os seus merecimentos, pois é justamente o que faz Pombal. Bem sei as objecções que se podem formular, em relação aos

(1) Lei de 30 agosto de 1770.

(2) Lei de 29 de novembro de 1775. Brevemente daremos um trabalho a publico sobre o espirito destas leis, em relação a nobreza commercial, sob a administração do marquez de Pombal.

(3) Vid. por Coelho da Rocha. *A nobreza. Estudo do Direito Patrio.*

meios de obter o progresso social e politico; mas eu, a esse respeito, tenho minhas idéas, e entendo, bem ou mal, que me não devo prender e escravisar a systemas de governo invariavel e eterno, e por conseguinte, quanto ao systema de governo politico todo elle é bom, quando em certa e determinada época, preenche e satisfaz o fim, que tem em vista attingir.

E' esta a verdade, que a historia do progresso humano demonstra, atravéz dos seculos. Tudo o mais são meras abstrações. Todas essas formulas inquebrantaveis, forjadas á semelhança de granito pyramidal egypciano, não passam de vaporosos sonhos, são verdadeiras neblinas, que a realidade dos factos, as necessidades e as novas aspirações sociaes, destroem ao mais leve sopro n'um momento.

Era, pois, um verdadeiro revolucionario, o marquez de Pombal, por que abalava tudo, e tudo refazia ou creava, de conformidade com o novo ideal social, que mais tarde havia de trazer a revolução politica.

A propria litteratura sentia um novo influxo, creando-se em 1757 a primeira Arcadia onde brilhavam os primeiros genios. (I)

A alta nobreza e o clero, que até ali faziam monopolio de todas as honras e dignidades, não podiam olhar com bons olhos para este *fidalgote* de terceira ordem, que ia abrir de par em par o portico aureo da nobiliarchia para entrarem esses *vis* plebeus, sahidos da escuridão do seu mercantilismo, e tomarem assento ao lado da fidalguia de *sangue azul*:—isto era uma verdadeira profanação, como os patricios romanos, julgavam no seu tempo; mas afinal as revoluções succederam-se, e os monopolios nobiliarios desappareceram, e elles não só tiveram de deixar entrar os plebeus pelas espheras dos direitos civis, politicos e religiosos; mas até dar-lhes as suas proprias filhas em casamento, e o mesmo aconteceo com o feudalismo da idade média, que as *Cru-*

(I) V. Memorias de Litteratura Comtemp. por L. de Mendonça,

zadas e a descoberta da India por Vasco da Gama, fizeram derrubar, não só os monopolios commerciaes de Veneza e Genova, mas todos os mais, em relação á propriedade agricola e monetaria.

Mas, voltando ás reformas do grande Pombal, observa-se que daqui nasceram muitos odios e sobresaltos da parte dos nobres e do clero, e o resultado foi apparecer a conspiração contra El-rei D. José, em a noite de 3 de setembro de 1758, na qual entraram o duque de Aveiro, herdeiro pelo lado collateral da grande casa fundada pelo principe D. Jorge, filho natural, de D. João II, no seculo XV; (I) o ex-vice-rei da India, marquez de Tavora, sua esposa e seus filhos Luiz e José de Tavora, o conde de Athouguia, o cabo de esquadra Braz José Romeiro, aggregado da casa Tavora, Antonio Alvares Ferreira, criado grave do duque, Manoel Alvares Ferreira, seu irmão; José Polycarpo, e João Miguel, lacaio do duque de Aveiro, os quaes depois de um processo rapido, foram condemnados a subir ao cadafalso, e degolados uns; outros, foram estrangulados e queimados no caes de Belém, no dia 13 de Janeiro de 1759. (2) Não podendo entrar em considerações sobre o grau de criminalidade, e até que ponto, na marcha deste processo, andou a legalidade ou arbitrariedade, diremos só que, em relação a chamada *crueldade*, *barbaridade* e não sei que mais commettidas pelo grande ministro de D. José, na execução dos conspiradores, nada ha que possa causar espanto, em relação ao

---

(1) Vid. *Historia Geneologica da Casa Real Portugueza*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

(2) Alguns authores dizem em 12, outros dizem 13 de Fevereiro; como Luiz Gomes no seu *Le Marquis de Pombal*, mas é erro. Pinheiro Chagas tambem erra quando diz, no seu livro: *Resumo de Historia de Portugal*, a pag. 81. Lisbôa 1880, que a execução dos Tavoras fôra em 12 de Fevereiro de 1759!...

Ramalho Ortigão erra dizendo *que foi* em 1757, quande foi em 1759!... Pobre Ortigão! Pobres *Farpas*!...(*Farpas* de Junho a Julho 1882 pag 72.)

attentado e aos graves ferimentos feitos em El-rei D. José, que personificava a vida e a gloria da nação, que tambem sabia dirigir e encaminhar, ao lado do seu immortal ministro.

Em todos os tempos vê-se, que, ao lado dos maiores clarões, lá existe uma sombra, que quer dizer o quanto a sociedade ainda precisa caminhar para chegar á grande civilisação. Os codigos do tempo, e os costumes ainda permittiam estas barbaras execuções e o marquez de Pombal, apezar de reformador e procurar civilisar os seus compatriotas, não podia fazer tudo em um só dia.

Já muito havia elle feito em acabar com os barbaros, *Autos de Fé*, e se ainda houve um, em 21 de setembro de 1761, foi para ferir de vez a instituição jesuitica e inquisitorial, com as suas proprias armas, e justificar a proposição evangelica: *quem com ferro fere, com ferro morre.*

Para provar que o marquez não estava isolado com relação aos chamados rigores e crueldades penaes, basta que os senhores humanitarios, que tanto bradam contra o patibulo de Belem, olhem para a França, não em o tempo de Richelieu, mas em o tempo de Luiz XV, em 1757, quarenta e dois annos depois da morte desse Rei, que dera um nome brilhante ao seu seculo.

E' pois ali, em França, sob o reinado desse Rei, que vivia, segundo os Sardanapalos, e mais dissolutamente do que seu avô Luiz XIV, que ao lado de tantas fraquezas, tinha outras virtudes; é ali para a praça de Gréve, em Paris, que chamamos a attenção dos grandes censores de Pombal. Ali verão um pobre desgraçado chamado Damiens, que em tempo fora criado dos jesuitas, executado, sabem por que? Por que certo dia, quando o Rei Luiz XV sahia do seu palacio de Versailles, elle tentou contra a sua vida, ferindo-o mui levemente com um punhal.

Dizem que lhe fizera apenas uma pequena arranhadura de alfinete, entretanto sabem o que lhe aconteceu? Foi logo preso, condemnado á torturas pelos borzeguins por hora

e meia; depois lançaram-lhe, como o Scevola romano, a mão regicida n'uma fogueira para queimal-a: depois torturaram-lhe as carnes com furor; depois, derreteram-lhe chumbo ardente nas feridas a escorrer sangue; depois, foi esquartejado; mas como os proprios animaes recuaram de horror, e não tiveram forças para despedaçar os membros daquelle miseravel, então veio em soccorro o algoz com todo o sangue frio, acompanhado de seus ajudantes, cortar-lhe as pernas e os braços com um grande facão, e depois de toda esta refinada barbaridade, foi lançado n'uma fogueira!...

Ora, eis o que se passou no paiz chamado o centro da luz, em frente de uma grande civilisação, que tinha á frente os seus encyclopedistas, e tantos homens eminentes em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Entretanto, o Sr. Voltaire, e outros humanitarios estrangeiros e nacionaes, que tanto bradaram um anno depois contra Pombal, pelas execuções dos Tavoras, não bradaram nem se horrorisaram com esta feita por Luiz XV, com circumstancias menos aggravantes.

Então, não soube o Sr. Voltaire chamar á França um *paiz barbaro.*

Ha ainda outro exemplo dado em França por este tempo; é a execução do conde de Horm, que, por ter roubado e assassinado um agiota, foi condemnado ao supplicio na roda viva, em a praça de Gréve, em Paris. (I)

Estes exemplos bastam para mostrar, que se a França com tão avançada civilisação praticava o mesmo ou peior, por casos menos graves; por que se ha de olhar com tanta severidade para Portugal, que naquelle momento estava a erguer-se da barbaridade sanguinaria, em que o tinha envolvido a civilisação fradesca, durante tantos seculos?

Sejamos, pois, mais justos para com o grande Pombal.

Se os codigos e os costumes do tempo assim permittiam, porque censurar aquelle que agora ia reformar os mesmos

---

(I) Vid a nota. *Ramalho Ortigão e os Tavoras,* no fim do volume.

codigos e limpal-os dessa negra crueldade sanguinaria, que era a bebida, o licor refrigerante com que se regalavam os nobres e os clerigos?

Se os nobres e os clerigos, que estiveram por tantos seculos senhores do governo e dos destinos da nação, tivessem procurado civilisar o povo, dando-lhes sublimes exemplos dos mais puros costumes; se tivessem apagado a fogueira, quebrado o cadafalso, desfeito a tortura, espesinhado a ignorancia com a instrucção; desterrado o fanatismo pelas bellas e puras luzes da sã rasão, de certo que Pombal já não encontraria estes instrumentos no caminho da sua administração, e portanto: nem os Tavoras iriam ao cadafalso, nem Malagrida á fogueira, inventada pelo *santo officio!...*

Mas era necessario que a justiça eterna, atravez da luz historica viesse reparar as injustiças e asperos rigores contra o povo. Era necessario que o mesmo cadafalso, que até ali era levantado tão só contra os plebeus, servisse tambem para os nobres, para saberem se é bom ter em face de uma civilisação humana e religiosa, aquelles instrumentos, que as proprias feras da Libia, nunca sonharam, nem viram em seus alongados desertos.

Era necessario que Pombal desse esse terrivel exemplo, para mostrar que a justiça deve ser igual, e que uma sociedade não póde viver, quando se lhe levantam montanhas de privilegios, tão contrarios e injustos á dignidade humana.

E' a justiça eterna, repetimos, que vibrando atravez da historia universal exclama: *quem com ferro fere com ferro morre.*

São os fructos da vossa civilisação, ó jesuitas! agora colhei-os e saboreai-os, e depois ide pedir humilde perdão ao Deos das infinitas espheras, que sempre terá um raio de misericordia para vós, desgraçados, que tendes feito do genero humano um pasto para alimentar os vossos tigrinos instinctos e as vossas desordenadas paixões. E' chegada a vossa hora, réprobos.

Ahi tendes pela vossa frente o olhar fulminador do grande

Pombal para vingar os reis, os principes, e os povos, que tendes destruido e fanatisado pelas vossas falsas e corruptas doutrinas.

Agora, tremei, desgraçados, vós, que tendes feito tremer os proprios papas e reis;— agora, ajoelhai, vós, que tendes feito ajoelhar a vossos pés os reis, imperadores e povos;— agora, ajoelhae, regicidas e profanadores do Evangelho;— ajoelhai e fazei o *acto de contricção,* porque é chegada a vossa ultima hora.

Olbae, que lá vem o grande Pombal, com seu olhar de juiz, com um enorme depoimento debaixo do braço: é o summario de todos os vossos negros crimes de dois seculos.

Agora, cuidado, que elle não treme de vós, como tremeu Henrique IV. Agora, cuidado, que elle sabe como fostes julgados e censurados pelo papa Clemente VIII; (I) agora, cuidado, que elle sabe como fostes batidos pelo energico latego do sabio Pascal, e pela voz eloquente do sublime Bossuet; cuidado, que elle sabe como fostes repellidos e expulsos por Izabel de Inglaterra, e repellidos com indignação por todo o clero francez, em 1682; cuidado, que elle sabe que fostes vós que despertastes o Edito de Nantes, no espirito de Maintenon e de Luiz XIV; cuidado, que elle sabe o que fizestes na Hollanda de Mauricio de Nassau;— elle sabe o que fizestes da Hespanha, da Italia, e da America do Sul, desde o Brazil até o Paraguay. Elle sabe que sois os grandes perturbadores da paz em todos os Estados, em todas as familias, em todas as associações, como tendes conspirado contra os reis, aconselhado a escravidão e o embrutecimento dos povos, aos quaes tendes dominado em nome de Deus. Elle bem sabe o que fizestes de D. Sebastião e como enterrastes o grande Portugal nos areaes de Alcacer-kibir; elle

---

(I) Clemente VIII arguio os jesuitas de perturbarem a paz da igreja, e outros papas reconheceram o mesmo até Clemente XIV, que os fulminou com asperas censuras até extinguil-os pelo breve de 21 de junho de 1773.

sabe como dominastes o inepto espirito do cardeal Henrique e fizestes entregar o reino a Filippe II: elle sabe como interpretastes o concilio de Trento, e donde vos vem a vossa força, quando encontraes um rei como D. João III, que vos chamava: *queridos benjamins;* elle sabe tudo....

Pois bem, agora sabei; que se um Sebastião vos fez subir até ao throno, para dominal-o; um outro Sebastião, agora apparece, para vos fazer descer todas as escadas do poder politico e lançar-vos até no exilio e na fogueira, por terdes attentado contra a vida do Rei, e corrompido o seu povo.

Isto quer dizer que Pombal, tendo reconhecido que os jesuitas haviam sido conniventes no attentado contra a vida de El-rei D. José, em a noite de 3 de setembro de 1758, fez publicar o Alvará de 19 de janeiro de 1759, em que foram declarados *banidos* e *proscriptos* de Portugal e suas possessões nas quatro partes do mundo, e pelo de 3 de setembro, do mesmo anno, considerados como *rebeldes, traidores*, adversarios e aggressores contra a sagrada pessoa de El-rei D. José e por taes motivos, declarados *proscriptos* e *desnaturalisados*.

No Rio de Janeiro e outras capitanias do sul, coube ao illustre Gomes Freire, conde de Bobadella, (1) a *piedosa* missão de mandal-os prender e expulsar para fóra do Brazil á 24 de Julho de 1759, fazendo-se o mesmo com todo o segredo nas outras capitanias do norte, em o anno seguinte.

Depois de 21 annos de relevantes serviços diplomaticos e politicos, foi o illustre ministro agraciado com o titulo de conde de Oeyras, em 6 de junho de 1759, e onze annos depois, em 17 de setembro de 1770, com o de marquez de Pombal. (2)

Nesse mesmo anno apparecia o cometa de Halley guiado por Newton, que parecia annunciar a expulsão dos jesuitas

---

(1) Este illustre governador é parente do mui distincto major José Mariano de Ubá, em Minas Geraes.

(2) Outros authores dizem a 13 de setembro.

para Civita-Vecchia, como um sumptuoso presente ao irascivel papa.

O papado ficou estupefacto em presença d'uma tal energia, e não sabia o que fazer.

Entretanto, Pombal, não contente com a expulsão dos jesuitas, ordena ao embaixador portuguez, em Roma, Francisco d'Almada, seu primo, para obter do papa a extincção da ordem.

Não nos sendo possivel entrar em minudencias sobre a correspondencia, que promoveu este assumpto entre a Côrte de Roma e Portugal, limitamo-nos a dizer, que reconhecendo Pombal que o papa não tinha a necessaria força para acabar com aquella perigosa ordem, procurou o pretexto de uma descortezia commettida pelo nuncio apostolico, cardeal Acciajouoli, por occasião do casamento da princeza da Beira, D. Maria, herdeira do throno, com seu tio D. Pedro, em 6 de junho de 1760, por ter deixado de illuminar o seu palacio, quando todos os embaixadores das outras nações estrangeiras, a cidade de Lisboa e provincias do reino o faziam com enthusiasmo, e julgando-se offendido por este acto, Pombal, depois de convocar o conselho de estado, ordenou, em nome d'El-rei, a expulsão do nuncio apostolico dentro de quatro dias, (1) para fóra de Portugal, rompendo com todas as communicações, tanto ecclesiasticas, como politicas e commerciaes. O cardeal protestou, pedio espera, mas foi forçado a abandonar as orações e passar para o outro lado do Tejo, pois Pombal, não era frei Gaspar, nem o cardeal da Motta. Os embaixadores estrangeiros ficaram aterrados e sorprehendidos deste acto energico, que elles queriam qualificar de violento; mas temendo cahirem no desagrado de Pombal, chamaram-se ao silencio.

---

(1) Outros authores, entre elles Coelho da Rocha, dizem que foi em quatro horas; o mesmo diz o author da— *L'administraction du Marquis de Pombal;* porém nós vamos com o desembargador Delgado, na obra já citada, e com Luiz Gomes.

Livre dos jesuitas, interrompidas as relações com a corte de Roma, Pombal ficou á vontade para operar todas as reformas no ensino publico e descriminar bem os limites entre o poder civil e ecclesiastico. Durante dez annos poude livremente operar todas as reformas convenientes, afim de restituir á coroa toda a sua independencia, que até ali estava a mercê da supremacia romana. Neste mesmo anno deu-se uma outra questão internacional com a Inglaterra, em consequencia de uns quatro navios francezes, que sob o commando do almirante M. de Clue, foram queimados nas costas de Lagos, no Algarve, pelo almirante Boscawen, em 1759, (1) que segundo o direito internacional, deviam ser respeitados. (2)

Pombal fez uma energica reclamação á Inglaterra, e a côrte britanica enviou em 21 de Março de 1760 (3) um embaixador extraordinario, Lord Kinnoul, afim de dar todas as satisfações ao Rei de Portugal.

A nota attribuida a Pombal, então, conde de Oyeiras, é mui energica, e com quanto posta em duvida por alguns escriptores, entretanto nós passamos a transcrever della alguns trechos mais salientes, para satisfação dos leitores, que apreciam o caracter energico e patriotico do immortal marquez de Pombal. (4)

(1) Com quanto este facto se desse antes, fomos forçados a apresental-o depois para não interromper a questão dos jesuitas.

(2) Pinheiro Chagas diz no seu opusculo: *O marquez de Pombal*, que foi em 1764, mas é erro, porque em 1760, já a Inglaterra dava a satisfação exigida pelo marquez de Pombal, então conde de Oyeiras.

(3) Vid. *Quadro Politico e Diplomatico*, já citado.

(4) Consultámos e exposemos as nossas duvidas a um escriptor mui distincto, e authoridade em assumptos historicos, e elle é de opinião que esta nota é real e não apocripha.— E' o Sr. Dr. Mello Moraes. Acaba de fallecer este illustre escriptor brazileiro, author de enormes trabalhos litterarios e scientificos que lhe fizeram inscrever seu nome entre as reputações europeas. Laborioso e infatigavel sobre este ardente sol, elle era um nobre exemplo e um desmentido solemne para os que julgam os brazileiros indolentes. A posteridade lhe fará a devida justiça, que merece.

Era então primeiro ministro da Inglaterra o grande Pitt.

Eil-os:

« Rogo a V. Ex. me não faça lembrar das condescendencias que o nosso governo tem tido para com o seu: ellas tem sido taes, que eu não sei, que algum outro as haja tido semelhantes.

« E' justo que este ascendente acabe por uma vez, e que Portugal faça ver a toda á Europa, que tem sacudido o jugo de uma dominação estrangeira.

«Portugal não póde provar isso melhor do que obrigando o vosso governo a dar-lhe uma satisfação, que por nenhum direito lhe deveis negar.

« A França considerar-nos-hia como um estado impotente, se não podessemos obter uma satisfação da offensa que nos fisestes, vindo queimar nas aguas dos nossos portos, navios, que ali deviam ter toda a segurança.

« Vós não fazieis figura alguma na Europa, quando nós eramos uma das primeiras potencias.

« Vós occupaveis apenas com vossa ilha um ponto imperceptivel na carta geographica, quando nós arvoravamos o estandarte das cinco quinas pelos vastos dominios, nas quatro partes do mundo.

« Vós ereis do numero d'aquellas potencias, que não poderiam sahir da segunda ordem, e se vos elevastes á primeira, foi pelos meios que vos fornecemos. Esta impotencia material vos impossibilitava de estender vosso dominio, além da vossa ilha, porque para fazer conquistas vos era necessario uma armada, e para ter nma grande armada é preciso poder pagar-lhe, e vós não tinheis o numerario para fazel-o. Os que tem calculado sobre vossos recursos financeiros, antes da grande revolução da Europa, devem saber que não tinheis com que pagar seis regimentos de infanteria.

« Nem o mar, que se póde reputar vosso primeiro elemento, vos offerecia então maiores; mal podieis equipar vinte pequenos navios de guerra.

Ha cincoenta annos a esta parte, tendes tirado de Portugal, *mil e quinhentos milhões*, somma enorme de que não ha exemplo na historia universal, que uma nação tenha enriquecido assim a umaoutra. O modo porque tendes obtido estesthesouros: Vos é ainda mais favoravel que os mesmos thesouros: Foi por meio das artes que a Inglaterra se tem tornado senhora das nossas minas, e nos despoja todos os annos, regularmente do seu producto.

« Alguns mezes depois que a frota do Brazil chega, já de lá não ha uma só moeda de ouro em Portugal, porque passa logo quasi todo á Inglaterra, augmentando continuadamente a sua riqueza numeraria, e a prova está que a maior parte de seus pagamentos do Banco se fazem com o nosso ouro.

«Por uma estupidez tambem de que não ha exemplo na historia universal do mundo economico, nós vos permittimos vestir-nos e fornecer-nos todos os objectos de luxo, que não é pouco consideravel; e assim damos emprego a quinhentos mil subditos de El-rei Jorge, população que vive á nossa custa na capital da Inglaterra.

« São vossos campos que nos nutrem; substituistes nossos lavradores pelos vossos: outr'ora nós vos forneciamos cereaes, hoje sois vós quem nos forneceis. A razão é que vós tendes continuado a rotear vossas terras, em quanto nós temos deixado ficar a nossa em baldio.

« Contudo se nós vos temos elevado a essa grande prosperidade, da nossa parte está o fazer-vos cahir no nada d'onde vos tiramos.

« Nós podemos mais facilmente passar sem vós do que vós passar sem nós; uma só Lei basta para derrubar ou enfraquecer consideravelmente o vosso imperio. E' prohibir sob pena de morte, a sahida do nosso ouro para a Inglaterra, e elle não sahirá.

« Bem sei que nos podeis responder, que apezar d'essa prohibição, elle sahirá, como tem sahido, porque os vossos navios têm o privilegio de não serem revistados na sua sahida;mas não vos enganeis com isso: eu fiz esquartejar o

duque de Aveiro, porque attentára contra a vida do Rei, pois poderei mais facilmente mandar enforcar a um dos vossos capitães por ter roubado a effigie d'El-rei, contra a lei.

« Ha tempos na monarchia, na que um só homem póde muito.

« Vós sabeis que Cromwell, na qualidade de protector da Republica Ingleza, fez justiçar o irmão do embaixador de Portugal, Pantaleão de Sá, pois eu, sem ser Cromwell, sinto-me com forças para imitar o seu exemplo, na qualidade de ministro protector de Portugal. »

Depois d'algumas considerações sobre o estado economico da Inglaterra, mostrando que ella nada seria, sem Portugal, termina o energico ministro desta maneira, a sua nota diplomatica.

« A satisfação que vos pedimos é conforme ao direito das gentes. Acontece todos os dias que os officiaes de mar e terra fazem por excesso de zelo ou por inconsideração, cousas que não deviam fazer.

« Ao governo compete justifical-as e dar a devida satisfação aos Estados que elles tiverem offendido. E' preciso não suppor que esta satisfação o torne despresivel, pelo contrario faz-se sempre melhor opinião de uma nação, que se promptifica a fazer tudo que é justo.

« E' da boa opinião que dependeu sempre o poder e a força das Nações.—Conde de Oyeiras. »

Apezar de já não ser ministro dos estrangeiros por este tempo, e de muitas outras considerações, que se costumam fazer, nós, como já dissemos, inserimos aqui parte desta nota diplomatica, porque se não é de Pombal, elle era capaz de a escrever ainda mais energica, e por que ella respira um não sei quê de grande e energico, que se harmonisa com o caracter e espirito daquelle illustre ministro.

X

Temos chegado ao fim do primeiro decennio administrativo do grande Pombal, e elle só bastara para immortali-

sal-o, se o Eterno lhe não houvesse dado mais alongada vida, para continuar as suas beneficas reformas, afim de reerguer sua patria á altura das primeiras nações civilisadas.

Agora, vâmos apontar os principaes factos, que assignalam a sua brilhante administração, neste segundo decennio, sentindo não podermos desenvolvel-os, e aprecial-os como merecem, porque, então, teriamos de ultrapassar os horisontes de um opusculo, e apresentar um livro; o que não nos é permittido, agora.

Neste anno de 1760, consta que fôra fundada em Minas, no Rio das Mortes, uma associação litteraria, intitulada: *Arcadia do Rio das Mortes* pelos illustres José Basilio da Gama e Alvarenga, á semelhança da que havia sido fundada tres annos antes em Portugal, em 1757, por Diniz, Negrão e Theotonio de Carvalho, contemporaneos de Philinto Elysio, seguindo-se depois a segunda *Arcadia*, em que brilharam os dois rivaes poetas: Bocage e padre José Agostinho de Macedo.

No segundo periodo da sua administração, que vae de 1760 á 1770, teve Pombal de lutar com grandes difficuldades e perturbações no meio das suas mais liberrimas e grandiosas reformas.

A *Inquisição* estava subjugada, a nobreza orgulhosa decapitada; o jesuitismo expulso; os motins do Porto abafados; a Inglaterra mais cortez e respeitosa;—uma nova cidade brilhava sobre as ruinas da antiga Lisboa, o commercio e as artes começaram a tomar nova direcção e florescencia em Portugal e no Brazil; mas os inimigos lá fora, tramavam novos golpes contra o grande ministro, e tudo parecia conspirar para arredal-o das suas gigantescas emprezas. Era tudo em vão, porque Pombal não era um ministro vulgar, era um genio, e o genio domina, e por isso aonde existem trevas, elle traz a luz; onde esvoaça a anarchia, elle traz a ordem; por onde se arrasta a pallida miseria, elle traz a brilhante cornocopia da abundancia.

Neste periodo conhece-se que o raio da liberdade vae gradualmente augmentando á proporção que a nação se desenvolve.

A instrucção primaria e secundaria, occupa seriamente o seu grande espirito, e d'ahi vem o apparecimento de algumas escolas de instrucção primaria e secundaria, depois de libertar o ensino dos jesuitas, e proscrever o seu methodo, estabeleceu em differentes cidades do Reino, escolas de latim, de grego e hebraico sob a inspecção de um director geral de instrucção. Depois de dar escolas ao povo, tratou de dal-as aos nobres, e para isso, fundou o *Collegio dos nobres,* para que ali aprendessem e se instruissem com um gráo de instrucção apropriada á sua classe.

Neste mesmo anno, de 1761, fez baixar dous decretos, que muito honram e immortalisam a administração deste ministro, collocando-o na altura dos sublimes humanitarios: são os decretos sobre a egualdade dos indianos na Asia, gosando dos mesmos direitos, que os subditos portuguezes nascidos em Portugal, e a liberdade de todos os escravos, que pisassem ao solo portuguêz e dos que se achavam no Algarve; bem como os prejuizos contra os mulatos e mais homens de cor. (1)

Passando á esphera financeira, tracta de crear um conselho da fazenda, onde eram centralisados no thesouro publico o recebimento de todos os impostos e o pagamento de todas as despezas, que até ali estavam em completo cahos.

No meio destas sabias reformas, apparece o celebre tractado do *Pacto de Familia*, celebrado em Versailles, em 15 de agosto de 1761 entre a França e a Hespanha, e com quanto neste tractado fosse excluido Portugal, não o fôra da convenção de Paris, em cujo artigo 6º faz entrar Portugal nesta alliança contra a Inglaterra, e não o conseguindo, enviou-lhe um exercito de 60 mil homens, invadindo a provincia de Traz-os-Montes,—e tomando algumas cidades,

---

(I) Vid. o Alvará de 16 de janeiro de 1773 em a nota...

como: Miranda, Chaves, Bragança, Moncorvo, e parte da provincia do Douro.

Pombal, apezar das criticas circumstancias em que se achava a nação, depois do terremoto e conspiração dos Tavoras, não desanimou, porque seu alto e fecundo espirito, não lhe permittia esses esmorecimentos, a que estão subjectos os maiores genios, e ligando-se com a Inglaterra, mandou logo vir o celebre general conde de Lippe para commandar o exercito portuguez, que foi immediatamente disciplinal-o e pol-o em estado de oppor-se ao inimigo.

Chegado o conde de Lippe, com tal tactica se houve contra o exercito estrangeiro, que em poucos mezes causou-lhes grandes derrotas e perdas, e occorrendo outras circumstancias no estado politico da Europa e da America, a França e a Hespanha tiveram de fazer a paz, que definitivamente se concluio pelo tractado de Fontainebleau, em 10 de fevereiro de 1763, e publicado em Lisboa em 25 de março do mesmo anno.

Portugal obteve uma paz muito honrosa, por que lhe foram restituidas todas as praças tomadas pelo inimigo e a liberdade de todos os prisioneiros, que durante a guerra cahiram em seu poder.

Emquanto na Europa davam-se estas occurrencias da guerra entre Portugal e as duas citadas nações, na America deu-se a invasão e tomada da colonia do Sacramento pelo governador hespanhol de Buenos-Ayres D. Pedro Cevállos, em 29 de outubro, dando logar a que o conde de Bobadella morresse de pesar, ao saber deste tristissimo desastre.

Pombal, logo que soube desta fraqueza militar da parte do governador Vicente da Silva, mandou-o buscar para o Limoeiro, onde acabou seus indignos dias; o coronel Thomaz Luiz Ozorio, foi condemnado á forca, e os outros officiaes, julgados cumplices na entrega desta praça portugueza, tiveram por castigo,—o degredo de Castro Marim e o negro desterro d'Africa e de Angola.

madrinha de baptismo do filho ou filha do embaixador austriaco, que se achava em Lisboa, donde se infere o grau de amisade e consideração, que aquella virtuosa soberana ligava a condessa de Oeyras e a seu marido.

Eil-a:

Schonbrum, 16 de junho de 1770.

« Minha querida condessa de Oeyras.—Para dar-vos uma prova maior da consideração em que tenho o cavalheiro— Lehzelten, nosso enviado na corte de S. Magestade Fidelissima, prestei-me com a maior vontade a ser madrinha de baptismo da creança, que sua esposa brevemente terá. Conheço muito bem os vossos antigos sentimentos e do conde de Oeyras a meu respeito, para que duvide um só momento de que haveis de aceitar com prazer esta commissão; e, pelo que me toca, não posso deposital-a em melhores mãos do que nas duas pessoas por quem conservo uma estima particular.

«Por tanto muito me apraz que vós e vosso marido me representem nessa occasião. Se for menina, pondo-lhe o nome de Maria Thereza, e se for menino o de Francisco José. Em retribuição asseguro-vos que não diminuirá em mim o desejo de provar em todas as occasiões o meu antigo e constante amor para comvosco.

«Conhecestes bem, como vosso esposo, o joven monarcha, mas não a rainha mãe. Portanto mando-vos, com o joven monarcha, a velha mamã, que não conservando sua vivacidade e actividade, só conserva a sua ternura para com os seus parentes e velhos amigos. A estima em que sempre tive vosso marido só acabará com meus tristes dias, bem como aquelles em que tive as vossas virtudes e merecimentos e os da familia Daun, a quem devo a conservação da monarchia. Crede-me sempre—Vossa muito affecta—MARIA THEREZA. (1)

(1) Esta carta vem na obra: *Memorias de Pombal* por John Smith secret. privado em Londres do duque de Saldanha, então marquez do mesmo titulo.

XI

Passando ao terceiro periodo da administração de Pombal, que vai de 1770 a 1777, diremos, que neste curto praso de sete annos, a intelligencia de Pombal, apezar de nesta epocha estar com os seus setenta e um annos, parecia mais lucida e vigorosa, sem diminuir a sua gigantesca actividade. Aqui sobre as muitas reformas operadas sobresahem: a reforma da universidade de Coimbra, em setembro de 1772, (1) que a elevou acima das mais acreditadas da Europa, e que, segundo o dizer do sabio Cuvier, foi muito além dos progressos do seu seculo; reforma na administração das Indias, e abolição da Relação de Gôa; reforma na administração das finanças e das ordens militares; estabeleceu a preferencia entre diversos credores e prohibio as execuções contra os devedores verdadeiramente insoluveis; com que libertou muitos desgraçados, que se achavam presos ha muitos annos, por não poderem pagar as multas; (2) restringiu o poder despotico e illimitado dos paes sobre o casamento dos filhos, fazendo baixar uma lei, em a qual os filhos tinham o direito de appellar contra a recusa dos paes, sem fundamento aceitavel; (3) fundou um novo hospital para os desvalidos pobres, no edificio, que havia sido residencia dos jesuitas; fez erguer um grande monumento no terreiro do paço, isto é, a estatua de El-rei D. José, da qual se encarregou o brigadeiro Bartholomeu da Costa, que a fundira em oito minutos, sendo o modelo da Estatua feito por Joaquim Machado. (4)

---

(1) Vide a nota no fim: *Pombal nomeado pelo Rei D. José seu logar tenente* para inaugurar a reforma de leis.

(2) Lei de 20 de junho de 1774.

(3) Lei de 25 de Novembro de 1775.

(4) Foi inaugurada em 6 de junho de 1775, e seguida de muitos festejos, que duraram dias, concorrendo mais de 150 a 160 mil pessoas de Portugal e do estrangeiro. Pinheiro Chagas diz erradamente: foi posta a estatua em 1755, quando foi em 1775. Este erro vem no *Marquez de Pombal* a pag. 97.

No meio destes festejos, Pombal ia sendo assassinado por um estrangeiro Pele, mas tendo sido denunciado, pagou com a vida a tentativa.

No meio destas grandiosas reformas, Pombal teve a satisfação de ver, em 21 de julho de 1773, a bulla de Clemente XIV, (1) pela qual extinguia do orbe catholico, a seita maldita, intitulada: *Companhia de Jesus!...*

Eram coroados os seus herculeos esforços, custando a vida ao papa, que assim aprouve extinguir tão funesta seita.

No penultimo anno de sua brilhantissima administração, Pombal ia travar uma grande luta com a Hespanha, pela falta de cumprimento ao tratado de 10 de fevereiro de 1763, assignado em Fontainebleau, em que pelos arts. 21 e 24, a Hespanha se obrigara a restituir a Portugal, a colonia do Sacramento, e outros fortes por elles tomados no Rio Grande do Sul: e, não chegando a um accordo, apezar da proposta do congresso de Paris, em 1776, por intermedio da França e da Inglaterra, que tinham vivo interesse na paz entre as duas nações; apesar de algumas concessões da parte do marquez de Pombal, não foi possivel chegar a um accordo, porque o marquez de Grimaldi, ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, exigia que Portugal entregasse primeiro alguns fortes, tomados aos hespanhoes, e Pombal achando affrontosa aquella exigencia, repellio-a com altivez, apezar da Inglaterra lhe haver aconselhado o contrario, e preparou-se para entrar só na luta contra a poderosa Hespanha, porque a Inglaterra estava preoccupada com as suas colonias americanas, que neste mesmo anno, tinham pela frente o vulto imponente de Washington, com seu exercito em Boston, e o congresso de Philadelphia, a proclamar a independencia dos treze Estados-Unidos da America; emquanto Franklin partia para a Europa á solicitar a alliança da França, que afinal conseguio em 1778.

Entretanto, a Hespanha, querendo aproveitar este ensejo,

(1) Outros dizem de 3 de julho. Vid. a not. C.

envia para America uma esquadra de cento e vinte velas, sob o commando de D. Pedro Cevallos, que veio a tomar Santa Catharina, em 27 de fevereiro de 1777, a qual foi restituida a Portugal, pelo tratado assignado no Prado em 1778, como ratificação do que fora realisado preliminarmente em S. Ildefonso, em o 1º de outubro do anno anterior, em que a senhora D. Maria I entregava a colonia do Sacramento aos hespanhoes, que tanto custara a sustentar ao marquez de Pombal.

Não pôde, pois, o marquez levar por diante, o seu projecto de sustentar a guerra na America contra a Hespanha, por que dos repetidos ataques, que acommettiam a El-rei D. José, veio afinal o ultimo, que arrebatou da esphera dos vivos para a sombria morada dos mortos, a 24 (1) de fevereiro de 1777, pela uma hora da madrugada.

Estava finda a missão do grande Pombal. Com a morte d'El-rei, de quem fôra amigo, e o seu maior confidente, durante o espaço de vinte e sete annos, elle tinha de desapparecer e de abandonar a administração politica porque a Rainha D. Maria I, era, além de beata, mui fanatica, e portanto, não podia ver a seu lado um ministro, que tinha a coragem de explusar os jesuitas, extinguir-lhes a ordem e fazer tremer o proprio papa.

Comprehendendo, pois, a sua situação, e lembrando-se das monstruosas palavras do cardeal da Cunha, quando na manhã do dia 24 (2), fora ao Paço, saber da saude do Rei, e lhe dissera com ironia satanica:

---

(1) Luiz Gomes diz, na já citada obra, a pag. 323 que foi a 20; e seu traductor, o Sr. Dr. Alexandre Fontes, tambem commette o mesmo erro a pag. 98. E' natural...

(2) Desde 12 de novembro de 1776, que a rainha D. Marianna, assumira a regencia do Reino, em consequencia do ataque que El-rei teve no dia 10 ao saber da morte do cardeal patriarcha de Lisboa, Francisco de Saldanha e o Sr. Dr. Pereira da Silva disse na conferencia da Gloria em 21 de Agosto que foi D. Maria I. E' engano de S. Exª. mas não admira... (Vid. not D.

Realisada a paz entre Portugal e as duas nações França e Hespanha, Pombal continuou as suas reformas e assignalou a sua administração por leis sabias. O exercito e a marinha perfeitamente organisados pelo conde de Lippe, que se retirou para a Allemanha, em setembro de 1764, ficaram em estado de affrontar qualquer aggressão com vantagem.

No intuito de desenvolver o commercio e a navegação, fez baixar um decreto pelo qual os navios, que até ali não podiam sahir para a Madeira, Açores, e America, sem haver um numero de 80 a 100, d'ahi em diante, podiam levantar ancora quando muito bem lhes parecesse.

Pelos fins deste anno, Pombal, que parecia inacessivel ás molestias, foi acommettido de um ataque apopletico, que poz em perigo seus dias; entretanto a sua herculea constituição resistio, e, d'ahi em diante, proseguindo a desenvolver a sua actividade, fez publicar regulamentos sobre os cereaes, mandou suppliciar o capitão francez Graverou, por ter roubado o soldo dos soldados e falsificado os livros do regimento, concedendo graças e dando patentes, em nome do Rei; repellio as pretenções dos inglezes, que ambicionavam gosar de certas regalias, que não gosavam na Inglaterra, pelo que foi muito applaudido pelo duque de Choiseul, em França; fez publicar salutares leis sobre os pequenos morgados e legados; abolio o direito *consuetudionario*, que era um direito em virtude do qual os filhos succediam aos empregos publicos dos paes.

Este direito, que teve sua origem n'um aviso de Alvaro Vellasco, foi acceito sem criterio por alguns jurisconsultos, dando-lhe o caracter de um direito justo, quando era injusto. Mas Pombal, conhecendo o absurdo desse estupido direito, abolio-o logo por outro, que é o verdadeiro: *dar os empregos —aos que forem mais aptos e dignos pelos seus merecimentos*.

Eis, a grande idéa, que hoje brilha nas constituições e codigos modernissimos, já acatada pelo grande estadista e reformador portuguez.

A legislação civil ia passar por uma grande transformação, imprimindo-lhe o espirito de nacionalidade, como diz o illustre cathedratico da universidade de Coimbra, Coelho da Rocha, que o animava em todas as suas reformas, e, neste sentido, fez, pela lei de 18 de agosto de 1769, «restituir ás leis patrias a dignidade e consideração, que até ahi lhe tinham negado, uns, pela supersticiosa veneração, que professavam ao Direito Romano e Canonico, outros, pela commodidade de recorrer ás opiniões e arestos.»

D'ahi em diante o Direito Romano continuou a ser subsidiario;—mas tão só no que se achava em harmonia com o «Direito Natural, com o espirito das leis patrias, e com o governo e circumstancias da nação;»—o canonico, esse foi remettido para os tribunaes ecclesiasticos e materias espirituaes.»

As glossas, opiniões dos doutores e arestos, foram destituidos de toda a autoridade extrinseca; e nos negocios politicos, economicos, mercantis e maritimos, mandavam-se seguir, como subsidiarias, as leis das nações civilisadas da Europa.» (1)

Eis, como Pombal operava a sua revolução legislativa, arrancando-a do cahos em que se achava, pelo predominio do direito ecclesiastico sobre o civil.

D'aqui em diante, o poder, privilegios e jurisdicções da cleresia, foram limitados e restrictos á esphera puramente espiritual; o seu poder e immunidades ficaram a depender da alçada real. «D'ahi em diante prohibiu-se a instituição da alma por herdeira, restringiu-se a antiga liberdade de—testar em legados pios, capellas e suffragios pelos defuntos, —o que diminuio sensivelmente a influencia e poder do clero.» (2)

Pela subida de Clemente XIV ao throno Pontificio, em 1769, restabeleceram-se as relações, que haviam sido inter-

(1) Coelho da Rocha *Hist. do Gov. e Legisl. de Portugal.*

(2) Luiz Gomes. *Le Marquis de Pombal* e Coelho da Rocha—*Hist. da Legisl. em Portugal.*

rompidas em 1760, como já fizemos ver, e «desde então, diz Coelho da Rocha, o papado não se atreveu mais a exorbitar do seu poder, puramente ecclesiastico.»

Neste segundo periodo, fez Pombal assignalar a sua administração com mais uma lei, que muito honra os seus sentimentos humanitarios e religiosos: é a lei que fez abolir a distincção entre os antigos e novos christãos, entre judeus e europeus. Comquanto esta lei ja tivesse sido publicada em tempo de D. Manoel e D. João III, todavia, suppõe-se, que durante a guerra da successão, «*fossem os jesuitas*, que obtivessem do papa Xisto V um breve, o qual excluia d'ahi em diante todos os beneficios da universidade; exclusão que, algum tempo depois, estendera-se a todas as dignidades, e cargos publicos (1)

Estes *christãos novos*, que desde os reinados de D. Manoel, D. João III, e Felippe II (2) eram as victimas predilectas do *Santo Officio,* só encontraram verdadeira justiça e protecção, no reinado de D. José I, sob a administração de Pombal; e tal era a sua humanidade para com esta pobre raça, que chegaram a dizer, os inimigos jesuitas de casaca, e de sotaina (lá fóra),que Pombal era de raça judaica, e por isso protegia tanto os judeus; e certo dia, cahindo-lhe nas mãos, um desses, que o apregoava como judeu, em logar de o mandar para o Limoeiro, mandou-o embora, dizendo-lhe: *Vá com Deus, e continue a dizer que eu sou judeu.*» O pobre diabo retirou-se a tremer com esta lição moral, e, d'ahi em diante, dizia que Pombal era um verdadeiro filho de Deus, e mais religioso do que aquelles que andavam de rosario na mão e a bater nos peitos dentro das igrejas.

---

(1) Felippe II, em 1601 concedeu aos *Christãos Novos* a liberdade de sahirem para fóra do reino por um milhão e duzentos mil cruzados.

(2) Coelho da Rocha. *Hist. do Gov. e da Legislação de Portugal,* e Mello Freire. Hist. Jurid. § 107.

D'ahi em diante, Pombal, era, para este sujeito, um heroe, e um verdadeiro sancto, que devia ir para o altar, que occupava, o celebre Ignacio de Loyola.

Para tranquillidade das familias, fez Pombal abolir todas as devassas e averiguações, que até ali se faziam em relação ao concubinato, uso barbaro, e jesuitico, que espalhava o terror e desassocego por toda a parte.

Emquanto, ha mais de um seculo, Pombal assim procedia, lá na velha Europa; vê-se aqui no Brasil, o Sr. bispo Lacerda andar por Angra, Paraty e outros logares a pregar do pulpito contra o concubinato, e a instigar com suas palavras os denunciantes, e chegando a apontar, dentro da propria igreja, as pessoas, que, segundo as denuncias de cartas anonymas, eram designadas como taes!...

As suas predicas só produziram perturbações e loucuras a uns; riso e lastima, a outros. E' pena que S. Ex. não tenha nascido no tempo de Loyola e Torquemada para dar largo pasto ao seu genio inquisitorial; mas ainda póde ter esperanças: é quando resuscitar lá pelo valle de Josaphat, ao pé do poetico Cedron.

Estamos no fim do segundo periodo da administração do illustre ministro; estamos em fins de 1770, em que elle recebe, em recompensa de seus serviços, o titulo de marquez de Pombal, para si e seus descendentes.

Esta recompensa real do muito saudoso e sempre lembrado Rei, D. José I, foi concedida, ao seu immortal ministro, em 17 de setembro de 1770. (1)

Por este tempo, isto é, em Junho do mesmo anno, dirigio a imperatriz Maria Thereza á senhora do marquez de Pombal, que ainda era condessa de Oeyras, uma carta muito honrosa, tanto para ella, como para seu marido, pedindo-lhe para que ella e Pombal representassem a sua pessoa, como

(1) Alguns autores dizem a 13 e outros a 27 de setembro. Não pude averiguar qual é a verdadeira data, por isso apresento a duvida.

« Nada mais tendes que fazer aqui; (alludindo á morte de El-rei); vossas funcções terminaram.» Pombal, fitando aquelle ingrato, com o seu olhar de aguia, lançou-lhe toda a altivez do seu despreso. Este cardeal devia-lhe tudo, devia-lhe até o proprio barrete!...

Passados oito dias, a quatro de Março do referido anno, pelas duas horas da tarde, Pombal, recebia das mãos do ministro Martinho de Mello e Castro, depois de lido, o decreto em que a rainha lhe concedia a sua demissão de ministro, e seguindo para a sua quinta de Pombal, ali fora esperar todas as negras tempestades, que após a morte de D. José, se lhe desencadearam sobre a sua nobre cabeça de 78 annos, que então contava nessa épocha. (1)

XII

Agora acompanhemos o immortal ministro de D. José para o seu retiro de Pombal e assistamo-lhe aos seus ultimos momentos.

Emquanto Pombal lamentava em seu exilio, a morte de D. José e reflectia sobre o fim que viria a ter esse bello Portugal, que elle tanto amava e desejava apresental-o ao mundo como a primeira nação, a reacção ia subindo de dia para dia, a ponto dos jesuitas terem a audacia de se apresentar de novo em Portugal, trajando o habito da sua ordem!... (2)

Em presença desta ousadia imprevista, foi preciso que o conde de Florida Blanca, ministro de Hespanha, enviasse uma nota diplomatica ao governo portuguez, por intermedio

---

Outros dizem 29 de Dezembro. E' esta que me parece ser a verdadeira, porque vem na *Collecção das leis etc.* pelo Desembargador Delgado.

E Soriano diz á pag — 213 — da sua *Historia da Guerra Civil em Portugal,* que foi em 29 de Outubro.

(1) Vid. Innocencio da Silva — Luiz Gomes diz que foi a 14 de Março de 1777.

(2) Vid. Luiz Gomes — *Le Marquis de Pombal.*

do seu embaixador em Lisboa, o marquez de Almadovar, fazendo-lhe sentir as consequencias, que se podiam dar dos actos irregulares, praticados a favor da reacção jesuitica.

Após os jesuitas, vieram depois os fidalgos despeitados; vieram — as rehabilitações dos parentes do marquez de Alorna; vieram os pamphletos dos miseraveis; rebentaram todos os odios até ali supitados pela vara de ferro de Pombal, que era necessaria para conduzir aquelle povo fradesco á verdadeira Promissão; — vieram, emfim, todas as vinganças mesquinhas: e a propria rainha, chamada a — *piedosa* esquecendo-se de que ferir Pombal, era ferir a memoria de seu augusto pae e Rei D. José, consentio, para vergonha do seu reinado, que aquella gloria da sua patria, aquelle heroe, que tinha feito erguer sua nação ao nivel das nações mais civilisadas da Europa, fosse agora passar por baixo de um processo miseravel, e de um interrogatorio humilhante, que devia confundir os interrogadores, pois aquelle interrogado, era o pae e salvador de sua Patria.

Este longo interrogatorio, apressou a morte daquelle grande homem, cuja constituição lhe promettia ainda uma bem prolongada vida, á semelhança de Platão, Newton e Humboldt. Depois de martyrisado pelos seus inimigos, a Rainha D. Maria, *houve por bem*, em seu ignominioso decreto de 16 de agosto de 1781, (1) declarar que, segundo o pensar dos juizes, Pombal, « *era criminoso e digno de um castigo exemplar* » « Entretanto, em attenção á avançada idade do *culpado*, e ás suas graves enfermidades, *entendemos dever poupar-lhe os soffrimentos do castigo* que merece. » « Consultando antes a *nossa clemencia* do que a *nossa justiça*, dobramo-nos ás supplicas do referido marquez. etc...

« *Perdoamos-lhe* todas as penas *afflictivas*, ordenando-lhe de *conservar-se, a vinte leguas* de distancia desta corte, até nova ordem nossa... »

---

(1) Victor Duruy diz erradamente que foi a 10 de Agosto de 1781, quando foi a 16.

Este decreto foi assignado no Palacio de Queluz, em 16 de agosto 1781, pela senhora D. Maria I, que para seu castigo ficou louca, e veio morrer aqui, no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1816, (1) tendo fugido de Portugal com seu filho D. João VI, pelas aguias de Napoleão que, não encontrando mais a sombra do marquez de Pombal, pois até o seu retrato ja não existia, porque havia sido tirado, em uma noite do mez de Abril de 1777, (2) tiveram a ousadia de entrar em Portugal; mas lá estava seu neto no combate do Bussaco para derrotar Massena.

A publicação daquelle decreto, inspirado pelo negro fanatismo da reacção e pela *clemencia* de uma rainha, que possuia grandes virtudes domesticas. mas incapaz, pela educação fradesca, de reinar sobre um paiz livre; foi a sentença de morte lavrada contra o maior estadista, que tem apparecido em Portugal.

Nove mezes menos oito dias depois, (3) seu vasto espirito desprendia-se do seu grande coração e voava á região dos immortaes, onde brilham os genios collossaes, e os heróes, que eternisando uma épocha, symbolisam a grandeza de uma nação.

Como Napoleão, depois de agitar o grande mundo politico e religioso, acabava mais tarde seus dias no exilio de

---

(1) Pinheiro Chagas diz no *Resumo de Historia de Portugal,* pag. 87, 1880 que D. Maria, falleceu a 16, quando foi a 20.

(2) «Ramalho Ortigão diz, nas *Farpas,* de Junho á Julho de 1882, a pag. 57, que Pombal disserá em 1781: *Agora é que Portugal vae á vela»* E' erro como se pode ver no fim da obra, nota *Ramalho Ortigão, e Portugal a velá.*

(3) Pinheiro Chagas no seu *Marquez de Pombal,* a pag. 120, diz que elle sobreviveu ao decreto de 16 de Agosto de 1781, apenas dez mezes, quando é erro, porque foi nove mezes menos oito dias.

Victor Duruy diz tambem erradamente, que foi ao fim de 10 mezes que elle falleceo no exilio, após o decreto de 10 de Agosto quando devia dizer 16, logo commette dous erros, o Sr. Victor Duruy. Vid. *Histoire des temps modernes,* pag. 317.

Santa Helena a 5 de maio de 1821, á hora em que o sol mergulhava no vasto oceano; assim Pombal, deixava subir seu espirito para a esphera immortal, pelas 6 horas e meia da tarde de uma quarta-feira aos 8 de maio de 1782, (1) quando o sol se despedia do horisonte de Pombal e doirava com seus ultimos raios e esplendores, os altos pincaros da formosa Cintra e da poetica Cascaes.

Com a morte de Pombal, podia dizer-se que havia desapparecido um astro de grande luz, e que agora tudo ia jazer em densas trevas de fanatismo. E assim foi.

Após a sua morte, Portugal foi de novo dominado pela fradaria ignorante e inquisitorial, protegida pela rainha, e o resultado foi o descalabro nas finanças, o thesouro exhausto, a invasão estrangeira, pelos francezes, a supremacia da politica ingleza, pairando de novo sobre a realeza, o abandono da patria; o embrutecimento do povo, e o rebaixamento da nação, que sob a administração d'aquelle grande patriota, era altiva e nobre; tenaz e forte; rica e florescente, a ponto de deixar em seus cofres a somma de—setenta e oito milhões de cruzados—e um exercito de cincoenta e seis mil homens effectivos, bem pagos e disciplinados e sem nada dever ao estrangeiro.

Voltando á morte do grande homem, em Pombal, diremos, que seu cadaver foi aberto e embalsamado pelo doutor José Correia Picanço.

O coração deste illustre homem, diz o distincto medico José Correia Picanço, tinha palmo e meio de comprimento, achando-se cincoenta e tres pedras espalhadas pela sua base, tendo as proporções de um grão de bico.

Era, pois, o seu coração immenso, como o seu genio.

Depois de ter sido embalsamado, o seu corpo foi conduzido, do seu palacete para o ex-convento de Santo Antonio

(1) O Sr. Pinheiro Chagas diz, erradamente, no seu opusculo *Portuguezes illustres*, que foi a 5 de maio—Se consultasse Innocencio da Silva, Luiz Gomes e outros, não commetteria este erro, mas foi aos diccionarios francezes, por isso... (Vid. a nota E.)

da villa de Pombal—em um coche puxado por tres parelhas, em a noite de sabbado, 11 de maio de 1782. Ali esperava-o já á entrada do convento, o seu fiel amigo bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos, para lhe dizer o seu ultimo adeos.

As musicas de Coimbra e Leiria resoavam sentidos hymnos funebres; o povo e os beneficiados pelo grande marquez, vertiam lagrimas; só os jesuitas poderiam soltar o seu riso diabolico, porque estavam livres do unico homem, que tinha o poderoso genio, e a força sufficiente para esmagal-os.

A oração funebre foi recitada pelo sabio orador frei Joaquim de Santa Clara, que reconhecendo o grande merito de Pombál, elevara-o á altura, em que Bossuet costumava elevar, pela sublimidade de sua phrase, os seus heróes.

Passados vinte e oito annos, em 1810, pela terceira invasão franceza, sob o commando do general Massena, foi seu cadaver profanado pelos soldados d'esse general, despojando-o de seu vestuario, roubando-lhe a rica espada, suas esporas de oiro, e espalhando depois os seus ossos pelo corpo da igreja. Eis as idéas civilisadoras do novo Atilla!..!

Estes ossos foram, mais tarde, piedosamente reunidos por um parente e amigo do finado marquez, e depositados n'uma modestissima sepultura.

Passado mais de meio seculo, isto é, em 1856, foram seus restos mortaes trasladados da Villa de Pombal, a 16 de junho, (1) para Lisboa, devido aos esforços do seu illustre bisneto e representante de sua casa e titulos, o Exm. Sr. D. Sebastião, actual marquez de Pombal, que, depois das solemnes exequias, mandadas celebrar pela illustre Camara Municipal de Lisboa, sob o reinado do mui saudoso Rei

(1) E' esta a data apresentada pelo historiador Soriano; mas Innocencio da Silva, diz que foi em 1º de junho. Decida quem quizer...

D. Pedro V, em a cathedral de Santo Antonio, foram alfim descansar tão preciosas reliquias em a capella de Nossa Senhora das Mercês, pertencente á mesma Casa, na rua Formosa, onde o grande Pombal havia nascido e fôra baptisado. E' ali que, os peregrinos admiradores do eminente genio de Pombal, poderão, com a devida permissão, contemplar essas reliquias sagradas do maior genio politico, que tem produzido Portugal, no longo espaço de quasi oito seculos.

E' tambem, na magnifica praça do Commercio ou terreiro do Paço, que poderão vêr, do lado do norte, o arco de triumpho, onde se acha ao lado de Viriato, Nuno Alvares e Vasco da Gama, a estatua do grande Pombal, representando ao mesmo tempo, o Genio, o Valor e a Gloria de Portugal.

No centro da praça, ergue-se a Estatua de D. José, e sobre seu pedestal acha-se reposta a effigie do illustre marquez, devida ao reconhecimento de um heróe do nosso seculo, chamado D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal.

Este acto de justiça e reconhecimento da parte de D. Pedro, em nome de sua filha D. Maria, é um acto, que muito o honra e recommenda á posteridade.

Elle foi praticado em 1833, por decreto de 10 de outubro do mesmo anno. Elle devia lembrar-se que era á espada d'um neto de Pombal, o grande Saldanha, que elle devia o seu triumpho real.

Não podia, pois, esquecer-se do seu illustre avô, e por isso, fez baixar um decreto, que é uma verdadeira homenagem ás altas virtudes e relevantes serviços prestados pelo eminente estadista, e uma atróz censura á sua real Avó D. Maria I.

Eil-o:

« Sendo geralmente reconhecido que o Marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello, fôra o Portuguez que mais honrou a Nação no seculo passado; que, distincto pelos seus conhecimentos variados, firme pelo seu caracter,

instruido pelas suas meditações e viagens, e sobretudo, dotado de um amor da Patria, de um zelo do bem publico, e de um interesse pelo decoro e independencia nacional, que sempre o levava nobremente a promover o bem do seu paiz, e a naturalisar nelle as vantagens da industria, da civilisação, do commercio e das artes; não é menos sabido que a inconstancia dos tempos, e o capricho dos homens pretenderam denegrir na Patria o conceito que nunca fóra d'ella foi disputado a tão illustre genio, e fizeram com ingratidão incrivel, desapparecer a sua imagem do centro d'aquella mesma cidade, que elle tinha feito renascer das cinzas para ser uma das mais bellas capitaes da Europa

«Tomando, pois, estes motivos na devida consideração, e Querendo ao mesmo tempo tributar ao grande homem (Pombal) a justiça que é devida, e apagar os vestigios de uma ingratidão de que a geração presente regeita a responsabilidade, e desapprova o erro: Hei por bem, em Nome da Rainha, que a imagem em bronze do Marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello, que havia sido arrancada do pedestal da Estatua Equestre de meu Augusto Avô (D. José), de quem fôra tão leal servidor, e de quem tão zelosamente procurava sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar, e que por lembrança do dia em que se praticou esse acto de justiça se lhe ajunte por baixo, em lettras de bronze, a inscripção seguinte:— 12 de Outubro de 1833. (1)

Palacio das Necessidades, em 10 de outubro de 1833—. D. Pedro, Duque de Bragança.»

Eis, como o immortal D. Pedro respondeu ao miseravel governo, que em uma noute do mez de abril de 1777, mandou arrancar da estatua de D. José a effigie do grande Pombal (2). Eis como um neto da senhora D. Maria I;

(1) Este dia era o anniversario nat. de D. Pedro IV.

(2) Sabemos da origem desta historia, que deu logar ao arrebatamento da effigie, e como o duque de Saldanha veio a saber disto no Rio Grande do Sul, mas não temos mais espaço para narral-a. Pode ser lida nas *Memorias* já referidas.

respondeu ao seu monstruoso Decreto de 16 de agosto de 1781, desterrando o illustre Pombal.

A Historia começou a fazer justiça ao grande homem, que tanta honra e amor consagrou a sua patria.

E' tempo de se lhe render plena justiça e reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados á nação portugueza.

As palavras do augusto Rei liberal, não ficarão em esquecimento. Aproxima-se o dia do seu centenario: é a 8 de maio de 1882,e a geração de ambos os mundos — Novo e Velho, não deixará de lhe tributar as honras e glorificações, que o brilho de seus actos, e altaneos feitos estão a reclamar, como uma das maiores glorias do moderno Portugal.

O que Portugal, ainda hoje, apresenta de grande e digno de admiração aos olhos do estrangeiro, é devido ao Marquez de Pombal.

Pelo lado material, apresenta-lhe uma esplendida cidade nova, a remirar-se ufana no seu crystalino Tejo; pelo lado moral e caritativo — os hospitaes e asylos para a pobreza e infancia desvalida, a extincção das devassas sobre o interior da vida domestica, etc.; pelo lado intellectual ou scientifico, ainda as sabias leis civis, que existem, são — delle; e a reforma da Universidade de Coimbra, dando entrada ás sciencias naturaes, que até ali não tinham assento, ainda tambem é devida á sua reforma de instrucção.

Foi ao beneficio desta grande reforma, que já em 1782 o grande Patriarcha da Independencia do Brasil, José Bonifacio, ali pôde estudar, ao lado do direito, o curso de philosophia, que o tornou depois tão celebre na Europa, pelos seus conhecimentos mineralogicos.

A sua grande obra politica não pôde completar-se em sua vida, porque a morte de D. José o viera obstar; e só mais tarde, depois dos ineptos governos de D. Maria e de João VI; do despotismo brutal e fradesco de D. Miguel,

que mais fizeram sentir a grande falta do genio de Pombal, a ponto de o povo dizer:

«Mal por mal
O grande Pombal;
Mal por mal
Ainda o grande Pombal.»

é que veio completar a sua politica, a espada de seu neto o marechal duque de Saldanha, e a penna do grande Mousinho da Silveira, sob Pedro IV, o heroe do Mindello, em 1832.

São factos estes, que brilham no presente, e que a historia não poderá deixar de registrar, em lettras de oiro, para admiração da posteridade.

E' esta a verdade: desconhecel-a, é voltar as costas á luz do sol, mas elle continuará sempre a brilhar, porque o imperio das sombrias nuvens é sempre vão e passageiro.

Pombal brilhará, pois, sempre, sempre, atravéz da historia, como um grande astro de luz, que honrando o seculo em que vivera, illuminára sua patria, conduzindo-a ao apogeu da grandeza material, e da gloria scientifica e politica.

Curvemo-nos, pois, perante, seu magestoso vulto e digamos cheios de reconhecimento e ufania patria: Gloria eterna ao soberano dos estadistas do seculo XVIII. Reconhecimento perenne ao salvador da patria, ao immenso vulto, que a historia universal apregôa e apregoará, sempre, em lettras diamantinas:— O grande Marquez de Pombal (1)

(1) O herdeiro de seus titulos, o segundo Marquez de Pombal, veio a morrer aqui no Rio de Janeiro, em 1812, na casa em que hoje funcciona a Phenix Dramatica, á rua d'Ajuda. E' ao Sr. Dr. Mello Moraes, que devemos esta indicação de rua d'Ajuda. Hoje, é representante de sua casa e titulos o Marquez de Pombal, que habita em Lisboa, que vem a ser seu bisneto.

NOTAS DA 3ª EDIÇÃO

Nota A--pag. 14.

Tabayaras, que outros escrevem—Tabayarás, é uma palavra da lingua Guarany, que etymologicamente se compõe de duas palavras: Taba—e yara,—que querem dizer: Taba—Rosto ou face.—Yará ou yara—Senhor; querendo com isto significar que elles (os gentios), eram senhores da Face ou Rosto da terra, que assim denominavam a toda a costa do Brazil.

Esta tribu, assim conhecida, era reverenciada e reconhecida pelas outras tribus como a primeira Senhora destas terras, e pelo grande valor na guerra e lealdade para seus amigos. D'elle provêm outros ramos, como: os Tupys, Tupy-Nambás, Tupy-Namquiz, Tupy-Vas, etc. (Vid. *Novo Orbe Serafico* por frei Antonio Jaboatão e *Vocabulario Guarauy* pelo Dr. Baptista Caetano.)

Nota B--pag. 15.

Tendo Jeronymo de Albuquerque, filho de D. Lopo de Albuquerque; irmão do grande Affonso de Albuquerque o heróe de Gôa, Ormuz e Malaca, vindo para Pernambuco em 1535, sob o reinado de D. João III, em companhia de sua irmã D. Brites de Albuquerque, que havia casado com Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, filho 3º de Gonçalo Pires Coelho, senhor de Filgueiras, agradou-se tanto do paiz, que afinal resolveu ficar em companhia de sua irmã e cunhado, a quem muito coadjuvou nas guerras contra os gentios Cayetés, Tabayaras e outras tribus de indios, que habitavam então, as visinhanças e terras entre a antiga Marim e Iguarussú, hoje Olinda.

Comquanto, nos primeiros annos fosse Albuquerque sempre feliz e victorioso naquelles renhidos combates contra os indios, e parecesse invencivel, lá lhe chegou o dia da sua má estrella em que, n'um d'esses combates, veio a cahir prisioneiro nas mãos dos feros selvagens, em 2 de janeiro de 1548, sendo condemnado ao tigrino sacrificio da antropophagia.

Reduzido a este horrendo estado, e já prestes a servir de pasto aos selvagens, appareceu-lhe, entre aquella noute de sua tempestuosa vida, uma radiante estrella de salvação: foi a meiga e bella princeza D. Maria, filha do morubixaba ou chefe da tribu dos Tabayaras, chamado Arco-Verde, que depois tomou o nome de D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, que apaixonando-se pelos olhos azues do valente guerreiro, supplicára a seu pae por elle, e assim o livrara da horrenda morte e de servir de alimento para o banquete, já preparado, da costumada antropophagia.

O amor, que irradiou nos olhos negros da bella filha dos Tabayaras, foi a redempção do guerreiro portuguez, que afinal veio, por sua influencia, dominar sobre a tribu indiana e concorrer para que ella se tornasse uma poderosa aliada dos portuguezes. A princeza india recebeu, no baptismo christão, o nome de Maria do Espirito Santo Arco-Verde, e veio a ter alguns filhos com Jeronymo d'Albuquerque, que se tornaram mui celebres sendo o primeiro Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que conquistou o Rio Grande do Norte, em 1599 e vencedor dos francezes no Maranhão em 1614, onde tomou o appellido de Albuquerque Maranhão e D. Catharina de Albuquerque, que veio a casar com o nobre Florentino Filippe Cavalcanti, d'onde descendem os Albuquerques e Cavalcantis, de Pernâmbuco.

Jeronymo de Albuquerque, que era dotado de uma natureza ardente e voluvel, de maneira que, no seu irrequieto esvoaçar de colibri, variou os seus amores a ponto de se tornarem notorios, e chegarem ao conhecimento da rainha D. Catharina, regente de Portugal, durante a menoridade de seu neto D. Sebastião, que procurou advertil-o e por fim, nomear Christovão de Mello para governar Pernambuco aconselhando a Jeronymo d'Albuquerque, que seria mais digno de sua posição e nobresa, o pedir em casamento uma das filhas d'aquelle illustre fidalgo, e assim resgatar esse passado libidinoso, improprio d'um sobrinho do grande Affonso d'Albuquerque. Em presença d'este aviso e conselho da rainha, Jeronymo d'Albuquerque, casou-se com D. Filippa de Mello com a qual veio ainda a ter, apezar da sua avançada idade, uns 11 filhos, que associando-os aos illegitimos conhecidos, dão o insignificante numero de 24 filhos!

Albuquerque veio a fallecer em 1594, succedendo-lhe no governo da capitania, que por muitos annos exerceu, em lugar de seus sobrinhos, Alexandre de Moura e outros, que depois vieram aparentar-se á familia Albuquerque.

Agora vejamos como Pombal vem a descender da princeza india D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, segundo o chronista frei Antonio Jaboatão e o illustre Joaquim Manoel de Macedo.

Jeronymo d'Albuquerque teve, das suas relações com a filha do morubixaba Arco-Verde, D. Maria, entre outras filhas, D. Catharina d'Albuquerque, que veio a casar com Filippe Cavalcanti fidalgo florentino, que por esse tempo havia chegado de Florença a Pernambuco.

D'este consorcio teve, entre outros, D. Genebra Cavalcanti, que veio a casar com D. Filippe de Moura, fidalgo portuguez, de cujo consorcio teve Paulo de Moura, que veio a casar com D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha de João Gomes de Mello, o moço, e D. Maria d'Albuquerque, irmã ligitima de D. Genebra Cavalcanti, de cujo consorcio nasceu D. Maria de Mello, que se casárá com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador da Villa Franca de Xira e governador de Mazagão: deste consorcio nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com João de Almeida de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella e senhor do morgado dos Olivaes e do Souto d'El-Rei; que foram pais de D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, que viera a casar-se com Manoel de Carvalho d'Athayde, moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria, e senhor da quinta da Granja, de

cuja união conjugal, nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Conde de Oeyras, e mais tarde, reconhecido universalmente pelo grande marquez de Pombal.

Eis, portanto, bem claro, porque o marquez de Pombal, vem a ser neto da princeza D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, filha do celebre morubixaba chefe dos Tabayaras Arco-Verde; que no seculo XVI dominava em Pernambuco, como já fizemos ver.

Agora vamos fazer algumas observações, em relação á validade d'este parentesco.

E' ao nosso illustre amigo o Sr. Dr. Teixeira de Mello, mui distincto na litteratura brazileira pelas suas producções poeticas e lucubrações historicas, que devemos o conhecimento do primeiro volume do *Anno-Biographico Brazileiro* do nosso bom amigo o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, e o que nelle diz a respeito de Pombal ao tratar da vida de Paulo de Moura, que mais tarde, por desgosto da sua viuvez, veio a professar no convento de Nossa Senhora das Neves, em Pernambuco, d'onde era filho, em principios do seculo XVII.

Ahi tivemos occasião de ver que o Sr. Dr. Macedo, baseando-se no chronista frei Antonio Jaboatão, prova que Paulo de Moura é terceiro avô do marquez de Pombal, e portanto, terceiro neto da princeza D. Maria Arco-Verde, dizendo que « D. Catharina de Albuquerque era filha natural e legitimada de Jeronymo d'Albuquerque o que se poderia verificar na obra de Jaboatão, intitulada:—*Novo Orbe Seraphico*. Recorrendo á citada obra, a pag. 89, linha 10, eis o que nos diz frei Antonio Jaboatão:

« Deixou Jeronymo de Albuquerque numerosa descendencia de filhos naturaes e tambem muitos legitimos de sua esposa D. Filippa de Mello, filha de Christovão de Mello. Entre os naturaes teve a primasia D. Catharina de Albuquerque, que nasceu de D. Maria do Espirito Santo, ou filha principal dos gentios Tabayaras d'Olinda, a qual casou com Filippe Cavalcanti, fidalgo florentino, etc...

E mais abaixo, como prevendo as objecções e duvidas, que se podessem oppor em relação a veracidade do facto, diz positivamente:

« Engana-se o autor da *America Portugueza* em fazer a esta D. Catharina d'Albuquerque filha legitima do sobredito Jeronymo d'Albuquerque e de sua consorte a já nomeada D. Filippa de Mello. »

Consultando o autor da *America Portugueza* Sebastião da Rocha Pitta, ahi pude ler a pag. 108 e 109 do livro 2º da 1ª edição, publicada em 1730 em Lisbôa e offerecida a El-Rei D. João V. o seguinte:

« Jeronymo de Albuquerque deixou grande numero de filhos naturaes; porem de sua esposa D. Filippa de Mello, filha de Christovão de Mello, teve D. Catharina de Albuquerque e Mello, que casou com Filippe Cavalcanti, fidalgo de Florença e dos mais esclarecidos d'aquella antiguissima republica. »

Logo, segundo esta genealogia de Rocha Pitta, o parentesco de Pombal com a princeza indiana desapparece, mas não se póde dar credito á opinião do illustre autor da *America Portugueza*, por que éra um bahiano muito amavel e lisongeiro, talvez, quizesse agradar aos parentes de Pombal e dos Albuquerques e Cavalcantis, tirando-lhe esse parentesco com a princeza india, porque havia o prejuizo de julgarem manchados ou de sangue pouco nobre, todos os

que se ligassem a raça dos indios; prejuizo que o grande Pombal acabou depois, pela Carta Regia de 4 de Abril de 1755, declarando, como já notamos a pag. 55, que todos os portuguezes, que se ligassem ou casassem com as indias, não ficariam infamados, mas pelo contrario, ennobrecidos pela attenção regia, etc..

A opinião de frei Jaboatão, portanto, contemperaneo de Paulo de Moura, deve ser tida por valiosa, porque não se animaria, se fôsse falsa, a publical-a em presença de tantos parentes que deviam ter protestado, o que não consta.

Logo, a unica duvida, que ainda póde apparecer: é se D. Catharina, filha natural de Jeronymo de Albuquerque, foi *legitimada*, como affirma o nosso illustre Dr. Joaquim Manoel de Macedo, pois frei Antonio Jaboatão, não o declara, como já vimos na citação, que acabamos de fazer, logo, essa *legitimação* fica por conta do nosso illustre mestre e amigo Dr. Macedo, e eu não a confirmo, porque não tenho certeza d'isso; entretanto, pondo de parte a verdadeira ua falsa legitimação de D. Catharina, o que não resta duvida é que ella foi filha de Jeronymo de Albuquerque com D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, e isso basta, para provar que ella vem a ser sexta avó do marquez de Pombal e por tanto, pertencente á tribu dos Tabayaras de Pernambuco, da qual foi seu chefe o celebre indio Arco-Verde, senhor da antiga Marim, hoje a bella cidade de Olinda.

Em quanto ao parentesco de Pombal com os principes herodianos da Judéa, apresentado pelo fallecido senador Candido Mendes, reservamo-nos tractar d'essa questão mais especialmente n'um folheto, onde mais largamente refutaremos, não só essa, mas outras proposições infundadas pelo erudito senador, cuja memoria a sua pessoa muito acatamos, mas não podemos fazer o mesmo com suas idéas, por que ellas ferem uma memoria mais santa: é a memoria de Pombal para todos os portuguezes e brazileiros, é a memoria da Verdade, que não tem patria, por que ella está acima de todos os erros, como o sol está acima de todas as nuvens e nevoeiros, que se levantam da terra para a alta athmosphera.

Nota C--Pag. 79.

Luiz Gomes na sua obra:—*Le marquis de Pombal*, Cap. XII. pag. 252, diz, que a Companhia de Jesus foi abolida pelo breve *Dominus Redemptor* de 23 de julho de 1773.

O Sr. Pinheiro Chagas, que tambem segue o mesmo auctor com uma fidelidade admiravel, diz, no seu pequeno folheto, *O marquez de Pombal*, a pag. 82, a mesma cousa, repetindo o seu—*Dominus Redemptor*.

O traductor de Luiz Gomes, o Sr. Dr. Fontes, tambem apresenta a mesma data, a pag. 82, publicada em 1870, nesta côrte.

O Abbade jesuita Rohrbacher, auctor da *Histoire Universelle de L'Eglise Catholique*, no tom. 27, pag. 25, diz: que a abolição da Companhia de Jesus, foi a 21 de Junho, porém apezar de ser jesuita mui sabio, e Dr. em theologia na Universidade Catholica de Louvain, e impresso em Pariz, no anno de 1852, parece-nos que està enganado o sabio doutor, porque contra a sua data de 21 de junho, opponho a de 21 de julho, data que é apresentada pelo desembar-

gador portuguez Antonio Delgado da Silva, na sua obra *Collecção da Legislação Portugueza,* em que transcreve a referida Bulla *Dominus ac Redemptor noster,* datada de Roma, em 21 de julho de 1773, *em Santa Maria Maior debaixo do annel do Pescador,* pelo virtuoso sabio e immortal Papa Clemente XIV, no quinto anno do seu pontificado.

Oppomos tambem a authoridade d'um lente da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Coelho da Rocha, que na sua—*Historia do Governo e da Legislação de Portugal,* a pag. 228, diz: *que fôra extincta a ordem jesuitica pela bulla de 21 de julho de 1773.*

Oppomos, finalmente, a authoridade do traductor *do Codigo dos jesuitas* como *complemento ás obras de Michelet e Edgar Quinet,* que tambem affirma, a pag. 15: que aquella *ordem foi extincta a 21 de julho de 1773, e não a 23, como disseram* erradamente os Srs. Luiz Gomes e Pinheiro Chagas.

Póde-se ver ainda *Histoire religieuse, politique et litteraire de la Compagnie de Jesus par Cretineau-Joly,* onde o auctor, para mostrar as razões que o Papa Ganganelli teve para extinguir á nefasta Companhia, pelas suas immoralidades, cita no Tom. 6º, a pag. 20, estas palavras do Santo Papa: Les Jésuites dès leur etablissement, s'étaint livrés á des basses intrigues, etc....

Portanto, julgamos que, ainda d'esta vez, o Sr. Pinheiro Chagas mostrou o quanto é leviano e pouco escrupuloso no que escreve, a pezar do seu grande talento e actividade, que ninguem lh'a disputará, mas... Um pouco mais de vagar faria maravilhas; *assim... faz uns contos,* que já não vão bem para quem anda tão alto lá pelas regiões da politica e da litteratura romanesca e historica.

Nota D--Pag. 80.

Dissemos—não admira—porque, já na penultima conferencia feita em julho, S. Ex. disse, que o marquez de Pombal tinha, após o terremoto de Lisboa, obtido a confiança absòluta e illimitada d'El-Rei D. José, quando, essa confiança plena, só lhe foi concedida, após a expulsão dos jesuitas, segundo a confissão do proprio Pombal, como se póde ver na obra de Luiz Gomes—*Le Marquis de Pombal,* quando interrogado pelos juizes, em Pombal. Emfim, sentimos que S. Ex., como mestre, e tão erudito, não nos desse um conhecimento mais profundo do que foi o marquez de Pombal; entretanto, ninguem melhor do que S Ex. estava no caso de o fazer, não só pelo seu talento, como pelos vastos conhecimentos historicos e biographicos. Entretanto, esperamos que S. Ex. o fará n'outra occasião, para sua gloria e da patria, que tanto honra com seus escriptos.

Nota E--Pag. 84.

Bem sei que o Sr. Pinheiro Chagas póde dizer que já emendou esse erro, pelo pequeno opusculo, que publicou em 1875, onde já diz ter sido em 8 de maio; mas escrevendo S. Ex. para o povo,

que não póde consultar onde está o erro, devia, immediatamente, ter advertido aos seus leitores, que errara escrevendo *5 de maio*, e assim ficariam sabendo que S. Ex. tambem erra, e erra não por distração, não por querer errar, mas por ignorancia e precipitação de querer escrever a galope, para que se diga lá ao longe:—Que facilimo talento!... Que genio! Que prodigio!...

Depois, como os Icaros da fabula grega, lá vae cahir no Egeo dos erros ordinarios, que poderia ter evitado. Se o Sr. Pinheiro Chagas consultasse o historiador Luiz Soriano, que desde 1866 jà havia publicado em Lisboa, a sua *historia da guerra civil*, se tivesse consultado o Sr. Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, publicado muitos annos antes do seu folheto sobre os *Varões illustres*; se tivesse lido com attenção Luiz Gomes, no seu *Marquis de Pombal*, publicado tambem em Lisboa, no mesmo anno do seu referido folheto;—là veria que, todos esses autores, já consignavam a data de 8 de maio, dia em que falleceu Pombal, e não no dia 5, como S. Ex. escreveu. Comprehendo que S. Ex. não quiz ter trabalho, e por isso foi cahir nas mãos de Larousse ou outro semelhante, e o resultado foi errar, como qualquer simples mortal.

Os estrangeiros, em geral, quando fallam das cousas alheias á sua terra, já o notara Garrett, principalmente os francezes, são infelizes e desgraçados pelos erros que commettem.

Larousse no seu diccionario—*Diccionaire du siècle XIX, universel*, de 1872, e de 1874, diz, a respeito de Pombal: que nasceu em Soure, que fez seus estudos de direito em Coimbra, que foi nomeado ministro para Londres, em 1739; que foi agraciado com o titulo de conde de Oeyras, em 1756, que falleceu em 5 de maio de 1782, etc. E' tudo isso uma chusma de erros:—porque não nasceu em Soure, mas em Lisboa; não estudou direito em Coimbra, mas em Lisboa, em sua casa; não foi para Londres em 1739, mas em 1738; como já apontei a pag. 18; (neste ponto tambem erra o Sr. Pinheiro Chagas e Luiz Gomes) não foi Conde em 1756, mas a 6 de junho de 1759; (neste ponto o Sr. Innocencio da Silva tambem erra, porque diz na sua citada obra, que elle foi Conde, pouco depois do terremoto, e não precisa a data, no que andou mal, para um bibliographo de tanta reputação). Emfim não falleceu em 5 de maio, mas a 8, como já dissemos.

O erro deste autor, é ainda, mais aggravante, pelo seguinte:

No artigo sobre Pombal, diz Larousse, que se devem consultar entre outras obras, a de Luis Gomes: *Le Marquis de Pombal* publicada em 1869, em Lisboa; ora esta obra apresenta Pombal fallecido em 8 de maio; mas continuando o referido *Diccionario*, a dar-lhe a data de 5 de maio, segue-se que: ou Larousse não leu a obra, ou deseja persistir no erro! Que lastima, e que miseria!... e é assim que se engana o povo, e arranca-se-lhe o dinheiro para comprar erros!...

Consultando o *Diccionario* de Bouillet, tambem encontram-se quasi os mesmos erros apontados em Larousse, e ainda mais este: —que foi nomeado *secretario* para Londres, em lugar de dizer— ministro. Não diz a data do seu nascimento, nem a da sua morte, e faz uma apreciação mui falsa sobre o seu espirito politico.

Vapereau, no seu *Diccionario*, repete o que diz o *Diccionario* de Buillet, e Gregoire vae no mesmo tom e diz o que o Sr. Pinheiro Chagas repetio tambem a respeito do tal *esquecimento em que ficou*

Pombal, pelo governo, como já alludimos e refutamos, a pag. 30 e 31
Finalmente, até um folheto, agora recentemente publicado em Lisboa, em 1881, com o titulo de *Historia de Portugal,* que faz parte da collecção da *Bibliotheca do povo,* escripta para o povo, lá vem a pag. 56, com a mesma asneira, e o mesmo erro:—que, Pombal morreu, a 5 de maio de 1782!... E isto escreve-se em Lisboa, no meio de tantas bibliothecas, e de tantos documentos á mão! !

Lá *nesse folheto para o povo,* tambem diz: que o terremoto foi em 1o de dezembro! !

Lá vê-se, mais:—que os Tavoras foram justiçados na praça de Belém *em 12 de fevereiro de 1759 ! !»*

O' ignorante, vae estudar primeiro, ler e consultar bem para não vires em tão poucas linhas, dizer tantos erros aos teus leitores!....

Não quero fallar do que ha pouco se publicou no *Cruzeiro,* sobre a data de 5 de maio, nem das *descobertas* do Sr. Martins de Carvalho, de Coimbra...

Por aqui se vê a leviandade com que esta gente escreve, e procuram passar logo por eminentes litteratos e assignalados escriptores!...

Apontando estes erros, não nos presumimos de infalliveis, nem assumimos ares de cathedratico em litteratura, nem em cousa nenhuma; queremos apenas mostrar, que estudamos e continuaremos a estudar emquanto vivermos; e se alguem nos vier notar erros, que estamos certos de havel-os commettido, muito grato ficaremos aos seus autores. O mundo é uma escola; onde todos aprendemos, e nos corrigimos uns aos outros: os que se julgam sabios ou infaliveis, são tolos, pedantes ou charlatães. Eis, o que pensamos sem presumpção; mas com toda a sinceridade de quem deseja sempre aprender e aperfeiçoar-se até marchar para a vida desconhecida....

Emquanto aos que disputam a primasia, de festejar o centenario de Pombal, diremos que: desde o anno passado n'isso trabalhamos; que os prospectos sobre a obra, foram publicados em 24 de março, d'este anno.

O Retiro Litterario sabe d'isso, e que foi muito antes da festa do *centenario* á Calderon, e portanto... Que fomos nós que proposemos os premios para o centenario a Pombal, etc.

NOTAS DESTA EDIÇÃO

Nota (a) em referencia à pag. 49:— Ramalho Ortigão

Ramalho Ortigão, nas suas *Farpas* de Junho a Julho de 1882, pag, 94, diz: que Pombal *« entravou o commercio por meio de monopolios.»*

Para combater esta inepta e injusta asserção basta recordar que foi o grande Pombal que creou *um curso regular de estudos commerciaes*; foi elle que creou a *Junta do Commercio,* que tinha em vista propôr todos os melhoramentos a favor do commercio, principalmente do Brasil;— foi elle que o libertou de muitas restricções, que até ali o comprimiam, e empregou todos os meios de fazer ali (no Brasil) prosperar as colonias e a cultura; foi elle que creou as companhias do Grão Pará e Maranhão, de Pernambuco e Parahyba; foi elle que declarou livre o commercio da India e Moçambique até ahi privilegio da corôa.

Os monopolios e privilegios eram necessarios para animar o commercio, que se achava quasi morto.

A' Inglaterra fez o mesmo por muito tempo e ainda hoje o faz em suas Colonias.

Todas as nações no seculo XVIII eram d'essa opinião.

Os Estados-Unidos, quando julga necessario, ainda hoje o protege em alguns dos seus territorios; portanto não tem logar tal censura no seculo XVIII, contra Pombal, quando o seculo XIX, ainda hoje, conta partidarios dos monopolios e privilegios!...

O proteccionismo é sustentado no presente nas academias da Allemanha pela escola *Catheder-Socialisten.*

Schomeller, professor de Strasbourg, diz: «O estádo pode tudo fazer, porque elle é quem faz as leis»

Held, professor da Universidade de Bonn, na Prussia, tambem assim o entende

E. Laveleye, de Liége, cuja authoridade scientifica é reconhecida na Belgica, e em França, sustenta os mesmos principios economicos.

Luiz Blanc e Thiers tambem assim pensaram, e o proprio Sr. de Bismarck, não só o tem praticado, mas sustentado no parlamento allemão.

Logo, porque censurar Pombal, no seculo XVIII?!...

A prova de que Pombal era amante da liberdade commercial está na liberdade que concedeo á navegação entre as possessões insulares na Africa e America, (1) está emfim no Alvará de 3 de Maio de 1757, em que elle diz positivamente que: *na liberdade está a alma do commercio.»*

---

(1) Alvará de 10 e 27 de Setembro de 1775.

Logo, a que proposito vem o *Mestre* Ortigão, diser-nos, nas suas *Farpas*—« *que Pombal entravou o commercio por meio de monopolios?* »
Parece-nos que *entravado* anda o Sr. Ortigão da cabeça!..
Vá estudar e depois escreva, para não dizer tantos disparates.

Nota (b) da pag. 49

Ramalho Ortigão diz, nas *Farpas*, de Junho a Julho de 1882, pag. 94; que Pombal «*paralysou a industria, que entravou o commercio pelos monopolios*»

A cegueira e a paixão dominam tanto este escriptor que chega a ponto de não lembrar-se mais do que antes dissera em honra de Pombal, sobre as industrias, em suas *Farpas*, de Março a Abril de 1876 pag. 7, como vamos ver, quando quiz elogiar o elemento francez contra o inglez. Eis o que elle diz:

«A maior parte das industrias que actualmente existem em Portugal *foram iniciadas no tempo do Marquez de Pombal*. E passa depois a citar as fabricas de pannos em Thomar, etc. (carta a John Bull.)

Tres annos depois, em 1879, querendo Ramalho Ortigão deprimir a memoria de D. João V, e a sua *nulla influencia na Industria*, diz o seguinte em honra de Pombal: «O impulso dado á industria por D. João V, *foi completamente nullo* As duas grandes fabricas fundadas no seu reinado, a fabrica das sedas do Rato e a fabrica de vidros do Marinha Grande *devem o desenvolvimento que tiveram*, não á influencia do Rei piedoso, *mas á protecção ulterior do marquez de Pombal*.»

Logo, ahi está Pombal elogiado pelo *mestre* Ortigão e reduzido a zero D. João V, devendo-se lhe apenas, segundo diz Ortigão,— *desprezo!!...*

(*Farpas* de Março de 1789, pag. 71)

Decorridos apenas 3 annos e alguns dias, o Sr. Ramalho vem nos dizer que o Marquez de Pombal *não protegeo as industrias, mas que as paralysou!*

Paralysado parece-nos que anda o Sr. Ortigão da sua cabeça!...

Entretanto, Pombal, não só animou a industria, mas fez, pela grandeza de seu genio, com que em 1775 houvesse a primeira exposição industrial na Europa, muito antes que a França apresentasse a sua exposição, como está averiguado pelo Sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães no seu excellente escripto: *Primeira exposição industrial* na *Revista da Exposição Portugueza, no Rio de Janeiro*, em 1879.

Tambem appareceo este facto historico em honra de Pombal n'um folhetim do *Jornal do Commercio*, etc.

Já vê, portanto, o *mestre* Ortigão, que a sua louca pertinacia em querer rebaixar Pombal, e atiral-o do pedestal em que o collocou a deosa da Gloria, é uma tentativa igual ás dos titans antigos querendo escalar o ceo. Vá dormir e coma ostras.

Nota (c) da pag. 61:—Ramalho Ortigão e os Tavoras

Ramalho Ortigão avança, nas ditas *Farpas*, a pag. 71, que: *O supplicio dos Tavoras e do duque de Aveiro etc, são monstruosos de mais...*

Diz mais: que a familia Tavora «*é completamente innocente* sobre o attentado de 3 de Setembro de 1758.»

Respondamos á primeira parte e depois passaremos á segunda.

Pouco tempo antes, isto é, em 1757, sob o reinado de Luiz XV, Damiens era com mais barbaridade justiçado na praça de Gréve em Pariz, por uma simples tentativa contra a vida de Luiz XV. Lá o Conde de Horm foi condemnado ao supplicio na roda viva, na mesma praça, por ter roubado e assassinado um agiota.

Em 1766 La Barre foi suppliciado, e só então, o Sr Voltaire, achou que era occasião para bradar contra taes supplicios, isto é, 7 annos depois das execuções de Belem.

A Prussia, tão civilisada, ainda no actual reinado apresentou-se executando a pena de morte com requintes de ferocidade.

A Inglaterra, ainda no presente seculo, tem dado exemplos de ferocidade na applicação da pena de morte, e de seus codigos não se acham banidos as castigos barbaros da edade media.

O proprio Estado do papa era ensanguentado ferozmente, ainda em nosso seculo, sob o reinado de Gregorio XVI, o antecessor de Pio IX, (1) sustentando a sangue frio o cruel supplicio do Cavallete.

Em Portugal vimos sob o governo de D. Miguel erguido o systema do *Terror*, ferindo céga e brutalmente, tanto a nacionaes como a estrangeiros, a ponto de vir ao Tejo, em 1831, a esquadra franceza, sob o commando do almirante Roussin, que impôz um tratado humilhante a Portugal, o que de certo se não teria dado com o Marquez de Pombal.

Não queremos fallar das crueldades que se deram antes, sob a regencia do general Beresford, que levou á forca, em 1817, em S. Julião, o immortal patriota general Gomes Freire d'Andrade e outros martyres patibulados no Campo de Sant'Anna ,em Lisboa, por amor da liberdade que foi mais tarde proclamada, em 24 de Agosto de 1820, no Porto.

Isto é que o Sr. Ortigão devia chamar *monstruoso de mais!...*

Sobre a *innocencia* da familia Tavora respondemos: que não ha tal innocencia.

Consulte a biographia de Luiz Gomes, sobre Pombal e elle lhe dirá: que o Conde de Athouguia e Luiz Bernardo Tavora, declararam, ao subir ao cadafalso; «*que eram culpados, e que sua familia era empenhada na conspiração*» (2)

O duque d'Aveiro comprometeo-as na confissão que fizera, sob tortura.

---

(1) O Sr. Pio IX, apesar de *Pio*, não deixou de mandar para o cadafalso em 1869, os pobres Monti e Tognetti, por terem attentado contra a sua vida!..

(2) *O Marquez de Pombal* por Luiz Gomes, pag. 41 (traducção do Dr. Cardozo Fontes.) Rio de Janeiro, 1870.

O embaixador francez, por esse tempo em Lisboa, Conde de Bachi, julgáva os *Tavoras culpados*. Logo, sem querer ir mais adiante, temos rasões para dizer ao Sr. Ortigão—que não ha tal *innocencia*, como quer attribuir á familia Tavora. Seja mais imparcial e justo para não avançar proposições tão levianas contra o grande Marquez, que tão alto fez subir o novo Portugal.

Nota (d) da pag. 83:—Ramalho Ortigão e Portugal à véla

Ramalho Ortigão, em suas *Farpas*, á pag. 51, diz:

« Que em 1781, no momento em que o marquez de Pombal exclamava :

« *Agora é que Portugal vae á véla*—Watt *descobria a applicação do Vapor* »

Este infeliz escriptor, que presume ser um grande escriptor, tem a mania desgraçadissima de citar ás cégas, e d'ahi lhe provém uma fonte de erros e disparates incessantes.

Eu supponho que este tão apregoado critico e sabichão é: ou muito ignorante, ou não está em seu juizo quando escreve; porque do contrario não escreveria—que o Marquez de Pombal proferio aquella celebre proposição em 1781, mas em 1777: quando lhe arrancaram o busto que estáva no pedestal da estatua de D. José, e que foi depois reposto por D. Pedro IV, em 1833!...

Tambem não foi em 1781, que Watt descobrio e applicação do Vapor ou veio a pôl-a em pratica, mas em 1782, como pode verificar nas—Merveilles de la science, par Louis Figuier, á pag. 97.

Acho conveniente, pois, que abaixe a prôa e não diga tantas asneiras, com fumaças do Mestre José Agostinho.

Mais estudo e mais modestia, meu Ortigão, senão la se vae a *Farpa e o farpeador*!...

Nota (e) Sobre a Reforma da Universidade de Coimbra da pag. 78

Abaixo transcrevemos a carta regia, que nomeia o Marquez de Pombal visitador e reformador da Universidade de Coimbra, com todos os privilegios concedidos aos Vice-reis, e os que o proprio Rei reservàva para Elle.

Eil-a:

« Honrado marquez, Meu tenente e muito presado amigo.

Faço saber a essa Universidade, como Protector que Sou d'ella, Ser Servido Reformal-a e por isso em Meu Nome fareis tudo. Concedendo vos todos os privilegios que são concedidos aos Vice-reis e ainda aquelles que Eu Reservo para Mim. A mesma universidade o tenha assim entendido e vos respeite todas as honras que vos

são devidas, pois sois do Meu Real Agrado e Protecção. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 13 de Agosto de 1772 Rei (1)

A 15 de setembro de 1772 seguio o grande Marquez para Coimbra tendo a honra de ser acompanhado pela Familia Real até Villa-Nova. A 22 do referido mez chegou em Coimbra, e a 27 realisou-se na grande sala dos Capêlos a sumptuosa cerimonia dos novos estatutos.

(1) Vid.— *Collecção de Legislação Portugueza* pelo Desembargador Delgado da Silva, 1772.

JUIZOS DA IMPRENSA

DO

RIO DE JANEIRO, S. PAULO E MINAS

SOBRE A 3ª EDIÇÃO DO

Centenario e Vida do Marquez de Pombal

HOSPEDE ILLUSTRE.— Chegado ante-hontem do Rio de Janeiro, acha-se entre nós o notavel publicista portuguez José Palmella, autor de uma serie de obras primorosas, entre as quaes se destacam: a *Aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade—Pio IX, Napoleão e Victor Hugo—Affonso de Lamartine*—(biographia) e o *Centenario e Vida do marquez de Pombal,* que surgio ultimamente á luz no Rio de Janeiro.

Esta ultima obra, da qual o Sr. Palmella teve a bondade de nos offerecer um exemplar, é um livro primoroso pelo assumpto e pela fórma.

O Sr. Palmella em um estylo brilhante,que não destôa do que empregou nas suas precedentes obras, apresenta o vulto ,homerico do celebre estadista portuguez Marquez de Pombal em toda a sua pujante grandeza, limpo e escorreito das calumnias, que por muito tempo pezaram sobre sua memoria.

Quem lê a obra do Sr. Palmella fica sabendo o que foi realmente o grande ministro de D. José 1º, isto é, fica sabendo que elle foi, não só o primeiro estadista portuguez, mas tambem um dos primeiros estadistas do mundo.

Depois, ha no livro uma novidade que tem escapado á grande maisria dos biographos do Marquez de Pombal e que agmenta o valor do livro: o Sr. Palmella conseguio descobrir e demonstra: que o Marquez de Pombal é o sexto neto de uma princeza indiana, filha de um dos chefes da tribu dos tabayaras.

E' pois de origem brazilica o grande Marquez de Pombal.

Não nos sobra espaço para fallarmos mais longamente d'este bello livro, que recommendamos aos nossos leitores como um dos bons ornamentos da litteratura contemporanea.

(*Diario de Santos,* de 23 de Setembro de 1881)

....

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL E O SR. JOSÉ PALMELLA — Empenhado na grande propaganda a favor do *Centenario do Marquez de Pombal,* não se contentou o Sr. José Palmella em ser o primeiro a escrever sobre a sua vida e gloriosos feitos, e provado, por um estudo sério, os grandes erros e prejuizos contra tão magestoso estadista; fez mais:

Subio á tribuna do Real Club Gymnastico Portuguez, na côrte, em 3 de Setembro do anno proximo passado e perante um escolhido auditorio de mais de oitocentos cavalheiros e senhoras, abrilhantado pela presença respeitavel, do Exm. Sr. Barão de Wildick, fez uma conferencia a favor do Lycêo para Mulheres, e ahi, por espaço de duas horas e meia, com o enthusiasmo e a impetuosidade dos 20 annos, fez conhecer o grande espirito do Marquez de Pombal, atravéz dos 27 annos de sua brilhante administração politica. Dahi seguio para S. Paulo, onde apezar de doente, fez outra conferencia no salão do *Real Club Gymnastico Portuguez* e eis como, além do juizo de outros jornaes, se expressa o *Correio Paulistano*:

CONFERENCIA SOBRE O MARQUEZ DE POMBAL

Ante-hontem, ás 7 horas da noite, realisou o Sr. José Palmella, no salão de Club Gymnastico Portuguez a conferencia annunciada sobre o verdadeiro espirito politico e humanitario do Marquez de Pombal.

Depois de haver mostrado, pela genealogia que expoz, a origem e descendencia brasilica do Marquez de Pombal, pelo lado da princeza D. Maria Arco-Verde, da tribu dos tabayaras, passou o orador a mostrar o grande espirito politico e humanitario do marquez pelos seus alvarás, decretos, etc., a favor dos indios do Brazil e dos filhos do Algarve, India, China, etc., etc.

Terminou o orador invocando os nobres espiritos brasileiros em favor do centenario, que se devé realizar a 8 de Maio de 1882,sendo calorosamente applaudido pelo numeroso auditorio, que se havia reunido no salão do Club Gymnastico Portuguez, para ouvir a eloquente e erudita exposição historica feita pelo Sr. José Palmella.

(Do *Jornal do Commercio*)

SR. PALMELLA.—Ante-hontem,ás 8 horas da noite,deu-se a annunciada conferencia do sr. José Palmella, no Club Gymnastico.

Desenvolveu elle a sua these sobre o espirito politico e humanitario do marquez de Pombal, tendo como preliminar tratado da parte genealogica que prende Pombal á tribu dos tabayaras, de Pernambuco firmando assim a origem brasilica do grande estadista.

Terminou invocando do publico a devida attenção para o proximo centenario de Pombal, sendo muito applaudido pelo auditorio.

(Da *Provincia de S. Paulo*, de 4 de Outubro de 1881)

SR. JOSÉ PALMELLA.— Tivemos hontem a visita d'este distincto escriptor portuguez, auctor de diversos trabalhos litterarios, bastante conhecidos no Brazil.

Offereceu-nos o seu ultimo livro com o titulo *O Centenario e vida do marquez de Pombal*, já em segunda edição.

No frontespicio traz o retrato do Marquêz de Pombal, o notavel estadista, que tanto abrilhantou o reinado de D. José I, dando a Portugal uma época de prosperidade e brilhantismo.

O livro é uma propaganda valente para a celebração do 1º centenario desse vulto grandioso, que o distincto escriptor nos apresenta com as galas floridas do seu estylo de ouro.

Depois da sua leitura, que vamos fazer, voltaremos a fallar do livro, do qual a imprensa do Rio e da capital já tratou com muitos elogios.

Agradecemos o mimo e a visita.

(Da *Opinião Liberal*, de Campinas, de 7 de Outubro de 1881)

....

ITAPETININGA (S. Paulo) O MARQUEZ DE POMBAL

O sr. José Palmellá, distincto litterato portuguez, de passagem por esta cidade, deixou-nos o seu opusculo intitulado «O centenario do Marquez de Pombal».

Este opusculo, editado pela 3ª vez, é uma das paginas mais rutilantes da litteratura moderna, e o vôo altivo de um genio que se expande nos purpurinos horisontes das sciencias.

O sr. Palmella, legando-o á esperançosa mocidade brazileira, aos novos soldados da grande cruzada civilisadora, teve em vista, como elle o affirma, preparar o espirito publico, para o centenario do maior politico do seculo XVIII, Pombal, que nascera, em 1699, lá na opulenta Lisbôa, ao clarão fatal das fogueiras inquisitorias, desta instituição nefanda, desta instituição maldita, que, durante o longo espaço de dois seculos, suffocava, no meio das labaredas, a vóz da filosophia, da razão e da liberdade humana, obrigando a humanidade, que nascêra para progredir, a retroceder aos tempos selvaticos.

Foi, sim, lá, nessa magestosa rainha do Tejo, nesse fóco de civilisação portugueza sob o reinado de D Pedro II, no seculo desesete, que surgira, como que impellido pela mão de Deos, esse, Carvalho immenso, a cuja sombra agglomerou-se a humanidade, para applaudir a queda do maior tyranno do que nos falla a historia: a queda do jesuitismo.

Foi, sim, lá, repetimos, no solo da velha Europa, na terra do epico Camões, no seculo de tantos, genios, como Calderon de la Barca, Schiler, Voltaire, e muitos outros, que o legendario Conde de Oeyras, sobrepujando a todos os estadistas e heróes de seu tempo, abrira nos fastos da intelligencia, do progresso e da regeneração humana, uma pagina de luz, na qual registrára e legara á posteridade, o triumpho da soberania popular, da verdade e da justiça, sobre mutilados e ensanguentados membros da *Santa Inquisição*, que, em nome da religião do Calvario, que, em nome do proprio Christo, sacrificára milhares de victimas, cujos gemidos plangentes, cujos ais! dolorosos ainda echoam funebrememte nas paginas da historia, e nesses calabouços tetricos, humidos, sombrios, que serviram de tumulo á tantos martyres do despotismo jesuitico.

E quem deixará, perguntamos nós, de tributar homenagens á memoria e aos feitos gloriosos de Pombal, desse semi-Deus do mundo, lendo e meditando um momento sobre a sua vida publica? Ninguem.

A guerra titanica, heroica e gloriosa, que Pombal fizera e sustentára, com uma tenacidade heroica, contra o latrocinio, a corrupção, a

infamia, o crime e o fanatismo religioso, emanados do jesuitismo, refulge no céu da historia, como o sol que, ao mergulhar-se em seu occaso, doira com seus raios de luz, as orlas rubicundas do horizonte.

Oh! immortal Pombal! oh! grande salvador da humanidade, o teu nome que symbolisa o restabelecimento do progresso moral, material, e intellectual de tua patria, cresce, com o crescer dos tempos, e as tuas glorias, que são as glorias da Peninsula Iberica, brilham, como brilham os astros, e esses genios que, na indagação da verdade, se elevam ás espheras celestes, mergulham-se no oceano do infinito, como o sr. José Palmella, e ahi com o auxilio do telescopio, desvendam segredos da creação; e, então, extasiados, na presença de novos mundos, de tantas luzes esparsas, levantam um brado de saudação ao triumpho das sciencias, das sciencias que são a glorificação dos Palmellas que, nos comicios populares, na imprensa, e no silencio do gabinete procuram dilatar a esphera dos conhecimentos e dos direitos humanos.

XISTO LEME BRISOLLA

(Do *Correio Paulistano*, de 23 de Janeiro de 1882)

....

JOSÉ PALMELLA—Está publicada a 3ª edição do interessante livro do sr. José Palmella «O Centenario de Pombal» de que já temos fallado. e cuja opportunidade é visivel.

O sr. José Palmella chega do interior e segue para o Rio, pretendendo visitar algumas cidades da linha do norte.

(Da *Provincia de S. Paulo*, de 1º de Fevereiro de 1882)

....

JOSÉ PALMELLA—Temos de passagem entre nós, o distincto escriptor portuguez José Palmella.

Seu nome é bem conhecido do nosso publico, e muito principalmente d'aquelles que prezam os bons livros.

Actualmente dá-nos este escriptor ensejo de conhecer os factos mais proeminentes da vida do primeiro ministro portuguez Marquez de Pombal.

E' um livro util, e necessario para os que prezam a memoria do illustre paladino,

Comprimentamos José Palmella e o felicitamos por este novo padrão—que, ao Marquez de Pombal, ergueu o festejado titterato e distincto cavalheiro.

(Do *Itatiaya*, de Resende, Abril, 1º, 1882)

....

JOSÉ PALMELLA

Pelo Sr. José Palmella, que se acha nesta cidade, foi-nos offerecido um exemplar de sua obra *O centenario e vida do Marquez de Pombal.*

O assumpto, além de interessante por si mesmo, pois occupa-se de um dos homens mais eminentes de Portugal, é tambem da mais pal-

pitante actualidade, agora que se trata de celebrar o centenario do Marquez de Pombal.

E' escusado dizer que, muito versado em historia, o Sr. José Palmella tratou magistralmente do assumpto; e nem se podia esperar outra cousa do autor da *Aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade*.

Agradecemos a offerta, e comprimentamos o Sr. José Palmella.

(Do *Pharol*, de Juiz de Fóra, Minas, Abril, 11 de 1882)

....

José Palmella

Esteve entre nós o eminente litterato e acreditado escriptor portuguez sr. José Palmella, inspirado auctor de diversas obras litterarias de muito merito.

Entre as suas producções mais recentes, nota-se o *Centenario e Vida do Marquez de Pombal*, e *Resposta aos Oito Castellos de Nuvens*, do sr. Ramalho Ortigão. Neste ultimo trabalho do qual o seu illustre autor teve a delicadeza de offerecer-nos um exemplar, o sr. Palmella, com rara habilidade, esmaga com uma logica de ferro os sophisticos argumentos adduzidos pelo sr. Ortigão contra o centenario do immor tal Marquez de Pombal. Apanha-o em flagrantes contradicções, em innumeros erros chronologicos e reduz a zero os seus bombasticos encomios aos adeptos de Malagrida e à chusma infrene de ultramontanos inimigos encarniçados, do « maior genio politico de Portugal» encarnado na pessoa de Pombal.

Admirador, que somos, do inspirado talento e esclarecida intelligencia do sr. José Palmella, folgamos por termos a feliz opportunidade de apertar-lhe a mão e de conhecermos de perto o laureado autor da *Aristocracia do Genio e da Belleza Feminil na Antiguidade*.

(Do *Echo Municipal*, da Bocaina, S. Paulo, de 16 de Dezembro de 1882)

....

O distincto litterato portuguez. Sr. José Palmella, que goza de justa e merecida nomeada na republica das lettras, realisou em a noute de 3 de Setembro do corrente anno, uma conferencia sobre a—Vida e grandes feitos do Marquez de Pombal,-á qual affluiu um numeroso e escolhido auditorio.

Esta conferencia produzio a somma de Rs, 254$500 e por ordem do talentoso escriptor, foi applicada a uma instituição, que bem merece os auxilios de todos aquelles que se interessão pela instrucção do sexo feminino—O Lycêo das mulheres.

Este acto, que revela um coração magnanimo, vibrando sempre pelos infelizes que habitão as regiões do terror, e para os quaes seria sempre noute senão fosse a protecção deste e outros benemeritos, é motivo para tributarmos a nossa gratidão ao illustre Sr. José Palmella

(Relatorio do *Real Club Gymnastico Portuguez*, do Rio de Janeiro, 1881)

....

INDICE

-38575- -6710-

Erratas

Paginas	Linhas	Onde se le	—Lea-se
1	20	devino	divino
3	5	Conse	Conce
3	nota	terral	terreal
4	4	Camões	Camões,
4	12	lubaro	lábaro
5	18	Biberine	Biberibe
5	20	decendentes	descendentes
5	nota	Este jovem	este joven
6	24	vída—	vida:—
8	13	prosterídade	posteridade
8	27	pela	pelas
9	5	Felippe	Filippe
9	23	Ravallac	Ravaillac
9	26	sobre	sob
9	28	Lovois	Louvois
9	33	Fenelon	Fénelon
12	33	outora	outr'ora
13	3	embalso—	embalsa—
14	23	é	a
17	35 e 36	espirro	espirito
19	22	D. Jayme	S. Jayme
21	6	Lovois	Louvois
21	33	—Hall	-- Hall
23	17	inglez	inglezes
24	6	seus	seu
27	4	de Camões	Gomes
27	16	frandez	francez
27	.31	repitira	repetiria
29	5	e junho	a junho
30	13	tarde Pitt	tarde, Pitt
30	14	Choisuel	Choiseul
32	nota	por bulla	pela bulla
33	5	pariz	Pariz
39	22	até a	até á
39	22	de	da

Paginas	Linhas	Onde se le	Lea-se
40	27	assacinando	assassinando
43	nota	mais	mas
49	21	precei—	precon—
49	nota	com seu	em seu
49	nota	Qousnay	Quesnay
50	30	e moralidade	e a moralidade
51	9	Furtado de Mendonça	Mendonça Furtado
51		VII	VIII
54		XI	IX
59	16	seu irmão	seu irmão,
63	nota	21 de junho	21 de julho
78	nota 1 a	de leis	da Universidade
78	nota 4 a	foi	que foi
79	nota	de 3	de 23
83	nota 2a	dissera	disséra
83	4	a véla	á véla
94	3	56	50
94	16	na	ou
96	2	, que errára	que errára,
100	nota (B) 24	1789	1879
101	cota (C) 43	comprometeo-as	compromette-os
102	nota (D) 15	e	a
102	nota (D) 26	la	lá

E' possivel terem escapado mais alguns erros; outros deixamol-os de proposito, confiando que o leitor intelligente facilmente poderá corrigil-os.